

Estudo exploratório para a construção de um projeto
pedagógico-didático para a futura Casa-Museu do Medronho

Mónica Sofia de Jesus Ferreira

Lisboa, 31 de Maio de 2013

Mestrado em Arte e Educação

Estudo exploratório para a construção de um projeto pedagógico-didático para a futura Casa-Museu do Medronho

Projeto de Intervenção apresentado para obtenção de Grau de Mestre
em Arte e Educação
Mónica Sofia de Jesus Ferreira

Orientadora: Professora Dr.^a Cláudia Neves

Lisboa, 31 de Maio de 2013

RESUMO

Ao longo da história, as instituições museológicas foram concebidas como espaços de conhecimento, de cultura e de educação. Das diversas funções que estes espaços desempenham, a função educativa tem vindo a assumir uma maior valorização e reconhecimento nas últimas décadas. Os espaços museológicos apresentam um estatuto de um serviço público e a função educativa está associada ao seu próprio conceito e à missão. Os serviços educativos atuam como mediadores entre os públicos e o próprio espaço, oferecendo programas no âmbito da educação não-formal, cumprindo assim objetivos inerentes à função social, cultural e educativa, disponibilizando meios e ferramentas como exposições interativas, atividades de cariz artístico, pedagógicas-didáticas e visitas de estudos. Estes espaços são essenciais nas sociedades e assumem-se como meios facilitadores no processo de perceção e transmissão das heranças culturais. O presente trabalho baseia-se num estudo exploratório para a apresentação de um projeto pedagógico-didático para o futuro espaço museológico em Monchique. O projeto é constituído por três atividades direcionadas às crianças e jovens do concelho. As três atividades revestem um cariz lúdico e expressivo, pois este tipo de atividade favorece experiências de aprendizagem enriquecedoras porque desenvolvem as crianças no seu todo, permitindo novas compreensões sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmas. Para fundamentar este projeto desenvolvemos um trabalho empírico onde foram entrevistados alguns atores-chave de diferentes áreas, mas todos intrinsecamente ligados à educação, no objetivo de aproximar a nossa proposta às necessidades desta comunidade particular. Do ponto de vista teórico, aprofundamos conceitos em torno da museologia, dos novos paradigmas educacionais e também das expressões artísticas. O percurso desenvolvido proporcionou adquirir um conjunto de dados fundamentais que nos permitiram desenvolver uma proposta pedagógico-didática que poderá vir a ser desenvolvida no futuro. Quer a componente teórica, quer o trabalho de análise das entrevistas a atores relevantes neste contexto, foram fundamentais para a reflexão em torno do papel dos espaços museológicos a nível da promoção e da inserção cultural, em particular de crianças e jovens do concelho de Monchique.

Palavras-Chave: Museus, educação, inserção cultural e expressões artísticas

ABSTRACT

Throughout history, the museum institutions were designed as places of knowledge, culture and education. From these various, education is the one that has assumed a greater appreciation and recognition in recent decades. Museums have a status of a public service and in this sense, education is associated with its concept and mission. Educational services act as mediators between the public and the space itself, offering programs within the less-formal education, thus fulfilling goals inherent in society, culture and education, providing resources and tools such as interactive exhibits, oriented artistic activities, pedagogical-teaching and excursions. These spaces are essential in societies and they aid in the perception and transmission of cultural heritages. This essay is based on an exploratory study to present a pedagogical-didactic project for the future museum of Monchique. In this sense, this proposal consists of three activities aimed at children and young people of the county, which promote two art activities and one dynamic activity like a game that involves knowledge of the county, showing that these types of activities are rich learning experiences because they develop children as a whole, allowing new insights about the world, about others and about themselves. To support this project, we have developed an empirical research, interviewing some key factors related to different areas, but all related to education, in order to hear them and approximate our proposal to the needs of this particular community. From the theoretical point of view, we have deepened concepts around museums, new educational paradigms and also artistic expressions. We believe that the accomplished path has provided us with set important information that allowed us to develop a pedagogical-didactic proposal that may be developed in the future. We also believe that the theoretical components as well as the analytical work interviewing the relevant factors, in this context, were essential to the debate around the role of museums and promoting cultural inclusion of children and teenagers from Monchique.

Keywords: Museums, education, cultural integration and artistic expressions

À Mariana, minha filha,
fonte de inspiração e motivo para vencer os desafios da vida.

Agradecimentos

Antes de mais, gostaria de agradecer a todos os que me acompanharam neste percurso.

Em diferentes etapas, muitos foram os que me ajudaram no entendimento das questões da educação nos museus, nomeadamente colegas do Mestrado em Arte e Educação, Edição III e professores.

Um obrigado muito especial à Professora Doutora Cláudia Neves, a minha orientadora, que acompanhou todo o desenvolvimento do trabalho aqui apresentado, proporcionando um apoio fundamental.

Por outro lado, ao quero agradecer à minha família e amigos, que desde sempre, acreditaram em mim e na vontade de realizar este Mestrado.

Gostaria também de agradecer ao Dr. Rui André, pela sua disponibilidade e pelo seu contributo para este estudo, assim a como a todos os entrevistados pelas suas valiosas opiniões e conhecimentos.

A frequência neste Mestrado em Arte e Educação permitiu-me alargar horizontes relativamente às questões da arte e da educação junto das crianças e jovens.

Ainda, um agradecimento especial à Universidade Aberta, a Universidade que viu nascer este Projeto de Intervenção.

A todos vós, um **M**uito **O**brigado!

ÍNDICE GERAL

RESUMO.....	III
ABSTRACT	IV
DEDIDATÓRIA	V
AGRADECIMENTOS	VI
ÍNDICE GERAL	VII
ÍNDICE DE QUADROS	IX
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
ÍNDICE DE GRÁFICOS	IX
SIGLAS	X
PARTE I – INTRODUÇÃO	1
1. Pertinência e justificação do tema do projeto de intervenção	5
2. Contextualização da problemática	7
3. Objetivos e questões da Investigação	9
4. Estrutura e apresentação do estudo	11
PARTE II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
1. Os museus como espaços de educação não-formal	17
2. O papel dos serviços educativos nas estruturas museológicas	23
3. Os serviços educativos na Rede Portuguesa de Museus	27
4. A educação nos museus – paradigmas e inovações	31
5. A Educação artística como processo de inserção cultural	39
6. A experiência artística das crianças como processo de aprendizagem	43
PARTE III – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	47
1. Metodologia do estudo	49
2. Caraterização do objeto de estudo	51
3. Procedimentos de recolha de dados	53
PARTE IV – TRABALHO EMPÍRICO – DA ANÁLISE DE DADOS AO PROJETO PEDAGÓGICO-DIDÁTICO	63
1. Leitura dos dados recolhidos das entrevistas	65

2. Contextualização do estudo do projeto pedagógico-didático	75
3. Justificação e relevância do projeto pedagógico-didático	83
4. Objetivos pedagógicos, culturais e sociais do projeto pedagógico-didático	89
5. Apresentação de um projeto pedagógico-didático	93
PARTE V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
Considerações finais	103
Referências bibliográficas	107
Referências webgráficas	115
Anexos	119
Anexo I – Guiões das Entrevistas	121
Anexo II – Transcrição das Entrevistas	131
Anexo III – Análise de Conteúdo	159
Anexo IV – Atividade nº 1 – Vem decorar a Garrafa!	163
Anexo V – Atividade nº 2 – Aprende a rotular a garrafa!	171
Anexo VI – Atividade nº 3 – Jogo do Medronhito	173

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1 – Características e contributo dos entrevistados para o estudo	51
Quadro nº 2 – Documentação consultada	53
Quadro nº 3 – Guião	55
Quadro nº 4 – Caracterização dos entrevistados	57
Quadro nº 5 – Modelo geral de análise categorial	59
Quadro nº 6 – Modelo de análise	60
Quadro nº 7 – Museu/Casa-Museu	87
Quadro nº 8 – “O saber ser”	89
Quadro nº 9 – “O saber fazer”	90
Quadro nº 10 – “O saber”	90
Quadro nº 11 – Objetivos no âmbito cultural e social	91
Quadro nº 12 – Áreas gerais	92
Quadro nº 13 – Atividade nº 1 – Vem decorar a garrafa!	94
Quadro nº 14 – Atividade nº 2 – Aprende a rotular a garrafa!	94
Quadro nº 15 – Atividade nº 3 – Jogo do Medronhito – Vem descobrir a Serra de Monchique	95
Quadro nº 16 – Objetivos e públicos	96
Quadro nº 17 – Instrumentos de avaliação	99

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº 1 – Mapa do Algarve	76
Figura nº 2 – Fruto do Medronho	85
Figura nº 3 – Apresentação do projeto pedagógico-didático	93
Figura nº 4 – Casa-Museu do Medronho e parcerias	97

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1 – Caracterização do contexto local	77
Gráfico nº 2 – Caracterização da demografia	78

SIGLAS

AMAL – Comunidade Intermunicipal do Algarve

ANMP – Associação Nacional dos Municípios Portugueses

APOM – Associação Portuguesa dos Museus

CCDR - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve

DRE – Diário da República Eletrónico

ICOM – International Council of Museums

IMC – Instituto dos Museus e da Conservação

INE - Instituto Nacional de Estatística

IPM – Instituto Português dos Museus

QREN – Quadro de Referência Estratégico Nacional

RMA – Rede de Museus do Algarve

RPM – Rede Portuguesa dos Museus

RTA - Região de Turismo do Algarve

UALG – Universidade do Algarve

UNESCO - United National Education, Scientific and Cultural

INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Arte e Educação - III Edição, da Universidade Aberta foi proposto aos mestrandos, a realização e apresentação de uma dissertação ou de um projeto de intervenção para obtenção do grau de Mestre em Arte e Educação.

Tendo em conta os trabalhos e as atividades realizados nas unidades curriculares no primeiro ano, inclusive no estágio anual integrado no MAE, que decorreu em Silves, a escolha do tema da investigação reincidiu para as áreas da educação, da arte e da cultura.

O título da investigação é “*Estudo exploratório para a construção de um projeto pedagógico-didático para a futura Casa-Museu do Medronho*”, cujo tema principal é a educação nos museus.

Um dos objetivos deste estudo consistiu na construção de um projeto de natureza pedagógico-didático relacionado com o envolvimento das expressões artísticas e com um produto cultural da região para a futura Casa do Medronho.

Embora nos últimos anos a região do Algarve, tivesse melhorado a sua oferta artística, e aqui os museus são os grandes impulsionadores com o seu contributo, verifica-se que a oferta ainda continua a ser muito frágil.

A oferta de programas, atividades, formações, seminários e *workshops* a nível da educação artística, no âmbito de uma educação não-formal, ainda é reduzida, assim como os espaços destinados a esse efeito, particularmente nas zonas do interior algarvio, onde as crianças e jovens não têm essa oportunidade.

Todas as crianças e jovens devem ter a oportunidade de contatar com as artes e de realizarem experiências artísticas. Essa oportunidade pode abrir portas e despertar interesse nas crianças e jovens para a criatividade. A arte tem essa capacidade, o importante e que essa oportunidade chegue a todos.

O estudo exploratório realizado ao longo destes dois anos permitiu-nos adquirir conhecimentos relacionados com a importância da sensibilidade artística e para a criação artística. E de facto, foi o que se tentou fazer com este estudo, a elaboração de um projeto no âmbito da educação pela e para arte em contexto de museu.

O estudo é constituído por cinco partes, a primeira parte é composta pela introdução, onde é apresentado o tema do estudo, a sua pertinência e os objetivos a atingir.

Para alcançar esses objetivos propostos foi fundamental proceder à fundamentação teórica referida na parte dois. Esta parte do estudo baseou-se numa análise em torno de conceitos sobre a educação nos museus, salientando a importância dos serviços educativos e o contributo da experiência artística no processo de aprendizagem das crianças e jovens.

A terceira parte é constituída pelo enquadramento metodológico, onde fundamentamos os métodos de recolha que utilizámos para recolher informação sobre o papel dos espaços museológicos na região e informação sobre o concelho de Monchique. Procurámos junto de atores relevantes informações pertinentes para a problemática em estudo. Na quarta parte apresentámos o trabalho empírico, que consiste na análise e leitura de dados referentes às entrevistas e a apresentação do projeto pedagógico-didático, tendo em conta, o contexto sociocultural, o económico e o educativo da Vila de Monchique. O projeto pedagógico-didático é constituído por três atividades lúdicas, pedagógicas e artísticas, “Vem decorar a tua garrafa!”, “Aprende a rotular a garrafa!” e o “Jogo do Medronhito” direcionadas às crianças e jovens, desde do ensino pré-escolar ao ensino secundário.

Por último, na quinta parte, são apresentadas as considerações finais, que incluem uma apreciação global e crítica de todo o trabalho desenvolvido neste projeto.

PARTE I
INTRODUÇÃO

“Nós todos temos sonhos. Mas, para tornar os sonhos reais, é preciso uma enorme quantidade de determinação, dedicação, autodisciplina e esforço”

Jesse Owens

1. PERTINÊNCIA E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

A escolha de um tema de investigação para este projeto de intervenção constituiu um momento decisivo no percurso pessoal, profissional e académico da mestranda, onde se cruzaram experiências, motivações e interesses de várias áreas desde da educação, da arte, da cultura e do turismo.

O título escolhido “*Estudo exploratório para a construção de um projeto pedagógico-didático para a futura Casa-Museu do Medronho*” pretende sublinhar a importância da educação nos museus. Este estudo visa explorar o potencial das expressões artísticas nos espaços educativos dos museus. Potencial esse, que pode se evidenciar através de diferentes atividades devidamente estruturadas e dinamizadas, tendo em conta a temática dos museus subjacente ao público-alvo. Este trabalho poderá contribuir para refletir sobre a importância dos serviços educativos nos museus e demonstrar que as instituições museológicas são espaços privilegiados que podem promover experiências lúdicas, pedagógicas e artísticas aos seus visitantes de idades mais jovens.

De uma forma geral, o desenvolvimento deste trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Arte e Educação da Universidade Aberta, prendeu-se com o interesse pessoal da mestranda enquanto técnica de turismo, professora e colaboradora numa associação de solidariedade e apoio à família e já colaboradora num museu, bem como a pertinência investigativa daquilo que se pretende aprofundar, que é estudar a importância de serviços educativos nos museus e explorar questões a nível dos contributos desses serviços junto das crianças e dos jovens do concelho.

Se até então o trabalho de pesquisa desenvolvido nos tinha permitido problematizar o olhar sobre os museus, enquanto espaços educativos favoráveis à prática artística, este projeto permitiu equacionar contributos para o aprofundamento de outras perspetivas em torno do fenómeno da educação como inserção cultural.

As instituições museológicas, assumindo neste estudo, que se tratam de uma das mais importantes instâncias educativas da sociedade, são aqui entendidas como espaços culturais que viabilizam, fomentam e incentivam a troca de experiências, a aprendizagem, e o conhecimento de uma forma dinâmica, oferecendo propostas diferentes através de experiências visuais, estéticas e de criação artística.

A parte empírica deste projeto culminou com o desenvolvimento de um estudo exploratório, que teve como um dos objetivos a realização de um projeto pedagógico-didático para o futuro espaço museológico em Monchique. Este projeto é constituído por três atividades destinadas a crianças e jovens, onde se teve em conta vários aspetos tais como a demografia, o contexto social e a identidade cultural do concelho.

Esta proposta pretende salientar o potencial educativo das artes e proporcionar a oportunidade às crianças, desde o início da escolaridade, de contactar com as expressões artísticas em espaços museológicos.

No contexto educativo, social e cultural do nosso país, o desenvolvimento desta proposta visa contribuir para colmatar uma lacuna na educação artística formal e não formal, que insistentemente continua a caracterizar a zona do Algarve, ou seja a falta de oportunidades e de lugares propícios para as crianças desenvolverem atividades nas áreas do saber e do fazer envolvendo as expressões artísticas.

Os responsáveis pelos museus devem motivar e estimular as práticas artísticas que tenham como produto a construção do conhecimento e o desenvolvimento artístico. Para que este objetivo seja atingido neste projeto, é destacada a importância da participação ativa dos diversos sectores da comunidade, nomeadamente dos professores, da autarquia e das instituições museológicas na elaboração conjunta de projetos que tenham como referencial o património cultural e as tradições. As escolas e os museus devem estabelecer parcerias, de modo, a que possam atuar como uma grande rede de partilha de interação e de conhecimentos.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Ao longo dos tempos, o conceito de museu tem evoluído, assim como a sua relação com a educação. Os museus deixaram de serem considerados como simples locais de transmissão de conhecimentos e passaram a serem vistos também como espaços que promovem atitudes criativas e autónomas na resolução de desafios e de problemas. Os museus adicionaram à função de conservar e expor, a função educativa. (Quintanilha, 2003).

Os novos desafios gerados pela globalização e pelo avanço tecnológico levaram-nos a pensar a aprendizagem como um processo que vai, para além das escolas e do ensino formal, estendendo-se a novos espaços, nomeadamente aos museus. Segundo estudos realizados, cada vez mais os professores de diferentes áreas, interessam-se por conhecer melhor estes espaços, tendo como objetivo proporcionar um melhor aproveitamento dos mesmos pelos alunos (Padilha, 1998).

A conceção dos museus como locais de educação, de inserção cultural e artística exige uma transformação das práticas no meio museológico. Os seus profissionais devem reorganizarem-se segundo uma estrutura própria de acordo com os visitantes e os contextos em que se realizam.

O projeto de intervenção aqui apresentado foi projetado para o Algarve, mais propriamente para o concelho de Monchique. Os museus e aqui englobamos as casas-museu, constituem, cada vez mais, espaços fundamentais para o desenvolvimento regional e local, e importantes pólos dinâmicos de educação e de ação cultural nas regiões onde se inserem (Gonçalves, 2009).

Neste sentido, os museus também são instrumentos e parceiros insubstituíveis para a preservação, valorização e divulgação de tradições culturais, e simultaneamente, como fator de desenvolvimento sociocultural a nível regional. Deste modo, destacamos a importância que os serviços educativos devem assumir nos museus e lançamos duas questões para este projeto.

Qual a importância das atividades lúdicas ou expressivas nos museus para o processo de aprendizagem das crianças?

Pode o futuro espaço enquanto instituição museológica desenvolver atividades com o envolvimento das expressões artísticas, de forma a favorecer a experiência artística nas crianças e aprofundar o conhecimento sobre a comunidade e as tradições em que se insere?

O resultado de leituras de teses e artigos na área da educação e museus apontam para a mesma conclusão. De facto, as instituições museológicas podem potencializar o desenvolvimento das experiências significativas nas áreas da educação e da arte. As áreas artísticas encontram-se diminuídas pelo peso das áreas curriculares a que se tem dado mais importância no âmbito do ensino formal. O desenvolvimento do presente projeto pedagógico-didático visa demonstrar outra possibilidade de proporcionar às crianças experiências artísticas, de uma área que se encontra desvalorizada no contexto educativo português.

Este projeto é composto por uma contribuição teórica a qual suporta e fundamenta a parte prática, que pretendemos que seja pertinente dando substancial contributo num contexto em que a educação nos museus começa a ganhar ênfase por parte da sociedade no geral, dos principais agentes educativos e dos responsáveis dos museus em especial. Neste momento, em que as entidades museológicas tentam ganhar públicos mais jovens.

3. OBJETIVOS E QUESTÕES DA INVESTIGAÇÃO

No desenvolvimento deste estudo tomaremos como ponto de partida, a importância da educação nas instituições museológicas. Os museus são espaços que contribuem para a inserção cultural e artística, pois considera-se que há poucas coisas tão enriquecedoras como a experimentação de novas situações e materiais em espaços diferentes. As crianças aprendem mais facilmente com o uso de diversos materiais e atividades dinâmicas que estimulam as sensações, e é nesse sentido que acreditamos que muitas aprendizagens podem ser mais facilmente apreendidas pelas crianças, com maior entusiasmo, estimulando a curiosidade que lhes é inata e a vontade de viver mais experiências em espaços como os museus e as casas-museu.

A importância da educação artística e a sua utilização deve ser fomentada e incentivada logo de início aos mais jovens nestes espaços. A educação nos museus poderá servir como uma espécie de iluminação no sentido de clarificar algumas ideias e de conhecimento para o projeto pedagógico-didático que se pretende apresentar.

Passamos a indicar o objetivo geral do estudo e de seguida, os objetivos específicos:

Objetivo geral

Contribuir para a reflexão em torno das experiências artísticas das crianças nos espaços museológicos, como forma de enriquecer o processo de aprendizagem dos mais jovens favorecendo a expressão artística dos mesmos através do conhecimento das comunidades onde se inserem.

Objetivos específicos

- Analisar o contributo dos serviços educativos dos museus para a educação não-formal
- Analisar a importância da educação artística nos espaços museológicos para as crianças e jovens
- Conhecer as perceções dos principais atores-chave relativamente às experiências educativas em espaços museológicos da região.
- Desenvolver um projeto pedagógico-didático para a futura Casa do Medronho em Monchique

Estes objetivos resultaram de um conjunto de questões que orientaram todo este trabalho e que se resumem em três eixos principais:

1. Qual o potencial das experiências artísticas em espaços educativos dos museus para o processo de aprendizagem das crianças?
2. De que forma é que as expressões artísticas podem promover a inserção cultural das crianças na comunidade local?
3. Como desenvolver um projeto pedagógico-didático que potencie experiências artísticas para crianças, que estimulem o conhecimento e a aprendizagem, bem como a inserção cultural?

4. ESTRUTURA E APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Devido à natureza deste projeto este apresenta-se dividido em cinco fases distintas. Como em qualquer dissertação ou projeto, a primeira parte consiste na introdução, na qual é apresentada a pertinência e justificação do projeto, a problemática, os objetivos e bem como as questões da investigação e a estrutura do estudo.

Na segunda parte, podemos encontrar o enquadramento teórico do estudo, sendo constituída pela análise de conceitos e teorias pertinentes como a educação não-formal nos museus, o papel dos serviços educativos nas estruturas museológicas, a análise sucinta dos serviços educativos na Rede Portuguesa dos Museus, a importância das visitas de estudo e das exposições interativas nos museus. As expressões artísticas, como meio de inserção cultural e a experiência artística como processo de aprendizagem junto das crianças, também serão analisados nesta parte.

A terceira parte é constituída pelo enquadramento metodológico. Esta parte do estudo será dedicada à caracterização do objeto do estudo e aos procedimentos de recolha de dados. Desta forma, este projeto direcionou-nos para um objeto de estudo que abarca preferencialmente uma natureza descritiva de um concelho e de uma região com características muito próprias, sendo por isso utilizada uma metodologia de carácter qualitativo.

O paradigma interpretativo valoriza a compreensão e a explicação, pretende desenvolver e aprofundar o conhecimento de uma dada situação num dado contexto (Bogdan e Biklen, 1982), o que vai de encontro aos objetivos do nosso estudo.

A componente empírica deste estudo resultou de dois percursos distintos: uma auscultação a alguns atores-chave interessados no desenvolvimento do conhecimento e aprendizagem das crianças através de experiências artísticas em museus; e a análise de documentos que nos permitiram contextualizar o projeto pedagógico-didático.

Considerámos que seria fundamental, começar este trabalho questionando professores, membros da autarquia local e técnicos na área da museologia sobre as necessidades e a oferta de experiências educativas em espaços museológicos da região. Nesse sentido desenvolvemos um conjunto de entrevistas a atores-chave representantes destas áreas.

Em relação à pesquisa documental, consultámos vários documentos e dados estatísticos que nos permitiram conhecer o contexto onde pretendemos desenvolver o projeto pedagógico-didático para um espaço museológico. Esta pesquisa documental permitiu-nos, também, caracterizar a oferta educativa nos museus em Portugal.

Na quarta parte do nosso estudo foi desenvolvido o trabalho empírico ou seja a leitura dos dados recolhidos pelas entrevistas e a concretização do projeto pedagógico-didático para implementação no futuro espaço museológico.

Ao realizarmos o projeto, tivemos a preocupação que as três atividades fossem devidamente contextualizadas para o concelho de Monchique. Ainda nesta parte, podemos encontrar a análise da leitura dos dados recolhidos das entrevistas, a justificação e a relevância da proposta, assim como os objetivos pedagógicos, culturais e sociais e a apresentação do mesmo.

Por último, são apresentadas as considerações finais a que chegamos com a realização deste projeto, as referências bibliográficas e os anexos.

NOTAS CONCLUSIVAS

O tema deste projeto de investigação é a Educação nos Museus. Nesta primeira parte do estudo, direcionamos todas as nossas atenções para a organização do mesmo. O nosso olhar atento foi centrado nos museus enquanto espaços educativos e enquanto espaços favoráveis à prática de atividades artísticas e de inserção cultural. Mas, qual a importância e o papel das atividades educativas nos museus? Pode o futuro espaço museológico de Monchique enquanto instituição desenvolver atividades, de forma a favorecer o desenvolvimento artístico nas crianças? De uma forma geral, tentaremos responder a estas questões ao longo do nosso projeto. Assim sendo, este estudo é composto por uma contribuição teórica e uma prática, que consiste na apresentação de uma proposta pedagógico-didática para que possa ser desenvolvida no futuro espaço museológico.

PARTE II
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“A educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo”

Nelson Mandela

1. OS MUSEUS COMO ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Nesta parte do estudo pretendemos aprofundar a dimensão educativa dos espaços museológicos. Ao longo dos séculos, este tipo de espaços desenvolveram diferentes formas de relação com os seus públicos, entre eles o escolar.

Após várias pesquisas em *sites* de museologia e em bibliografia de referência à procura de uma definição de museu, constatamos, que nas diversas definições, a função educativa faz parte integrante da definição do conceito.

A definição atual segundo o Conselho Internacional dos Museus, de acordo com os Estatutos do ICOM (*International Council of Museums*)¹ adotados na 21ª Conferência Geral, em Viena (Áustria), em 2007, o museu é definido como uma instituição “(...) ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa comunica e exhibe o património tangível e intangível da humanidade e do seu meio envolvente para fins de estudo, educação, e prazer”.²

A definição de museu tem evoluído ao longo dos tempos, de acordo com as mudanças na sociedade, e desde, a sua criação em 1946, o ICOM tem vindo a atualizar a definição de museu para que possa ser aplicável com a realidade dos museus. Desta forma, os museus assumem-se como instituições ao serviço da sociedade e representam uma oportunidade de inserção cultural e social, principalmente, para as comunidades onde se inserem como importantes meios para o intercâmbio cultural e para o enriquecimento das culturas.

Em Portugal, o conceito de museu, adotado e introduzido na Lei-quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º47/2004 de 19 de Agosto)³ é definido como:

¹O ICOM (*International Council of Museums*) é uma organização fundada em 1946 constituída por profissionais de museus. A sua rede de museus é constituída por 30.000 museus. In <http://icom.museum> [consultado [05-09-2012]]. Em Portugal, o Comité Nacional Português do ICOM já existe desde a década de cinquenta. <http://www.icom-portugal.org/default.aspx>

²ICOM <http://icom.museum/the-vision/museum-definition/> [05-09-2012]

³Lei-quadro dos Museus Portugueses (Lei n.º47/2004 de 19 de Agosto) baseou-se no conhecimento da realidade portuguesa, na experiência recente desenvolvida pelo Instituto Português dos Museus (IPM) de criação da Rede Portuguesa dos Museus e na atenção às orientações internacionais. A participação desta nova lei, envolveu representantes da Associação Portuguesa de Museus (APOM), do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), diretores de museus e docentes universitários. In http://www.imc-ip.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf [07-09-2012]

“uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação com objectivos científicos, educativos e lúdicos; b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.”

Das linhas orientadoras da Lei-quadro nº 47/2004, de 19 de Agosto, a introdução de conceitos facilitou um entendimento do panorama museológico, designadamente com a definição do conceito de museu e a introdução da particularidade de coleção visitável.

A sensibilização das entidades de quem dependem os museus para os requisitos exigíveis para a criação deste tipo de instituições, a melhoria de qualificação e de boas práticas e de modelos a seguir foram consequências da Lei-quadro dos Museus Portugueses.⁴

Este conceito aproxima-se da definição do ICOM e introduz, pela primeira vez, a necessidade de se possuir uma coleção visitável, bem como um processo de credenciação dos museus, para que tenha lugar o reconhecimento oficial da qualidade técnica dos museus.

Os requisitos e o processo encontram-se regulamentados pelo Despacho Normativo n.º3/2006 do Ministério da Cultura e foram publicados em Diário da República, I Série-B, Nº 18 de 25 de Janeiro de 2006.⁵

Os debates desenvolvidos no seio do ICOM mostram que as preocupações não estão apenas direcionadas para as funções e organização do museu, mas voltam-se também, para os conceitos que procura uma maior interação com o contexto social e com o património cultural (Studart, 2006).

Em função destas reflexões, a definição atual para além das suas funções de preservar, conservar, pesquisar, comunicar, e expor, os museus são instituições ao serviço da sociedade, voltadas para o estudo, para a cultura e para a educação.

Antes de aprofundarmos os museus como espaços de educação, é necessário perceber como decorre a aprendizagem nos museus nos dias de hoje.

⁴IMC-Instituto dos Museus e da Conservação. In http://www.imc-ip.pt/pt-PT/rpm/lei_quadro_m_p/PrintVersionContentDetail.aspx [visualizado a 05-09-2012]

⁵Fonte: Diário da República <http://dre.pt/pdf1sdir/2006/01/018B00/06030608.pdf> [visualizado a 05-09-2012]

Afinal, como se processa a aprendizagem das crianças em locais como os museus?

Os espaços museológicos foram assumindo cada vez mais um papel educativo e desta forma, têm sido caracterizados como locais que possuem uma forma própria de desenvolver o seu papel educativo, associados à educação não-formal e é nesse sentido que se tem orientado grandes reflexões nos últimos anos.

Fronza-Martins⁶ (2006, p. 71) comenta que a educação nos museus assume um papel importante e que é um *“foco de interesse na atualidade, tanto no que diz respeito ao seu papel social, quanto no que se refere às praticas realizadas nesse espaço e suas possíveis reflexões”*.

A mesma autora (2006, p. 71) evidencia ainda que as ações educativas nos museus têm como finalidade *“o desenvolvimento e promoção da divulgação, bem como na formação de público como forma de disseminar conhecimentos por meio de uma ação educativa”*.

Nos últimos anos, temos vindo a assistir à afirmação e ao crescimento da função educativa nos museus, não só em Portugal, mas como em todo o mundo. Esta realidade tem-se traduzido na criação dos serviços educativos, que funcionam como mediadores entre os públicos e o museu, garantido uma comunicação entre os objetos expostos nas coleções.

Enquanto espaços de educação não-formal, os museus distinguem-se das experiências formais da educação como aquelas desenvolvidas na escola e das experiências informais que estão associadas à família e aos amigos.

Contudo, a caracterização e a diferenciação dos espaços associados à educação não-formal, não é uma tarefa simples.

Apesar de se reconhecer algumas particularidades educativas que os museus possuem, muitas vezes, os termos formal, não-formal e informal são utilizados de modo controverso, o que é considerado por alguns como educação não-formal ou outros designam de informal, isso faz com que ainda não haja um consenso (Marandino,

⁶Fronza-Martins, A. (2006). Da magia à sedução: a importância das actividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte. In <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPDF/71-74> [consultado 26-10-2012]

2009).⁷ A educação não-formal tornou-se parte do discurso internacional em políticas educacionais no final dos anos 60 (Smith, 1996).⁸

Segundo (Falcão, 2009), a educação formal está presente no ensino escolar, é cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturada, e a educação informal permite a qualquer pessoa adquirir e armazenar conhecimentos através de experiências diárias como em casa ou no trabalho. A educação não-formal define-se como uma educação organizada e sistemática que se realiza fora do sistema formal de ensino.

Como aponta Gohn (2006)⁹ é necessário especificar as diferenças entre os conceitos de educação formal, de educação informal e de educação não-formal. Para a autora a educação formal decorre nas escolas, com conteúdos programados; a informal como aquela em que os sujeitos aprendem na sociedade com a família ou com amigos e está associada a valores e a culturas e, por último, a educação não-formal que diz respeito a todas as atividades de aprendizagem organizadas e sistematizadas para promover determinadas aprendizagens e que são realizadas fora do sistema formal de ensino.

O conceito de educação não-formal tem estado no centro de variados debates sobre questões educativas um pouco por todo o mundo e no seio do Conselho da Europa e da União Europeia (Pinto, 2005).¹⁰

Em Portugal, podemos identificar práticas educativas associadas à educação não-formal realizadas por organizações da sociedade civil e que assumem as mais diversas formas, desde seminários de formação a *workshops* temáticos, conferências ou trabalhos e nos últimos anos estas práticas têm-se estendido aos espaços museológicos.¹¹

De facto, não existe hoje em dia, uma definição consensual de educação não-formal, este conceito é objeto de versões diferentes de acordo com diferentes culturas, tradições, contextos político-educativos de cada país.

⁷Marandino, M. et al (2009). Ministério da Educação do Brasil, Secretaria de Educação à Distância. Salto para o futuro. Museu e escola: educação formal e não-formal, Ano XIX –Nº 3 – Maio/2009

⁸Smith, M. (1996). Non-formal education. In índef org. <http://www.infed.org/biblio/b-nonfor.htm> [consultado 26-11-2012]

⁹Gohn, M. (2006) Educação não-formal na pedagogia social. In <http://www.proceedings.scielo.br/> [consultado 28-11-2012]

¹⁰Pinto, L. (2005). Sobre Educação Não-formal, Revista Formar, nº 54, 2006, pp 17-22. In http://www.iefp.pt/iefp/publicacoes/Formar/Documents/Formar%202006/FORMAR_54.pdf [consultado 28-11-2012]

¹¹*Idem, Ibidem*

A educação não-formal baseia-se na motivação pessoal do sujeito, é voluntária e tem formatos diferentes de tempo nas dimensões de aprendizagem.

Os resultados obtidos da aprendizagem não são avaliados como nas escolas, são avaliados de uma forma específica inerente ao próprio processo de desenvolvimento e à metodologia utilizada e integrada no programa de atividades. Em relação aos objetivos e as metodologias, estes visam o desenvolvimento e a experiência pessoal do sujeito no seu todo e no desenvolvimento das suas competências pessoais, de forma a evidenciar a criatividade de cada um (Pinto, 2005). Para além do ponto vista ao processo pedagógico, “*o conceito de educação não-formal envolve, como uma parte integrante do desenvolvimento de saberes e competências, um vasto conjunto de valores sociais e éticos*” (Pinto, 2005, p. 21).

Centrando-nos nos espaços museológicos como espaços favoráveis para a prática da educação não-formal Chagas (1993) acrescenta que a educação não-formal é vinculada pelos museus, pelos meios de comunicação e por outras instituições que organizam eventos de diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com a função de ensinar a um público heterógeno. Fronza-Martins (2006, p. 72) reforça a ideia de que “*a educação não-formal, observada no âmbito dos museus, possui um eixo de atuação centrado nas atividades realizadas nestes sob a denominação de ação educativa.*”¹²

Este tipo de educação é um recurso valioso na construção de futuros cidadãos ativos, com sentido ético e participativos. Acreditamos que deve existir uma articulação entre a educação não-formal, a educação informal e a formal, de forma a permitir e a viabilizar mudanças na educação e na sociedade. É necessário uma educação que forme a criança para compreender e atuar nos dias de hoje. Neste sentido, os museus assumem-se como locais fundamentais na partilha, gestão e articulação de conhecimentos, costumes, tradições entre a comunidade e as crianças e jovens.

Para refletir melhor sobre o que se quer dizer quando se considera os museus enquanto espaços não-formais de educação, consideramos que é importante refletir sobre diversos aspetos. Em primeiro lugar prestar atenção aos conteúdos e à forma como são apresentados ao público, principalmente às crianças e aos jovens; segundo, observar as atividades propostas nestes espaços e a forma como a escola e outros

¹²*Idem, Ibidem*

públicos se relacionam com eles, identificar os objetivos a atingir e por último investigar a história e a dinâmica institucional do próprio museu.

2. O PAPEL DOS SERVIÇOS EDUCATIVOS NAS ESTRUTURAS MUSEOLÓGICAS

Como refere Andréa Falcão (2009, p. 14) “*os museus possuem um caráter educacional vinculado à própria origem, uma vez que, desde o início, configuravam-se como espaços de pesquisa e ensino*”. Tal como aponta Henriques (1996, p. 67) “*Já há muito tempo que as escolas realizam visitas de estudo a museus. Estes, por sua vez, reconheceram a importância do público escolar e criaram os “sectores educativos”*”, o que nos leva a crer que os museus já reconheciam a importância da educação nos seus espaços há bastante tempo. Henriques (1996, p. 67) refere ainda que o reconhecimento do museu enquanto espaço de educação “*remontará a 1952, com a publicação, pelo ICOM, do texto Musée et Jeunesse, seguido de Musée et personnel enseignant, no ano de 1956*”¹³. Foi a partir desta altura que se começou a pensar nos museus enquanto espaços de educação e de conhecimento.

O papel educativo dos museus tem vindo a ser cada vez mais reconhecido e os museus tem sido caracterizados e identificados como instituições educativas que possuem uma forma própria de desenvolver a sua dimensão educativa.

Os museus sofreram influência das teorias educacionais de todo o mundo. Ao longo da história dos museus, a própria dimensão educativa foi modificando-se, sendo possível identificar tendências pedagógicas próprias da educação nas ações desenvolvidas nestas instituições. O trabalho de Cazelli et al. (2003) ajuda a compreender como estas tendências foram sendo assumidas pelos museus ao longo da sua existência.

Para apresentar estas ideias, os autores tomaram como referência os estudos de McManus (1992), o qual identifica três gerações dos museus. A primeira geração dos museus teve início do século XVII onde apresentavam-se os objetos aos reis, de forma aleatória, sem rigor científico. Só no século XVIII, é que surgiram os primeiros museus de história natural. As coleções começaram a organizar-se e a serem utilizadas para estudos e pesquisas, apesar do seu objetivo ainda não ser o de educar o público.

A segunda geração dos museus surgiu nos séculos XIX e XX, com temas ligados à ciência e à indústria. Nem a escola nem o museu, reconheciam a importância da

¹³Henriques, L. (1996). A comunicação na escola e no museu. Cadernos de Sociomuseologia, v. 5, nº 5. In <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/253/162>. [consultado 30-11-2012]

participação do público. No entanto, neste período iniciou-se uma tentativa de conversa com o público. Para ajudar a compreensão da ciência nos museus surgem os meios interativos nas exposições com respostas programadas e interação limitada como uma nova forma de comunicação com os visitantes procurando manter o interesse do público.

A terceira geração de museus de ciências apontada por McManus (1992), surgem na segunda metade do século XX, e teve como tema os fenômenos e os conceitos científicos, sendo marcada pela interatividade nas novas tecnologias nas exposições. A importância dos museus de ciências passou a ser informar e comunicar com os visitantes. O sujeito é ativo no processo educativo no museu e a sua aprendizagem resulta da sua interação. A partir da década de 1980, as exposições dos museus foram influenciadas por teorias construtivas. O sujeito desempenha um papel ativo na construção da sua aprendizagem como um processo dinâmico e interativo entre o indivíduo e o ambiente (Studart, 2003).

Para Ramos (2008)¹⁴ o museu tem um carácter pedagógico e a função de transmitir ideias e conhecimento, o que envolve um processo comunicativo. Não existe assim um discurso neutro, a exposição que o museu apresenta é o resultado de uma pesquisa prévia e as ações educativas desempenhadas pela instituição são programadas e têm objetivos. Nesse sentido, a ação educativa integra uma das principais missões dos museus, que é a de comunicar e de educar, um museu que não comunica com o público não tem razão de existir.

Segundo Silva (2011)¹⁵ os museus não são instituições isoladas, os museus estão inseridos num meio, numa cidade, numa comunidade ou numa região. Este aspeto também deve ser tomado em consideração na formulação das exposições e nas ações educativas a desenvolver. As práticas educacionais dos museus, seja qual for a sua tipologia, tema, tamanho, podem ser funcionar como formas de mediação com o público.

A comunicação deve ser planeada não apenas naquilo que se pretende transmitir, mas também deve ser programada para quem que ser transmitir, ou seja, o público

¹⁴Ramos, F. et al (2008). Cadernos de diretrizes museológicas 2, Mediação em Museus, Curadorias, Exposições e Ação Educativa. De objetos a palavras. Reflexões sobre curadoria de exposições em Museus de História. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil [consultado 30-11-2012]

¹⁵Silva, A. (2011). Ação Educativa: Uma Análise das Práticas do Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios e Centros Associados, Rio Grande-RS. Curso de Bacharelato em Museologia, Universal Federal de Pelotas, Brasil. [consultado 30-11-2012]

específico. Nesta perspectiva é importante conhecer o público, é necessário fazer um estudo do público porque é relevante no desenvolvimento de ações educativas, uma vez que gera dados valiosos para que a instituição pondere sobre as suas práticas e os objetivos a atingir.

A ação educativa de um museu deve ser estruturada pelos responsáveis como um processo insubstituível. A educação é fundamental para que uma sociedade se conheça e reconheça a sua identidade, a sua cultura, as suas tradições e o seu património.

Um museu com uma política de educação bem estruturada pode aproximar a comunidade à instituição, e ainda, pode possibilitar oportunidades de aprendizagem através do seu próprio contexto e da sua história (Silva, 2011). É com base nesta informação, que iremos tentar desenhar um projeto pedagógico-didático para a Casa do Medronho.

3. OS SERVIÇOS EDUCATIVOS NA REDE PORTUGUESA DE MUSEUS

Neste ponto referente aos serviços educativos na Rede Portuguesa de Museus foi fundamental a consulta da publicação “Serviços educativos na Cultura”.¹⁶ Clara Camacho apresenta uma reflexão bastante pertinente sobre os serviços educativos na Rede Portuguesa, com base em dados e estudos estatísticos da Rede Portuguesa de Museus, do Instituto Nacional de Estatística e do Observatório da Atividades Culturais.

O primeiro serviço educativo numa instituição museológica em Portugal iniciou-se há pouco de mais de meio século no Museu Nacional de Arte Antiga. Os profissionais das instituições museológicas portuguesas, desde cedo, começaram-se a interessar pela relação entre a educação e os museus, como é o exemplo do Seminário e ainda o conjunto de conferências organizados pela Associação Portuguesa de Museologia em 1967. No entanto, só no final dos anos setenta é que se assistiu a um primeiro avanço de criação de serviços educativos em museus, principalmente em museus de administração central e em alguns privados e ainda na criação de museus autárquicos (Camacho, 2007).¹⁷

Segundo Camacho, esta abertura dos museus nacionais ao campo social é uma tendência dos anos setenta. Esta situação foi favorecida pela democratização cultural a partir de 1974 e devido à intervenção das autarquias. As instituições museológicas começam a reconhecer a importância de temas ligados ao património, de ordem artística, histórica, etnográfica e arqueológica, e passaram a revalorizar o património industrial, científico, técnico, contemporâneo, e mais recentemente o virtual.¹⁸

Segundo Camacho (2007, p. 28) o serviço educativo de um museu tem como principal função “*o cumprimento da função museológica da educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas*”.

Durante a realização deste estudo consultamos diversos *sites* de museus e visitamos alguns, e após a uma análise dos serviços educativos de museus, constatou-se que o uso da expressão serviço educativo é hoje predominante na grande maioria dos museus, no entanto, coexistem com outras denominações utilizadas nos museus.

¹⁶Barriga, S. et al (2007). Serviços Educativos na Cultura, SETEPÉS, Coleção Públicos nº 2, Novembro. [consultado 12-12-2012]

¹⁷*Idem, Ibidem*

¹⁸*Idem, Ibidem*

Segundo Camacho (2007, p. 29) com base em dados do Instituto Nacional de Estatística apresenta os seguintes dados referentes ao ano de 2002, onde foram 591¹⁹ entidades inquiridas “*quase metade (48%) afirmou possuir serviço educativo, valor mais elevado que o dos anos anteriores (em 2000 correspondia a 44%), enquanto 52% afirmam não possuir serviço educativo*”

Segundo estes dados, podemos verificar a realidade educativa dos museus nacionais, apesar de muitos museus não disporem de serviço educativo devidamente estruturado, acabam por promover, de certa forma, algumas ações de intenção educativa.

O inquérito do Instituto Nacional de Estatística permite também analisar os museus que afirmam possuir serviço educativo, quanto à dependência tutelar, à distribuição geográfica e ao ano de abertura do museu. Verifica-se que em “(…) 2002, *cerca de dois terços dos museus dependentes da administração central possuem serviços educativos, o que constitui a tutela percentagem mais elevada*”. (Camacho: 2007, p. 29).

Em relação à distribuição geográfica, podemos verificar que “*a região da Madeira que apresenta maiores percentagens de museus com serviços educativos (71%), enquanto no Continente é a Região de Lisboa e Vale do Tejo (57%), seguida do Norte (50%)*” (Camacho, 2007, p. 30).

De acordo com o inquérito do Instituto Nacional de Estatística são muitos os museus abertos dos anos setenta que possuem serviços educativos, o que nos leva a concordar com Camacho em que a “*existência de serviços educativos em museus mais antigos é dominante*”. A autora acrescenta ainda que “*Na década de noventa, os museus demonstram um aumento do que os anos anteriores, com 46% dos museus com serviço educativo, número que, contudo desce nos museus criados entre 2000 e 2002 (38%)*”.²⁰

Estes dados são motivo de alguma inquietação e já Camacho (2007) aponta para a necessidade de uma “*reflexão uma vez que seria de esperar uma maior atenção à ação educativa por parte dos museus de criação mais recente, designadamente aqueles nascidos já depois da existência da Rede Portuguesa de Museus.*”²¹

¹⁹As 591 entidades inqueridas pelo Instituto Nacional de Estatística correspondem a entidades autodesignadas museus, dotadas dos critérios mínimos: em funcionamento permanente ou sazonal, com pelo menos uma sala ou espaço de exposição e uma pessoa ao serviço.

²⁰*Idem, Ibidem, p.30*

²¹*Idem, Ibidem, p.30*

Segundo a mesma autora, é importante evidenciar que a Rede Portuguesa de Museus dispõe de programas de apoio no sentido de apoiar a criação e o arranque de funcionamento futuro dos serviços educativos, e ainda dá apoio a museus que ainda não tenham serviços educativos e pretendam desenvolver os mesmos.

Em relação aos museus da Rede Portuguesa dos Museus quanto à existência de serviço educativo organizado e com atividades programadas, regulares e divulgadas é de 91%. Nos restantes 9% encontram-se os restantes museus em fase evolutiva e de transição para existência de serviço educativo.²²

Segundo o Instituto dos Museus e Conservação,²³ os serviços educativos são uma das áreas de trabalho mais dinamizadas nos seus Museus e Palácios. Nos últimos anos têm vindo a realizar iniciativas, numa forma mais dinâmica tendo em conta o desenvolvimento da função educativa dentro dos espaços museológicos, contribuindo para uma maior diversificação das atividades.

A oferta de produtos e serviços passa por ateliês e oficinas, sessões de conto, espetáculos de música, teatro, dança, *workshops*, seminários, jogos, visitas guiadas a coleções ou setores específicos do museu, e ainda de edições e instrumentos didáticos destinados a diversos públicos.

Nas atividades são utilizados materiais educativos e informativos diversos como: edição de livros, jogos, guias, *flyers* diversos, folhas de atividades, *kits* de materiais pedagógicos, guia-auditivo, aplicativos multimédia, *cd-rom*, site, entre outros.

A função educativa dos museus é reconhecida pelos organismos internacionais como um dos principais fulcros de atuação das instituições museológicas.²⁴

No caso concreto da Região do Algarve, existe a RMA - Rede de Museus do Algarve.²⁵ Esta rede é constituída por museus integrados na Rede Portuguesa de Museus, museus municipais, entidades museológicas do Estado Português, como o Museu da Marinha e entidades privadas como o Museu do Traje de São Brás de Alportel. A RMA desenvolve projetos museológicos em constituição, os quais pretendam acompanhar e cooperar nas atividades da rede.

²²*Idem, Ibidem, p. 31*

²³IMC – Instituto dos Museus e da Conservação. In http://www.imc-ip.pt/pt-PT/iniciativas/atividades_edu/HighlightList.aspx [consultado 30-12-2012]

²⁴IMC – Instituto dos Museus e da Conservação. In http://www.imc-ip.pt/pt-PT/iniciativas/atividades_edu/HighlightList.aspx [consultado 30-12-2012]

²⁵RMA – Rede de Museus do Algarve. In <http://museusdoalgarve.wordpress.com/category/atividades-educativas/> [consultado 30-12-2012]

Atualmente, os museus do Algarve que fazem parte da Rede Portuguesa de Museus são os seguintes: o Museu de Tavira, o Museu Municipal de Faro, o Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira e o Museu de Portimão e verifica-se que todos eles oferecem um serviço educativo.

A constituição da rede foi o resultado de consultas às diversas instituições representativas do Algarve como a AMAL - Comunidade Intermunicipal do Algarve, CCDR Algarve - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve, RTA - Região de Turismo do Algarve, UALG - Universidade do Algarve, entre outras. Esta rede promove o património cultural e o turismo cultural da região.

A rede apresenta uma Carta de Princípios com orientações de liberdade de adesão, cooperação em rede, serviço público e ética profissional, informação e comunicação e programa museológico. A entrada de museus na rede é livre, mas compromete a aceitação da Carta de Princípios pela tutela e pela presença do responsável técnico da RMA.

4. A EDUCAÇÃO NOS MUSEUS - PARADIGMAS E INOVAÇÕES

Este ponto do estudo aqui apresentado permite-nos refletir sobre os novos paradigmas de educação nos museus. Antes de entrarmos sobre o que este tema sugere, devemos lembrar que a educação nos dias hoje encontra novos desafios associados a novas tecnologias como a internet, o mundo virtual, a globalização, uma maior diversidade cultural dos alunos, a atual crise econômica são fatores que influenciam os sistemas educativos ao nível global. Estes desafios têm provocado transformações no âmbito da educação a nível mundial e estas transformações também se fizeram sentir nos espaços museológicos.

Entendemos que a educação é fundamental no processo de desenvolvimento das pessoas e que pode ser explorada em diversos espaços de convívio social e cultural, escolas, instituições e museus. Nas últimas décadas, o mundo contemporâneo tem vindo a assistir ao nascimento de novos paradigmas de educação dos museus.

Segundo Akras e Self (1996) os novos paradigmas educacionais ligados aos museus têm por base modelos educativos e teorias de aprendizagem, tais como o construtivismo. Segundo os construtivistas o conhecimento é construído culturalmente e cada sujeito desenvolve a sua própria construção através de interação ativa num mundo. As crianças constroem o seu próprio conhecimento em contextos nos quais elas experimentam e interpretam as próprias experiências.

A educação neste ambiente faz com que a criança desenvolva conhecimento através de atividades dirigidas que facilitam interações estimulantes. Este processo é centrado e dirigido à criança, proporcionando o ambiente apropriado para a construção da sua compreensão. As crianças realizam a assimilação do conhecimento através de tarefas construtivas. A meta consiste em fomentar a criatividade e motivar a aprendizagem através de atividades dirigidas aos mais pequenos.

A educação nos museus distingue-se da educação formal e do cariz avaliativo característico do âmbito escolar. Vários têm sido os autores que se têm debruçado sobre esta questão. É neste contexto entre discursos e estudos que os museus devem encontrar o seu caminho, reconhecendo a educação como a essência da sua razão de ser e como uma das principais funções a desempenhar.

No que se refere a estudos sobre os processos e modelos de aprendizagem nos museus, encontramos bibliografia com estudos e pesquisas, como trabalhos de Falk e Dierking (1992), Dean (1994), Hooper-Greenhill (1994), Hein (1998), Gazelli (2005), entre outros. Estes são exemplos de alguns dos estudos sobre os processos de aprendizagem nos museus.

De uma forma sucinta, apresentamos algumas opiniões que consideramos relevantes para o nosso estudo. Começamos pelos estudos de Falk e Dierking (1992) têm sido utilizados como valiosas referências nos estudos sobre o tema da aprendizagem nos museus. Segundo estes autores, a aprendizagem decorre de uma junção que engloba experiências relativas ao que já se sabe e ao que se sente e está associado à informação visual e tátil.

Dean (1994) também analisa aspetos da aprendizagem nos museus e a relação com a escola. Segundo este autor, é fundamental estudar como o público interpreta a informação existente nas exposições, ou seja como se realiza o ato de explicar, traduzir ou apresentar um tema ou um objeto.

Já para Hooper-Greenhill (1994) os diferentes grupos de visitantes que frequentam os museus possuem expectativas diferentes. Quando estão acompanhados com as famílias, em geral os visitantes esperam uma experiência de aprendizagem informal, baseada no que o público está disposto no momento da visita, se está interessado em ver a exposição, participar nos eventos, em assistir filmes, entre outros. Enquanto há outros tipos de visitantes que são mais concentrados numa experiência educacional, fornecida por colaboradores ou monitores do museu.

Hein (1998) no livro *Learning in the Museum*, indica que para o desenvolvimento de uma teoria educacional própria ao museu é necessária a definição de três aspetos fundamentais: uma epistemologia, uma teoria de educação e uma pedagogia ou seja a forma como devemos passar a mensagem, como o museu põe em prática os pressupostos teóricos definidos nestes três aspetos. Para melhor compreendermos o contributo de Hein para a educação museal é imperativo desenvolver a interação que resulta destes três aspetos.

Falk e Dierking (1992)²⁶ têm concebido aprendizagens possíveis de serem desenvolvidas nos museus como um todo, englobando-as num processo, o da

²⁶Falk J.; Dierking L, (1992). *The Museum Experience*, Washing D.C [05/01/2013]

experiência museal. Esta experiência resulta da intersecção de três contextos: o contexto pessoal, o contexto social e o contexto físico. É no âmbito deste espaço de intersecção que se constrói a experiência e que a definimos, e que fica na memória, potencializando a construção de aprendizagens duradouras e importantes na vida dos indivíduos.

Mais recentemente, Falk et al (2007) defendem a utilização de um novo termo para definição do tipo de educação que ocorre fora do espaço escolar, denominaram a expressão “*free-choice learning*” ou seja, uma aprendizagem de livre escolha. A especificidade da aprendizagem de livre escolha consiste no interesse e a intenção da aprendizagem ter origem no indivíduo, logo não é imposta por elementos externos. Os autores destacam ainda a importância do espaço físico, como um dos elementos determinantes da aprendizagem.

Nos museus, é a própria criança motivada pelo interesse e pela curiosidade pessoal, que aprende o que considera ser mais interessante. Ao contrário do que acontece na escola, onde a formação decorre pela assiduidade diária às aulas, uma visita a um museu pode ter tempos diferenciados e acontecer diversas vezes ao longo da vida, em diferentes ocasiões, independentemente da idade e do grau de conhecimento.

A experiência da criança será sempre diferente de outras, cada uma vai observar, compreender o que está exposto ou escrito de forma diferente. Cada criança tem uma forma diferente de aprender no museu, sempre condicionado à experiência individual, às suas motivações pessoais e das circunstâncias em que decorreu a visita.

Segundo Gardner²⁷ (1993) os primeiros conhecimentos realizados pelas crianças, são intuitivos, porque são construídos através das interações com objetos físicos e com outras pessoas, através dos sentidos e interações motoras através do contato com o mundo externo.

Atualmente existem grandes desafios para os futuros diretores dos museus, um deles é o potencializar e desenvolver o papel educativo dos museus, de forma a desenvolver a sociedade e destacar o seu valor social, artístico e cultural no mundo atual, cada vez mais virtual e desigual.

²⁷Gardner, H. (1993). The Multiple Intelligences, New Horizons. In <http://communitylearningpartnership.org/share/docs/Gardner.Overview%20of%20Multiple%20Intelligences.pdf> [07/01/2013]

Neste sentido, o museu é o espaço que favorece o desenvolvimento destes processos. Os museus sejam eles de arte, industriais, científicos, tecnológicos, etnográficos, ou de antropologia, são locais de observação, interação, inserção, reflexão e de aprendizagem.

As visitas de estudo podem constituir importantes meios para a aquisição de conhecimentos e de aprendizagens, uma vez que apresentam objetivos educativos importantes e por norma dispõem de atividades variadas como podemos verificar em muitos museus.

Muitas das crianças visitam pela primeira vez um museu através da escola e são acompanhadas pela sua turma e pelo professor. Os museus podem proporcionar às crianças experiências ativas e dinâmicas que possibilitam uma reflexão e análise através de atividades específicas relacionadas com as temáticas dos museus ou articuladas com os programas curriculares de cada nível de ensino.

Tal como foi sustentado por Dewey no livro “*Art as Experience*”²⁸ e Piaget no livro “*Aprendizagem e Conhecimento*”²⁹, a criança ao experimentar e a descobrir de forma autónoma, está a aprender. Isso pode ser conseguido através de diversos meios como um conjunto de atividades previamente definidas pelo professor e estas atividades podemos encontrar as visitas de estudo nos espaços museológicos, que são por si só experiências de aprendizagem valiosos (Ribeiro, 1989).

As crianças possuem um conjunto de experiências que foram acumulando ao longo da sua vida e através do contato com o meio que as rodeia e os museus podem valorizar estas experiências. Aqui o museu pode ser encarado como um parceiro fundamental na valorização e enriquecimento destas experiências.

As visitas guiadas, as fichas didáticas, os jogos, a criação de objetos, as pinturas, os desenhos, que propõem tarefas específicas e que têm como principal objetivo a consolidação de alguns conceitos abordados, são exemplos interessantes, daquilo que pode ser feito no sentido de envolver as crianças de forma mais dinâmica e crítica.

²⁸Dewey, J. (1934) *Art as Experience*. New York. The Berkley Publishing Group. In <http://www.amazon.com/Art-as-Experience-John-Dewey/dp/0399531971> [08/01/2013]

²⁹Piaget, J. (1979). *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos

Este tipo de atividades contribuem para desenvolver os domínios sensoriais e motores importantes no desenvolvimento cognitivo (Ornelas, 2009).³⁰

As oficinas educativas, os espaços educativos, os serviços educativos, os *ateliers* de atividades podem e devem atrair as crianças, proporcionando tarefas diversificadas de carácter lúdico e didático. As atividades devem ser planificadas de forma a elevar capacidade criativa e artística de cada um. Estes espaços são deveras cruciais quando pretendemos familiarizar as crianças com conceitos culturais de uma forma apelativa, para que estas possam fazer a aprendizagens significativas a vários níveis, como cognitivo, emocional e social.

Hoje em dia, fala-se muito na questão das exposições interativa nos museus, e a participação numa experiência interativa implica que as crianças ou jovens se confrontem com um problema real que tentarão resolver para atingir os seus objetivos. Este tipo de aprendizagem poderá ser construtivo, promovendo a ideia de aprender fazendo, tal como defendia Dewey.³¹ A experiência interativa irá proporcionar uma descoberta por parte da criança. A descoberta é, em si mesma, valorizada. Este processo proporciona autonomia à criança que acaba por ser recompensada pela sua própria descoberta. Deste modo, a criança empenha-se, participa de forma ativa e consegue aumentar a sua autoconfiança (Ornelas, 2009).

Segundo Ornelas (2009) nas exposições interativas, os objetos são peças concebidas para que o próprio visitante do museu possa realizar experiências e observações. Nestas exposições não é o objeto em si mesmo que conta, mas a informação e a experiência que podem ser obtidas, a partir do seu manuseamento e do contato com esses objetos. Por outro lado, existem muitas exposições nos museus que não são interativas, no entanto, essas exposições incluem elementos que facilitam a transmissão de conhecimentos, como textos, imagens, elementos audiovisuais, que complementam os vários objetos expostos. Este tipo de informação utilizado como um recurso para demonstrar determinados cenários e exposições, podem variar, desde como se fabrica um objeto ou para visualizar um determinado acontecimento histórico.³²

³⁰Ornelas, M. (2009). Motivar e explorar através da experimentação, artigo. Faculdade das Belas-Artes da Universidade de Lisboa

³¹John Dewey defendeu o incentivo a prática educativa de "*learn by doing*" ou seja, aprender a fazer, o valor da experiência é colocado no centro do processo educativo, inculcando à escola a função de possibilitar que a criança ao experimentar e concluir sobre o resultado da sua experiência, proceda a um questionamento permanente.

³²*Idem, Ibidem, p. 83*

As situações de interatividade durante uma visita a um museu complementam-na durante o percurso e têm um caráter didático, porque possibilitam a transmissão de conhecimentos, de uma forma lúdica e até mesmo divertida.

As crianças são incentivadas a intervir nas exposições, realizando experiências propostas e os objetos apresentados em réplicas experimentais de forma a explicar os conceitos e a consolidar a aprendizagem. A informação é mais facilmente apreendida pelas crianças e o contato tátil com os objetos faz com que ganhe uma dimensão informativa e sensitiva e conseqüentemente aumentando a atração e a curiosidade da criança que experimenta, que mexe e que toca nos objetos com esse fim.

No caso concreto do Algarve, mais particularmente do Museu de Portimão “Fábrica Feu”, encontramos exposições com meios audiovisuais: monitores com imagens, filmes, ecrãs de *touch screen* e sons sonoros. O som sonoro como o da sirene da fábrica que tocava como forma de aviso e de chamamento das operárias à fábrica porque tinha chegado peixe. Estes tipos de meios audiovisuais são importantes porque recriam o ambiente de uma antiga fábrica de conservas de peixe e tornam-se meios facilitadores da aprendizagem, uma vez que ajudam às crianças a terem uma percepção do ambiente real onde se encontram. Os monitores, as televisões, os filmes, têm por norma uma grande aceitação por parte dos alunos, qualquer que seja a faixa etária e o nível de conhecimento.

Segundo Oliveira (2008) nos museus podemos classificar as exposições interativas em três categorias principais: *push-botton*, *hands-on* e *minds-on*. A categoria do *push-botton*, - é formada por experiências interativas que englobam repostas únicas. Durante a interação, o visitante obterá sempre o mesmo resultado ou uma simples modificação para gerar algum tipo de conflito ou reflexão. A categoria *hands-on*, é formada por experiências mais interativas, pois não estão associadas à manipulação do indivíduo, que é o sujeito principal da interação. Este tipo de experiências *hands-on* é de cariz sensorial do indivíduo, associada a uma maior reflexão, mas subordinada à ação motora realizada. A categoria *minds-on*, é caracterizada pelas múltiplas respostas possíveis. Esta característica gera a possibilidade de muitos conflitos cognitivos, pois exigem grande visualização dos temas presentes durante a interação.

Este tipo de exposições possibilitam respostas múltiplas ao visitante, e em muitos casos podem possuir como objetivo principal gerar dúvida e estimular a curiosidade ao visitante. Para além da utilização da multiplicidade de respostas, este tipo

de exposições possuem como elemento motivador o tipo de interação que proporcionam, tornando o visitante ativo e pensativo.³³

Muitas vezes, os museus também recorrem a mediadores, ou seja, a pessoas preparadas para proporcionar aos visitantes uma melhor comunicação da mensagem e compreensão entre as exposições com o seu público, no caso de grupos escolares, parece nos muito importante que um mediador faça essa comunicação e compreensão na interação das crianças com o museu.

Dewey³⁴ defendeu a aprendizagem baseada na experiência e este ponto de vista poderá encontrar a sua prática nos museus, através das experiências interativas. A intervenção das crianças nas atividades nos museus estimulará a curiosidade, a experimentação e provocará confiança nas suas capacidades pela resolução dos problemas e à sua satisfação pessoal.

Reforçando esta ideia, também Piaget contribuiu para a defesa desta posição, em que os sujeitos devem ser autónomos, críticos e criativos. Dewey fala-nos sobre a aprendizagem através da ação “*learn by doing*” como uma forma importante de transmissão do conhecimento aos visitantes de faixas etárias mais jovens nos museus.

Segundo Ornelas, (2009, p. 16) o “*Musée des Arts et Métiers*”³⁵ - em Paris, no museu, encontrámos a exposição permanente que oferece uma viagem pela história, e que abrange sete áreas: instrumentos científicos, materiais, construção, comunicações, energia, mecânica e transportes “*aparelhos de informação visual nomeadamente imagens e texto que funcionam através da tecnologia do touch screen, ou seja através, quem visita o museu pode tocar no ecrã ou no monitor, ou selecionar objeto ou modelo exposto*”.

Outro exemplo que podemos apontar segundo Ornelas, (2009) é a Galeria dos Dinossauros, no “*Natural History Museum*”, em Londres. A galeria possibilita às crianças uma vasta variedade de experiências interativas que apelam à curiosidade. As crianças podem responder a questões de resposta múltipla através da seleção do botão luminoso correspondente. De seguida, a resposta surge com ela e as explicações são acompanhadas de modelos demonstrativos tridimensionais.

³³Oliveira, M. (2008). Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências. Visita monitorizada a um museu de ciências: o que é possível aprender? Universidade de São Paulo

³⁴Dewey, J. (1934). *Art as Experience*. New York. The Berkley Publishing Group

³⁵Musée des Arts et Métiers. In <http://www.arts-et-metiers.net> [consultado 13-12-2012]

Muitos dos modelos são reproduzidos à escala real e complementados com tecnologia robótica, o que confere um realismo na exposição, o que agrada aos mais jovens que visitam a galeria.³⁶

De uma forma geral, em Portugal, consideramos que as exposições interativas encontram-se, particularmente nos Centros de Ciência Viva, apesar de já existirem museus com exposições interativas. A preocupação que os museus devem assumir em relação aos interesses das crianças e jovens será propiciar atividades que despertem o envolvimento e empatia pelas exposições e que criem condições necessárias para estimular a aprendizagem, proporcionando experiências adequadas, desde a utilização de jogos à execução de trabalhos de expressão artística como pinturas ou a criação de objetos. Os museus poderão adotar uma variedade de estratégias para motivar as crianças e jovens.

Em jeito de conclusão, as visitas de estudo, as atividades artísticas e as exposições interativas em museus constituem experiências valiosas de aprendizagem, e por isso, devem ser fomentadas nos museus.

³⁶Natural History Museum In <http://www.nhm.ac.uk/> [consultado 13-12-2012]

5. A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA COMO PROCESSO DE INSERÇÃO CULTURAL

Antes de avançarmos para a relação da educação artística como processo de inserção cultural, torna-se necessário evidenciar neste projeto algumas ideias relacionadas com a educação artística.

Segundo a UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*³⁷ - as artes e as culturas são essenciais para a vida, fazem parte do homem, e por isso, são instrumentos fundamentais para a aprendizagem, que podem ser utilizadas na educação formal e não-formal e informal.

De acordo com a UNESCO, o aprender através das artes e da cultura, demonstra que podemos utilizar expressões artísticas, práticas culturais e tradicionais como uma ferramenta de aprendizagem, possibilitando uma interdisciplinaridade de várias áreas.

Segundo o Roteiro para a Educação Artística (2006)³⁸ a arte é uma manifestação de cultura e um meio de comunicação dessa cultura. A consciência e o conhecimento das práticas culturais e das formas de arte fortalecem as identidades e valores pessoais e coletivos, contribuindo para salvaguardar e promover a diversidade cultural das comunidades. As artes e as práticas culturais em ambientes de aprendizagem, como os espaços museológicos, contribuem para benefícios de desenvolvimento equilibrado, a nível intelectual, emocional e psicológico das crianças.

A educação artística não só fortalece o desenvolvimento cognitivo e a aquisição de competências para a vida, como também desenvolve o pensamento inovador e criativo, reflexão crítica, habilidades comunicacionais e interpessoais, melhora a adaptabilidade social e a consciência cultural das crianças, permitindo-lhes construir a tolerância e aceitação e a valorização dos outros (Idem)

As artes são formas de saber que unem a imaginação, a razão e a emoção. O contato com as expressões artísticas influencia o modo como a criança aprende, como comunica e como interpreta tudo aquilo que está ao seu redor. Deste modo, contribuí para o desenvolvimento de diferentes competências e isso reflete-se no modo como a criança produz com o seu pensamento.

³⁷UNESCO In <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/creativity/arts-education> [consultado 23/01/2013]

³⁸UNESCO (2006). Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as Capacidades Criatividades para o século XXI.

Este tipo de educação desenvolve a construção da identidade pessoal e social, e contribui para a construção da identidade cultural, permitindo uma melhor compreensão das tradições e de outras culturas. A educação artística tem como principal desafio dar a todos iguais oportunidades de atividades culturais e artísticas, promovendo o processo de inserção cultural, além de também trabalhar com as diferenças, dificuldades e limitações individuais nos mais diversos contextos. Não nos devemos esquecer que as instituições culturais, tais como museus, teatros, auditórios de música, centros culturais, galerias de arte constituem portas de acesso à cultura e à arte fundamentais. Mas, como é que os museus podem promover a inserção cultural?

Hoje em dia, os museus já não são unicamente determinados pelos objetos que apresentam nas suas exposições e verificam-se que estes podem ser explorados em diversas atividades, sejam elas, culturais, artísticas, pedagógicas ou sociais. O museu tornou-se num espaço de impulso e de desenvolvimento de ações de integração social e de inserção cultural (Amazonas, 2009). Muitas das exposições realizadas nos museus são organizadas com temas de relevância social e cultural e ainda de interesse para as comunidades nas quais os museus estão inseridos. Cada comunidade tem um conjunto de vivências do passado, tradições, património, que é a sua herança cultural que pode e deve ser utilizada ao serviço dos museus. Esta utilização da herança cultural nas exposições pode servir de referência e elo de comunicação e de inserção cultural entre a comunidade e os museus.

Amazonas (2009)³⁹ reforça que os museus podem fazer a ligação com a comunidade, através da exposição nas coleções de objetos artísticos, históricos, religiosos da comunidade local e da sua envolvente, contribuindo assim, não só para o conhecimento, mas como para a inserção cultural das pessoas na comunidade.

A oferta de atividades artísticas para as crianças nos museus deve ter como ponto de partida este pressuposto, deve coexistir uma articulação entre as atividades propostas à criança e com o tema do museu.

A educação artística deve ser valorizada nestes locais porque promove e possibilita práticas culturais, para além de estimular o conhecimento, a apreciação da

³⁹Amazonas, A; Carmen L. (2009). Museus e Desenvolvimento Local: Território e Comunidade Actas I do Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e ESPANHOLA, Volume 1, pp. 93-102. In <http://pt.scribd.com/doc/37378061/1%C2%BA-Seminario-de-Investigacao-em-Museologia-dos-Paises-de-Lingua-Portuguesa-e-Espanhola-vol-1> [24/01/2013]

arte e da cultura que são transmitidos de geração em geração, reforçando desta forma, a consciência e a identidade culturais. Para isso, é fundamental, conhecer a evolução da cultura, o contexto histórico e o contemporâneo da comunidade local.

6. A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA DAS CRIANÇAS COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A educação através da arte contribui para o desenvolvimento pessoal da criança enquanto ser humano. A arte pode ser utilizada na formação da criança porque pode ajudar a estimular a sensibilidade, incentivando-a a pensar, a sentir e a agir por meio de expressões artísticas (Coletto, 2010)⁴⁰.

A educação artística contribui para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações dinâmicas entre educação, cultura e arte. A criança tem de ser entendida como um todo, onde se conjuga o domínio motor, cognitivo, emocional e sensorial, daí a relevância que se dá para encontrar métodos ou processos educativos centrados na arte e nos vários domínios de expressão artística.

A educação artística através das suas variadas expressões como a música, a expressão plástica e dramática, a dança, canto, assim como outras técnicas de carácter expressivo, podem ser consideradas como um meio de incentivo ao processo de aprendizagem. Partindo do pressuposto que a criança olha, cheira, toca, ouve, experimenta, pensa e em que o seu corpo é ação e pensamento, pode-se afirmar que ela é um todo em relação ao mundo que a rodeia, pois precisa de interagir com o meio para que possa construir o seu conhecimento e fazer as suas descobertas.

A criança está atenta e aberta às experiências e ao mundo, por isso tem em si a curiosidade para explorar tudo ao seu redor. A educação através da arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico que, de certa forma, caracteriza um modo próprio, de dar sentido à experiência humana (Antonini, 2002).⁴¹

A educação artística pode ajudar as crianças a relacionarem-se com outras disciplinas do ensino formal, por exemplo, uma criança ao estudar um determinado período histórico, pode exercitar a sua imaginação, construindo textos ou imagens, conhecendo, assim, outras culturas e acontecimentos.

Neste sentido, a arte requer visão, imaginação, criatividade e os sentidos podem funcionar como uma abertura para uma compreensão mais significativa das questões

⁴⁰Cloleto, D. (2010). Artigo, A importância da arte para a formação da criança. Revista Conteúdo, Capivari, v. 1, n.3, jan/jul. 2010 – ISSN 1807-9539. Online <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/view/35/34> [consultado 14/01/2013]

⁴¹Antonini, L. (2002). Artigo: A influência da arte e da filosofia no aspecto cognitivo do processo de aprendizagem. In Psicopedagogia Online <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos> [consultado 15/01/2013]

sociais, culturais e de valores que são fundamentais nos diferentes tipos de relações entre os indivíduos e a sociedade. As crianças são dotadas de criatividade e essa criatividade precisa de ser desenvolvida, e acreditamos que esse trabalho pode ser realizado por meio das expressões artísticas nos museus.

Segundo Antonini (2002) as crianças ao observarem peças de arte ou objetos artísticos exposto num museu, posicionam-se e dão sentido e significado ao que estão a observar. O significado e a sua compreensão pessoal estão na interação entre a criança e o objeto. O conhecimento dá-se a partir das relações significativas, das percepções pessoais e sensoriais, das cores, dos movimentos, dos cheiros, dos sons e das texturas.

O sentimento e a intuição fazem com que a criança considere o objeto que está a observar como elemento seu. A criança sente-se como sujeito daquele contexto, conseguindo desta forma, conceber ideias e situações novas. A imitação é também um dos fatores importantes porque é através da imitação que a criança realiza ações como, escrever, pintar, desenhar, recortar, cantar, dançar, tocar e começa a interessar-se pelas coisas que a rodeia e desta forma, está a aprender (Antonini, 2002).

Segundo MacRae⁴² as crianças, mesmo incentivadas pelos adultos, ao olhar para uma obra de arte num museu, fá-lo-ão por pouco tempo. Os trabalhos devem atender um padrão de qualidade, isto porque as crianças são perfeitamente capazes de observar obras de arte, embora possam entendê-las num nível diferente, mas conseguem relacionar se a algo das suas vidas pessoais.

Os responsáveis pelos museus devem estudar o que as crianças pensam sobre um determinado tema, de forma a criar processos de desenvolvimento de aprendizagem para as crianças. Deve-se ter em conta a egocentricidade das crianças e a escolha dos objetos de uma determinada exposição devem ir ao encontro dos interesses das crianças e que não esteja unicamente ligados à importância dos próprios objetos.

O fator tato e movimento têm-se vindo a ser introduzidos para o mundo dos museus, tornando os objetos acessíveis e incentivando novas experiências de abordar a arte. Deste ponto de vista, o contacto táctil e o manuseamento dos objetos permitem acionar mais facilmente a experiência de forma a aumentar a aprendizagem e favorecendo a compreensão dos objetos e suas funções.

⁴²MacRae, M. (2005). Getting Children to look. The Importance of Knowing our Audience on Object Choice and Installation Design. Interdisciplinary Arts Specialist, DuPage Children`s Museum. Artigo em PDF, facultado na U.C Educação e Museus no MAE 3ª Edição, 2011/2012 Universidade Aberta

Compreende-se que nem todos os objetos serão adequados para esta experiência por razões de conservação e de valor de raridade. No entanto, a utilização de réplicas pode-se explorar os aspetos tácteis e o contato direto com a arte.

A conceção de que a arte contemporânea, nem sempre é apropriada para as crianças, e até mesmo para alguns adultos, que não a compreendem, assume-se um grande desafio a alcançar. As peças de arte ou outro tipo de objetos podem proporcionar uma experiência conjunta entre pais e filhos, onde pode ser aproveitado uma variedade de materiais.

O Museu *UnMuseum* é um exemplo de uma instituição que utiliza uma grande variedade de materiais, incluindo carpintaria, informática, robótica, luzes, sons, água, metais, tecidos, entre outros. Esta abordagem não significa ou não se parte do pressuposto em ensinar o que é arte ao público, mas sim fascinar, divertir, desafiar e envolver todos os visitantes na arte. O que se pode encontrar neste museu é a particularidade de todos se divertirem e que as crianças podem correr, agir, como crianças que são (Buck, 2005).⁴³

⁴³Buck, L. (2005). When Artist Make Interactive Works of Art for Children: The Contemporary Center's UnMuseum. Artigo em PDF, facultado na U.C Educação e Museus no MAE 3ª Edição, 2011/2012 Universidade Aberta

NOTAS CONCLUSIVAS

Na segunda parte do nosso trabalho, identificamos os principais conceitos a analisar neste estudo. Os conceitos definidos estão relacionados com a dinâmica que existe entre a educação e os museus. Nesse sentido, tivemos de analisar os novos paradigmas educacionais nos museus, explorando as principais ideias associadas ao conceito de educação não-formal. As instituições museológicas, através dos seus serviços educativos, são aqui entendidas como espaços privilegiados que podem promover experiências artísticas e de inserção cultural aos seus visitantes mais jovens.

PARTE III
ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

*“Só a Arte tem o poder de reproduzir representações da
existência que nos possibilitam viver”*

Nietzsche do seu livro Nascimento da Tragédia

1. METODOLOGIA DO ESTUDO

Nesta parte que se segue servirá para apresentação dos resultados. Mas antes, de avançarmos para essa fase, vamos apresentar a metodologia utilizada no estudo.

Devido à natureza dos objetivos enunciados para esta investigação, este projeto de intervenção aponta para um objeto de estudo que abarca preferencialmente uma natureza descritiva e interpretativa, sendo por isso utilizada uma metodologia de carácter qualitativo onde tivemos em consideração a afirmação de Bogdan e Biklen (1994, p.11) que consideram a abordagem qualitativa como “*uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais*”.

O desenvolvimento desta investigação implicou a escolha de um modelo adequado, assim como a escolha dos métodos e dos procedimentos a adotar. Neste contexto, a metodologia deve seguir critérios de coerência e de pertinência em relação ao objeto de estudo.

Em termos metodológicos, e no que respeita aos objetivos deste estudo pretendemos enquadrar o estudo no paradigma interpretativo, visto que este se dirige, sobretudo, a “*questões de conteúdo, o objetivo primordial da investigação centra-se no significado humano da vida social e na sua clarificação e exposição do investigador*” (Erickson, 1989, p. 196).

O paradigma interpretativo “*(...) valoriza a compreensão e a explicação, pretende desenvolver e aprofundar o conhecimento de uma dada situação num dado contexto*” (Bogdan e Biklen, 1982, p. 196), o que vai de encontro às necessidades do nosso estudo, que se pretende aprofundar em termos teóricos e conceptuais a educação nos museus e como se desenvolve esta relação e a importância do desenvolvimento de atividades artísticas para as crianças.

Numa fase posterior, através de um projeto para o espaço educativo de uma Casa-Museu no Concelho de Monchique, tentaremos desenvolver uma triangulação entre as três fontes de informação que exploramos ao longo do estudo: o aprofundamento teórico-conceptual em torno da educação nos museus; a análise documental que nos permitiu caracterizar o concelho de Monchique e a sua oferta

educativa: e, finalmente, os dados recolhidos através de entrevistas a atores-chave desta região.

2. CARATERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo desta investigação é a comunidade de Monchique, uma vez que o desenho da proposta educativa será elaborado tendo em conta as características demográficas, culturais, educacionais e sociais do concelho. De acordo com as características deste estudo os atores entrevistados permitiram-nos recolher determinados dados que ajudaram a descrever e interpretar determinadas situações de interesse para a nossa problemática. Assim, para realizar as entrevistas selecionamos: o Presidente da Câmara Municipal de Monchique, duas professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico, uma técnica do Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira, o Diretor do Museu de Portimão e a Vereadora da Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Faro. Consideramos que este conjunto de entrevistados revelou um leque de informações pertinentes porque, se tratam de sujeitos conhecedores e com uma vasta experiência nas áreas da museologia, da educação e da relação dos museus com a comunidade. Vejamos o quadro a seguir com indicação dos entrevistados e o seu contributo nas diversas áreas para o presente estudo.

Quadro nº 1 – Caraterísticas e contributo dos entrevistados para o estudo	
ENTREVISTADOS	CARATERÍSTICAS/CONTRIBUTO PARA O ESTUDO
Presidente da Câmara Municipal de Monchique	Comunidade local, autarquia, análise demográfica, cultural, educativa e social do concelho
Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico	Educação
Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico	Educação
Técnica do Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira	Museologia e educação
Diretor do Museu de Portimão	Museologia, educação e comunidade
Vereadora da Cultura e do Turismo da Câmara Municipal de Faro	Relação comunidade e museus, museologia e autarquia

3. PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Depois de escolhida a metodologia com base nas questões que se pretendem investigar que determinam o quadro conceptual a seguir, tivemos que optar pela escolha dos instrumentos de recolha dos dados. Para a realização deste estudo foram utilizados instrumentos de investigação que se adaptassem aos objetivos propostos e às questões de investigação já definidos na Parte I. Os instrumentos utilizados foram as entrevistas e a análise documental.

3.1 Análise Documental

De acordo com o objeto de estudo a análise documental assumiu uma importância fulcral e ao longo do estudo acompanhou todo o desenvolvimento da investigação. Consultámos um vasto leque de documentação na área da museologia e educação. Passamos a destacar alguns dos documentos que foram de elevada relevância ao longo do estudo, no entanto não devemos esquecer a restante bibliografia, que consultamos e que também foi fundamental para o nosso estudo.

Quadro nº 2 – Documentação consultada
Diagnóstico Social, Educação, Demográfico e Cultural do Concelho de Monchique (2004), Site da Câmara Municipal de Câmara de Monchique, brochuras e folhetos promocionais do concelho
INE- Instituto Nacional de Estatística
ICOM – International Council of Museums
RPM – Rede Portuguesa dos Museus – Lei Quadro dos Museus Portugueses (Lei nº 47/2004, de 19 de Agosto)
IMC – Instituto dos Museus e Conservação
UNESCO – Roteiro para a Educação Artística – Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI (2006)
Museus e escola: educação formal e não-formal, Ano XIX –nº 3 (2009)
Sobre Educação Não-formal, Revista Formar, nº 54 (2006), IIEFP
Serviços Educativos na Cultura, Coleção Públicos, nº2, SETEPÉS
Museums & Galleries Commission, Managing Museum and Gallery Education (2001)
Da magia à sedução: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte (2006)

3.2 Entrevistas

A metodologia utilizada na recolha de dados, como já referimos, foi a entrevista por ser um dos métodos coerente com a investigação qualitativa. Segundo Ketele & Roegiers (1993) a entrevista consiste na recolha de informações através de conversas orais, que podem ser individuais ou em grupos. Os entrevistados são selecionados, a fim de se obter informações, onde o grau da validade e da fiabilidade, é analisado, com base nos objetivos do estudo.

Para a investigação acerca da educação nos espaços museológicos, o papel das atividades educativas junto dos mais jovens, de forma a favorecer a educação artística e a inserção cultural, foi utilizada a entrevista por permitir a obtenção de respostas e informações mais completas, de forma a ajudar a investigação e a alargar o conhecimento sobre a nossa problemática.

Tendo por objetivo aprofundar a temática da educação em museus e desenhar um estudo exploratório para a construção de um projeto pedagógico-didático para um espaço museológico local, aplicámos entrevistas do tipo semiestruturadas e individuais adequadas a análises de tipo qualitativo, que são, geralmente conduzidas com base, em tópicos particulares a partir da qual se criam as questões (Goetz e LeCompte, 1984).

Esta fase da investigação teve como linhas orientadoras a construção de guiões de diferentes entrevistas. As entrevistas levaram à elaboração prévia de um guião orientador para cada entrevistado e assegurando alguma flexibilidade na ordem das questões durante a entrevista.

Foram construídos cinco guiões de entrevistas, o guião N°2 (*anexo I*) foi utilizado duas vezes pelos professores, nos restantes intervenientes foi construído um guião próprio, que assegurou a obtenção das informações pretendidas.

Realizámos no total de seis entrevistas. A escolha dos intervenientes tornou-se uma etapa bastante importante neste estudo, escolhemos pessoas que, de facto, podiam contribuir de forma relevante para esta investigação através da sua experiência, do seu *know-how*, da sua formação e do seu conhecimento da realidade museológica na região do Algarve. Vejamos os intervenientes e os respetivos guiões utilizados para cada um.

Quadro nº 3 – Guião	
Intervenientes	Guião
Presidente da Câmara Municipal de Monchique	Nº 1
Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico	Nº 2
Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico	Nº 2
Técnica do Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira	Nº 3
Diretor do Museu de Portimão	Nº 4
Vereadora da Cultura e do Turismo da Câmara Municipal de Faro	Nº5

Uma vez que o objetivo geral do presente estudo é analisar a educação nos museus e um dos objetivos específicos é estudar a importância das atividades lúdicas nos museus, de forma a favorecer o desenvolvimento artístico dos mais jovens, decidimos entrevistar um Diretor de um museu do Algarve, uma técnica responsável por serviço educativo de um museu também no Algarve, dois professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. Por outro lado, visto este estudo incluir o desenho de uma proposta pedagógica-didática para o futuro espaço museológico em Monchique realizamos uma entrevista-chave ao senhor Presidente da Câmara Municipal de Monchique e por último realizámos uma entrevista à senhora Vereadora da Cultura e do Turismo da Câmara Municipal de Faro.

Embora sejam cinco guiões diferentes, existem blocos comuns, nomeadamente a Educação dos Museus, Os Museu do Algarve como instrumentos de inserção cultural e artística, o Papel dos museus e relação com as comunidades e os Museus na região do Algarve. Para cada um dos blocos especificámos tópicos que consideramos pertinentes para o estudo. Antes da realização das entrevistas, houve a preocupação de dar a conhecer aos entrevistados uma explicação sobre a importância do estudo e evidenciar a importância do seu contributo para a investigação.

Em relação ao número de questões dos guiões, procurámos que tivessem o número de perguntas adequado, de modo a permitir obter as informações desejadas, e que não se tornassem desmaiado extenso para os entrevistados.

Quanto à ordem e sequência das questões, estas apresentaram-se de sequência progressiva, começando pelos dados pessoais e profissionais, passando depois para perguntas mais específicas de acordo com o entrevistado.

Tivemos o cuidado em elaborar um guião de entrevista direcionado com às pessoas a serem entrevistadas e a função que desempenham e a sua respetiva experiência para o estudo.

Tais características permitiram manter um ambiente natural de conversa, sem contudo, se deixar de fazer a recolha dos dados. Houve alguns cuidados que tivemos durante as entrevistas, tais como não interromper o entrevistado, deixando fluir o discurso. Goetz e LeCompte (1984) enumeram fatores que podem influenciar a entrevista, por exemplo a duração, o número de assunto a tratar, o local, entre outros.

Acrescentemos a estes aspetos a importância do entrevistador manifestar empatia, persuasão e ainda ser um bom ouvinte para com os seus intervenientes.

As várias entrevistas decorreram entre o mês de Novembro de 2012 e o mês de Fevereiro de 2013.

O quadro a seguir apresenta a caracterização dos entrevistados selecionados para as entrevistas, a sua formação e experiência profissional, o número da entrevista, o local onde decorreram as entrevistas, a data e a duração da entrevista.

Quadro nº 4 – Caraterização dos entrevistados				
Atores entrevistados	Área de formação profissional	Entrevistas	Local	Data & duração da entrevista
Presidente da Câmara Municipal de Monchique	Professor de EVT. Desempenha o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Monchique, 1º Mandato.	E1	Câmara Municipal de Monchique	06 de Fevereiro de 2013 2h
Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico	Professora do 1º Ensino Básico, Curso de Especialização em Educação Especial: domínio cognitivo e motor. Experiência em lecionar Cursos CEF – 3º Ciclo 7 anos de serviço.	E2	Biblioteca Municipal de Monchique	28 de Novembro de 2012 1h
Professora do 1º Ciclo do Ensino Básico	Professora do 1º Ensino Básico, Variante Educação Visual e Tecnológica Pós-graduação em Arte e Educação 8 anos de serviço.	E3	Biblioteca Municipal de Portimão	11 de Dezembro de 2012 45m
Técnica do Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira	Licenciada em História Pós-graduação em Arqueologia e Património. Curso de Especialização em Museus e Educação Em dissertação do Mestrado em Museologia Responsável pelos serviços educativos do museu.	E4	Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira	16 de Novembro de 2012 1h30m
Diretor do Museu de Portimão	Professor de História, exerce funções como Diretor do Museu desde a sua abertura em 2008. Vasta experiência na participação de seminários na área da museologia.	E5	Museu de Portimão	28 de Novembro de 2012 1h30m
Vereadora do Pelouro da Cultura e do Turismo	Docente Universitária Doutorada em Turismo, Mestre em Gestão do Património Cultural. Exerce funções como Vereadora na Câmara Municipal de Faro.	E6	Câmara Municipal de Faro	04 de Fevereiro de 2013-05-22 1h

Passamos a indicar as estruturas do protocolo das entrevistas E1, E2, E3, E4, E5 e E6. Este tipo de entrevista semidirigida é a mais utilizada, visto não ser completamente aberta, nem encaminhada por um grande número de perguntas (Quivy & Campenhoudt, 2003). Segundo os referidos autores, o investigador coloca as perguntas-guia para as quais pretende obter informação e consiste em deixar o entrevistado falar abertamente, com as palavras que desejar, sem que ele se afaste dos objetivos da investigação.

Como já referimos, realizámos seis entrevistas semiestruturadas a um conjunto de atores, com a finalidade de recolher informação sobre a interpretação dos próprios intervenientes sobre os objetivos pretendidos para este estudo.

Só depois de realizadas as entrevistas, é que procedemos à análise de conteúdo das mesmas e dos textos finais de transcrição das mesmas, fazendo a sua triangulação para responder à questão de partida e às suas subquestões. Mas, consideramos importante explicar como se desenrolou a análise de conteúdo das entrevistas.

Neste estudo procuramos ter em conta a afirmação de Goetz e LeCompte (1984) em que a análise de dados é um processo cognitivo, de descoberta, de organização das categorias e das relações entre essas categorias. Falar em análise de dados significa interpretar e dar sentido a todo o material de que se dispõe a partir da recolha de dados (Bogdan e Biken, 1982).

Hoje em dia, a análise de conteúdo é considerada como uma das técnicas “*mais comuns na investigação empírica pelas ciências humanas e sociais*” (Vala, 2003, p. 101). No tratamento da informação, através da análise de conteúdo, usamos como critério de categorização, a reunião da informação por temas com o mesmo significado, com a preocupação pela presença dos temas e não a sua frequência.

Este tipo de procedimento consiste no recorte dos textos em unidades de significação e posterior o agrupamento em unidades de codificação, as chamadas categorias surgidas no material das entrevistas.

No caso específico deste estudo, o conteúdo das seis entrevistas foi integralmente reproduzido em texto escrito e encontram-se nos anexos. A transcrição integral das entrevistas para texto foi um processo lento e tivemos algumas dificuldades associadas na audição e compreensão de algumas partes (*anexo II*).

A elaboração e a construção de uma caracterização por temas foram resultantes, em parte das questões centrais dos atores entrevistados.

Deste modo, o modelo geral da análise categorial dos discursos está representado no quadro 5.

Quadro nº 5 – Modelo geral de análise categorial			
Estudo exploratório para a construção de um projeto pedagógico-didático para a futura Casa-Museu do Medronho			
Temas principais emergentes	Temas específicos	Categorias	Sub-categorias

Recorremos a uma análise categorial definida por Bardin (2008), em que o processo categorial permitiu-nos estabelecer as categorias ou seja os elementos chaves da aplicação da análise e sub-categorias. No (*anexo III*) podemos observar a análise de conteúdos de uma entrevista.

Passamos a apresentar o quadro que se segue com os resultantes das entrevistas.

Quadro nº 6 – Modelo de análise			
Temas principais	Temas específicos	Categorias	Sub-categorais
1º Objetivo Compreensão da relação educação e museus	Os museus enquanto espaços de educação	Educação não formal	a) Relação b) Contributo
2º Objetivo Compreensão dos serviços educativos nos museus	O papel dos serviços educativos nos museus	Atividades nos museus para crianças e jovens Serviços educativos	a) Importância b) Papel
3º Objetivo Identificação dos museus como fator de inserção cultural e artístico.	Expressões artísticas como processo de inserção cultural A experiência artística das crianças nos museus como processo de aprendizagem	Inserção cultural Experiência artística como processo de aprendizagem	a) Contributo b) Importância
4º Objetivo Compreensão da relação do espaço museológico com a comunidade de Monchique	Relação do futuro espaço museológico com a comunidade local Oferta artística para as crianças e jovens do concelho	Criatividade artística das crianças e jovens do concelho	a) Reconhecimento do projeto Casa-Museu b) Contributo

NOTAS CONCLUSIVAS

A terceira parte do projeto é constituída pelo enquadramento metodológico. Devido à natureza do projeto foi possível procurar em campo dados relevantes para a nossa investigação. E foi isso que fizemos, procuramos junto de intervenientes fundamentais, informações valiosas em torno do nosso tema Educação nos Museus. Sendo por isso, desenvolvida nesta parte a abordagem metodológica utilizada, a investigação qualitativa e interpretativa, a contextualização do objeto de estudo e os instrumentos de recolha. Depois de concluída estas etapas, foi possível identificar o percurso a seguir para a parte seguinte do projeto, o desenho de um projeto pedagógico-didático. A parte IV que se segue servirá para apresentação, leitura e discussão dos resultados.

PARTE IV
TRABALHO EMPÍRICO

**DA ANÁLISE DE DADOS AO PROJETO
PEDAGÓGICO-DIDÁTICO**

“Toda a criança é um artista”

Pablo Picasso

1. LEITURA DOS DADOS RECOLHIDOS DAS ENTREVISTAS

Esta parte do estudo é dedicada à leitura e análise dos dados recolhidos das entrevistas. Iniciámos com a apresentação dos dados que consideramos relevante para o nosso estudo e que nos permitiu avançar para a etapa seguinte, a realização da proposta pedagógico-didática.

Educação nos Museus

No que respeita à Educação dos Museus, procurámos questionar os nossos entrevistados sobre a importância atribuída à mesma e o papel que deverá assumir tendo em conta o contexto particular do Algarve e do concelho de Monchique.

Tendo em conta as respostas dos entrevistados percebemos os diversos tipos de envolvimento e de relação entre a educação e museus. A função educativa dos museus assumiu um maior reconhecimento como um importante recurso educativo junto das escolas e das comunidades onde se inserem. A função educativa está associada ao próprio conceito e à missão dos museus. Os entrevistados compreendem que para além das suas funções de preservar, conservar, e expor, os museus são hoje em dia, instituições voltadas para o estudo e para a educação, cumprindo uma missão essencialmente educativa. Os museus são instituições educadoras e formadoras, que privilegiam aprendizagens das crianças e jovens, em particular, a vários níveis. Vejamos o que os atores-chave dizem a este respeito

“A educação é pois uma das grandes funções dos museus, para além da investigação, da conservação, do restauro, da exposição e da gestão e valorização do património cultural.” (E5)

“ o museu e educação estão interligados. O museu permite desenvolver a formação e a educação de quem o visita.” (E3)

“ (...) enquanto entidade educadora e importante recurso pedagógico (...) seguramente como espaço formador, de afirmação cultural e cívica.” (E6)

As instituições museológicas são caracterizadas como espaços de educação não-formal, que complementam o ensino formal, ministrado nas escolas, e que permitem

uma abordagem educacional a vários níveis, assumindo-se como um recurso valioso na educação das crianças.

Esta ideia é reforçada pelas respostas analisadas, onde todos reconhecem a multiplicidade de funções de um museu, para além da simples exposição e informação. É interessante de verificar que todos referem o museu como espaço educativo, com grande impacto ao nível do conhecimento sobre as culturas e as comunidades, através de atividades específicas para os grupos mais jovens.

Um dos entrevistados, reconheceu inclusive, a necessidade dos museus irem mais além da função educativa, por excelência pertencente à escola, no sentido de potencializar o espírito crítico das crianças.

“... devem ser desenvolvidas atividades lúdico-didáticas devidamente contextualizadas, pois são motivantes para os alunos e são um elemento facilitador da aprendizagem global, (...) isto porque proporcionam o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e pessoal do aluno.” (E2)

“... o museu é um espaço de educação por excelência, apesar de ser um espaço não-formal, não é um espaço educativo como uma escola, mas permite uma abordagem educacional a vários níveis e de várias perspetivas, (...).” (E4)

“a missão dos museus é essencialmente educativa. Porém, os museus têm potencial que vai além da complementaridade do currículo escolar. Penso que o museu visa ampliar as potencialidades pedagógicas, acentuando o espírito crítico do aluno.” (E2)

Deve existir, na opinião dos entrevistados, uma articulação dos museus com as escolas, desenvolvendo relações de parceria e de complementaridade. Neste sentido, os museus assumem-se como locais fundamentais na partilha de conhecimento com as escolas.

“ (...) o museu pode ser visto como um complemento aos conteúdos abordados em sala de aula, uma forma de consolidação desses conteúdos ou como um ponto de partida para a introdução de um novo conteúdo. Isto tudo depende da temática, do perfil da turma e do método educativo subjacente e também da oferta do museu a ser visitado...” (E2)

“ (...) as últimas tendências dessa áreas tem a ver com a relação com a comunidade, e o serviço educativo como é a parte mais visível e que faz sempre a mediação e as pontes entre os públicos e o museu.” (E4)

“... as escolas e os museus devem trabalhar em parceria. Julgo que a forma ideal (...) seria desenvolver determinados conteúdos dentro do próprio museu.” (E3)

A questão das parcerias foi também referida pela maioria dos entrevistados, como algo fundamental. É interessante de verificar que começa a ser uma consciência global o desenrolar da educação em várias esferas da sociedade. É importante considerar os currículos específicos de cada nível de ensino, mas aos espaços museológicos e aos seus espaços educativos cabe, na opinião dos entrevistados, o papel de potencializar outras competências nas crianças e jovens. A necessidade de envolvimento entre a escola e a comunidade, nos seus vários espaços e instituições, é algo que cada vez mais se assume como fundamental.

Serviços educativos nos museus - Qual o papel e a importância?

Em relação ao papel dos serviços educativos nos museus e a importância desses serviços junto das crianças e jovens, todos os entrevistados acentuam o fato dos museus atuarem como mediadores entre os públicos e o museu, oferecendo programas no âmbito da educação não-formal, cumprindo assim a função social, cultural e educativa.

“ (...) através das oficinas didáticas e com dinamizadores com formação adequada quer à temática como ao público-alvo! Desta forma, será possível fomentar a sensibilidade nos alunos, tornando-os mais reflexivos e críticos e ... deste modo, mais criativos, isto porque a criatividade precisa de ser alimentada através da observação e experimentação...”(E2)

Todos reconhecem o desafio dos museus em, através dos seus serviços educativos, proporcionar experiências que fomentem a criatividade, o conhecimento, a expressão artística, bem como as competências sociais e culturais das crianças.

Os serviços educativos dos museus disponibilizam variados meios e ferramentas como exposições interativas, atividades lúdicas, pedagógicas e didáticas ou visitas de estudos, facilitando a aprendizagem das crianças e jovens. Esses instrumentos devem, na opinião dos entrevistados, estar ao serviço desta multiplicidade de papéis que os serviços educativos devem considerar.

“ (...) há imensas atividades que se podem fazer para públicos mais jovens é preciso realmente ver as faixas etárias... atividades que realizam jogos (...) eles gostam estar mais atentos para participar para estarem dinâmicos, e sem ter de infantilizar tudo.” (E4)

“Os museus são entidades com uma missão e uma visão geral e universal, mas terão sempre que colocar como prioridade um grande cuidado e ênfase, na estruturação e programação dos seus conteúdos educativos...” (E5)

“O programa educativo vai no fundo corresponder e responder ao período do ano letivo, tanto para as escolas do município como de todo o território nacional. Esta programação no essencial procura fazer a ponte entre os níveis etários e as capacidades cognitivas dos diferentes utentes escolares e os conteúdos das exposições. Ou seja, a educação é dirigida mais numa perspetiva de descoberta, de aprendizagem, de fazer e responder criativamente aos desafios colocados pelas histórias em exibição...”(E5)

“ (...) se a criança for convidada e se lhe for proporcionado a produção de qualquer objeto, qualquer grafismo relacionado daquilo que viu, acaba por fazer uma interpretação do que viu e já está com aquilo assumido. A criatividade, o envolvimento das crianças nisto é ... é fundamental...” (E1)

Interessante verificar que os professores entrevistados consideram as idas aos museus como algo que pode complementar de forma muito significativa o processo de aprendizagem das crianças através do estímulo à criatividade, à curiosidade, incentivando à pesquisa como forma de consolidarem e enriquecerem conhecimentos.

Nesse sentido, os próprios agentes educativos entrevistados destacam o papel importante que as visitas a museus têm nos processos de ensino/aprendizagem.

No fundo, os professores sentem necessidade de complementar o ensino regular, com estas visitas a museus, através da realização de experiências e estímulos à criatividade respondendo criativamente a desafios, e complementando os currículos escolares oficiais.

Museus como instrumentos de inserção cultural e artística – Expressões artísticas como processo de inserção cultural e a experiência artística das crianças nos museus como processo de aprendizagem. Importância e contributo?

Com esta categoria procurámos compreender junto dos entrevistados qual a importância e o contributo dos museus como instrumentos de inserção cultural e artística. O “aprender” através das artes e da cultura, demonstra que podemos utilizar expressões artísticas e práticas culturais (tradições e costumes) como uma ferramenta de aprendizagem, possibilitando uma interdisciplinaridade entre várias áreas.

“... os museus são pontos culturais e artísticos ... fazem a ponte entre diversas áreas do saber ...” (E3)

Na opinião dos entrevistados, as atividades desenvolvidas neste âmbito podem facilitar a aquisição de conhecimentos através de experiências que favoreçam o desenvolvimento global das crianças, na sua dimensão estética, artística, cognitiva, cultural e criativa. Vejamos algumas opiniões dos entrevistados sobre a importância e o contributo das expressões artísticas como um processo facilitador de inserção cultural e artística para as crianças e jovens.

“É fundamental (...) criatividade estar associada à formação de valores (...) cada vez dá-se menos importância à parte artística, à música, da expressão plástica, educação física, mas a verdade é que ela é fundamental para formação do indivíduo, da criança. A parte da criatividade, estimular a criatividade faz com que as crianças, uma vez adultos, sejam pessoas mais conscienciosas, com espírito mais crítico e criativo...” (E1)

As práticas culturais em ambientes de aprendizagem, como os espaços museológicos, contribuem para benefícios de desenvolvimento equilibrado, a nível intelectual, emocional e psicológico das crianças, e esse fator é levantado pela maioria dos entrevistados.

Esta leitura pode indicar alguma insatisfação face à impossibilidade da escola poder incentivar a criatividade e a curiosidade das crianças. A obrigatoriedade de cumprir currículos e horários, bem como a identificação de disciplinas nucleares para a

formação das crianças que não consideram a expressão artística, pode ser um indício de que caberá a outras esferas da sociedade colmatar estas necessidades. Os próprios entrevistados identificaram vantagens das visitas a museus que aludem a muitos destes aspetos.

“ (...) vantagens, (...) são imensas e todas relacionadas com a cultura e a arte permitem desenvolver e abrir as mentes. Dar a oportunidade de conhecer aspetos novos da nossa sociedade, principalmente aos mais jovens”. (E3)

“(...) por serem importantes pólos importantes de informação cultural, de informação científica, independente do seu objeto da sua amostra, acabam também por ser importantes pólos culturais, artísticos, se assumirem, desde então essa componente. Por isso, julgo que os museus são sempre uma peça interessante na cultura local.” (E1)

Outro dos aspetos considerados importantes tem a ver com a inserção nas comunidades e o conhecimento sobre a cultura local, para além da complementaridade no processo educativo formal.

As expressões artísticas fortalecem o desenvolvimento cognitivo e a aquisição de competências para a vida, melhoram a adaptabilidade social e a consciência cultural das crianças, permitindo-lhes construir uma consciência com base na tolerância, aceitação e a valorização dos outros. Este aspeto da socialização é também algo destacado pelos entrevistados como outra das funções dos museus.

“ (...) os museus têm a possibilidade de mostrar à sociedade toda a diversidade que a constitui, e através dessa divulgação será possível analisar, refletir e valorizar e é assim acontece a inserção.” (E2)

“A forma de inserção aplicada aos museus serão oficinas práticas com temáticas específicas com exemplificação no local, eventos pontuais com temáticas específicas, etc...” (E3)

Como podemos verificar por estas afirmações, os museus tornaram-se em espaços de fomento e de desenvolvimento de novas ações de integração cultural. Contribuem para a formação da identidade cultural das crianças e jovens, permitindo o entendimento das tradições e de outras culturas.

“ (...) os museus têm de pensar, sempre em atividades específicas para públicos específicos (...) temos de definir os nossos públicos-alvo e depois trabalhar conforme esse público-alvo. Claro que há atividades que atraí um número maior de pessoas, depende do tipo de iniciativa (...) portanto, aí tem a haver também um pouco com a posição do próprio museu, o que pretende, até que ponto consegue e pode e ir, quer ir...” (E4)

A oportunidade das experiências artísticas junto das crianças e jovens do concelho, é considerado pelos entrevistados como um importante contributo para o processo de aprendizagem.

“ (...) o museu tem um papel ativo no processo da aprendizagem ao longo da vida, não só das crianças e dos jovens, mas também depois na idade adulta, dos mais velhos, mas, sem dúvida nas crianças é importante porque é um início a algo, criação de hábitos, de cultura, o sair da escola, do contexto normal, é uma mais-valia, claro que aí, depende muito do tipo de museu, do tipo de experiência museal que se pretende com a de visita ou com a atividade ou com oficina.” (E4)

As crianças são dotadas de criatividade e essa criatividade precisa de ser trabalhada e desenvolvida. De acordo com as respostas recolhidas esse trabalho pode ser realizado por meio das expressões artísticas nos museus.

“ o que nós fazemos é tentar que esse público mais novo conceba e trabalhe com criatividade, que não se limite a exercícios de pura cópia, ou a imitar a visão do mundo dos adultos, mas que sejam mais autênticos e originais em relação à sua idade, evitando inculcarmos ideias estereotipadas, ou respostas normalizadas e iguais para todos.” (E5)

A criança olha, cheira, toca, ouve, experimenta, e gosta de interagir com o meio que a rodeia, contribuindo, assim, para o desenvolvimento global e satisfazendo as curiosidades inatas das crianças. O toque e o movimento têm-se transportado para o mundo dos museus, incentivando novas experiências, mais próximas e diretas à criança, de forma a aumentar a aprendizagem, favorecendo a compreensão, como evidência este entrevistado.

“ (...) o contacto direto e o manuseamento de materiais e objetos reais, a duas e três dimensões, como por exemplo modelar o barro utilizando as tintas, a colagem, moldar em plasticina ou gravar as placas, associando à atividade cerebral a ação motora, a expressão corporal à capacidade criativa, ligando a mão, corpo e cérebro.” (E5)

Relação do espaço museológico com a comunidade local - Monchique.
Reconhecimento e contributo?

No que concerne a relação do futuro espaço museológico para com a comunidade local, o concelho de Monchique, tendo como suporte a importância das expressões artísticas junto das crianças e jovens do concelho, os entrevistados demonstram que o museu, o património cultural e as tradições podem trabalhar em conjunto, atuando como uma grande rede de partilha de interação e de conhecimentos e, ao mesmo tempo, desenvolvendo atividades artísticas e culturais.

“ (...) é um promotor e um integrador dessa comunidade e nessas vocações tem que estar a aquilo que é a vocação artística e a vocação cultural.” (E6)

“ (...) a genuinidade e autenticidade de um território faz se também pela capacidade que temos de respeitar e mostrar (...) o nosso património e a nossa história ...” (E1)

Um dos aspetos mais focados foi o facto, de os museus poderem fazer a ligação com a comunidade, expondo nas coleções, objetos e manifestações artísticas, históricas, e religiosas da comunidade local e da sua envolvente, atraindo os públicos mais novos e a comunidade local onde se inserem.

“ (...) cada museu deve-se adaptar à sua comunidade, mas também deve ter sempre em vista a resposta aos visitantes e para isso é preciso conhecer quem nos visita, acho que isso é um elemento fundamental...” (E6)

“Os museus tal como as bibliotecas e arquivos são as estruturas por excelência mais indicadas, em qualquer sociedade, para a conservação das suas memórias e a continuidade do registo das suas narrativas históricas (...) um museu quando abre as suas portas tem que se assumir como um local de encontro das comunidades consigo próprias, ao longo do ano, no espaço do museu.” (E5)

A educação artística é valorizada nestes locais, porque promove e possibilita práticas culturais, como o conhecimento, apreciação da arte e da cultura, que são transmitidos de geração em geração reforçando, desta forma, a consciência e a identidade culturais.

“ (...) para valorizar e ajudar a valorizar a identidade local (...) o património, sobre as suas personalidades e sobre aquilo que faz parte do seu lugar histórico e cultural e aí o museu tem sido realmente o principal ponto, quer da investigação, quer da dinamização dessa identidade local.” (E6)

“o museu deve ser um espaço interativo, um espaço dinâmico, um espaço que convide as pessoas à descoberta, (...) Monchique não tendo até agora um museu em si, tem apenas núcleos museológicos de Arte Sacra e um Moinho, acho que seria importante ter um projeto que explicasse algumas das nossas tradições e de algumas atividades económicas que temos no concelho...”(E1)

“ ... o Museu Miró em Espanha e no Museu Picasso, que quando uma pessoa chega lá tem uma barreira e não se pode aproximar, não se pode tocar, porquê? Porque é uma escultura, um quadro, uma pintura e hoje cada vez mais há uma tendência para tocar nos objetos, não há problema nenhum os objetos também têm história! Um objeto que é envernizado no tempo, que pára no seu tempo, acaba por perder o seu interesse, o objeto também é o uso que tem. Por isso, quando se fala em artefactos do medronho, eles têm de ser objetos mexidos.” (E1)

Os museus podem incrementar e potencializar o desenvolvimento local. Os projetos culturais ou educativos, sejam eles em museus ou em casas-museu, são considerados fundamentais para a valorização da comunidade onde se inserem.

“ (...) se o museu for um espaço dinâmico, um espaço com atividades (...) que promova a criatividade e a cultura, é sempre interessante e as pessoas locais assumem-no como uma parte de si, como um património seu e acabam por desta forma terem um papel fundamental! Por um lado, na consolidação e na transmissão de uma tradição, de um conhecimento de uma geração (...).” (E1)

“ (...) proporcionar a nível regional um acesso mais facilitado para que mais escolas e mais alunos possam visitá-los e beneficiar com as suas potencialidades (...)” (E2)

“ (...)se existir na localidade um museu com interesse para a temática abordada ao longo do ano será feita uma visita.” (E2)

“ (...) aproveitar os que temos para ensinar o percurso da humanidade na nossa região, os nossos costumes e valores. Adequar isso às faixas etárias mais novas com atividades lúdicas, artísticas e desportivas. Acho que nos meios mais pequenos e rurais também deviam ter espaços educativos de forma a educação dos museus chegar a todos. Até porque todos locais tem uma história para contar.” (E3)

Foi comum a todos os entrevistados a crença de que o Algarve oferece poucas oportunidades e lugares propícios para as crianças desenvolverem atividades artísticas. Este tipo de experiência artística é importante no processo de aprendizagem das crianças e jovens.

“ acho que ainda é pouco explorado ou quando é ou são feitas essas oficinas, ateliers ou atividades, talvez quem oferece não tem real consciência da dimensão que isso poderá ter, porque às vezes, basta uma pequena atividade ou uma experiência diferente no museu e aquelas crianças vão ficar com aquela experiência, vai ser uma coisa marcante e vai ser uma experiência significativa, é a partir dessas experiências, que se cria a aprendizagem, no fundo essas coisas estão relacionadas.” (E4)

“ (...) hoje espera-se que os museus sejam efetivos agentes de mudança, que sejam elementos também proporcionadores de novas discussões, de novas mentalidades, de novos patrimónios, portanto, não chega já, cingir-se ao património histórico, tem que se pensar nos outros patrimónios, nas outras realidades fora de portas e ser realmente um elemento ativo de dinamização da cultura local.” (E6)

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PROPOSTA PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

“... Nos tratados de medicina e agricultura lá estão guardados muitos dos segredos. Do que por fora serve para curar, por dentro para espairecer, de Verão para refrescar, de Inverno para aquecer. Como se fossem pilares de feitiços de muitas curas”

*Américo Telo, Roteiro das Destilas do Medronho de Monchique 2012,
Câmara Municipal de Monchique*

Nesta parte do projeto, determinamos fazer uma análise breve do concelho de Monchique, para que possamos compreender a realidade do concelho. Do nosso ponto de vista, o desenho de uma proposta para um futuro espaço museológico envolve uma análise de cariz cultural, social, demográfico e educacional da população da Vila. A cultura e as tradições artesanais locais servem de base para o desenvolvimento de ações e projetos que visem um desenvolvimento artístico e educativo das crianças e jovens e foi com base neste pressuposto que escolhemos o tipo e o tema das atividades que incluímos na proposta pedagógico-didática.

Para a caracterização do contexto local da Vila de Monchique que se segue, obtivemos grande parte da informação no *site* da Câmara Municipal de Monchique⁴⁴ e da recolha de dados auferidos da entrevista que realizamos ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Monchique.

Consultámos o Diagnóstico Social do Concelho de Monchique (2004) que foi relevante para compreendermos a evolução da Vila, desde do ano de 2004 aos dias atuais e realizámos pesquisas no site do INE Instituto Nacional de Estatística e Censos 2011⁴⁵.

⁴⁴Câmara Municipal de Monchique. In http://www.cm-monchique.pt/portal_autarquico/monchique/v_pt-PT [consultado a 15/02/2013]

⁴⁵INE – Instituto Nacional de Estatística. In http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main [consultado a 15/02/2013]

Breve enquadramento de *M*onchique**Breve resumo histórico**

O concelho de Monchique apresenta vestígios da presença romana, em que estes foram atraídos pelo poder curativo das águas das Caldas de Monchique. Nos séculos seguintes a serra foi-se povoando e no séc. XVI Monchique recebeu a visita do rei D. Sebastião (1554-1578) e este concedeu-lhe o estatuto de vila. A tecelagem de lã e do linho e as atividades relacionadas com a exploração de madeira de castanho contribuíram para o desenvolvimento de Monchique, tendo sido promovida a vila em 1773.⁴⁶

Situação geográfica

O concelho de Monchique é um conselho interior e encontra-se inserido na unidade territorial do Algarve no distrito de Faro.

Monchique integra uma das sub-regiões que é formada pelos seguintes concelhos de Aljezur, Vila do Bispo, Monchique, Lagos, Portimão, Lagoa e Silves, estando a norte limitado pelo concelho de Odemira, a sul pelos concelhos de Silves e a Oeste pelo Concelho de Aljezur.⁴⁷



Figura. 1 Mapa do Algarve. Fonte: Jornal do Algarve⁴⁸

⁴⁶Site da Câmara Municipal de Monchique. In http://www.cm-monchique.pt/portal_autarquico/monchique/v_pt-PT [consultado a 15/02/2013]

⁴⁷*Idem*

⁴⁸Jornal do Algarve. In <http://www.jornaldoalgarve.pt> [consultado a 15/02/2013]

O concelho de Monchique é composto por três freguesias Alferce, Marmelete e Monchique. A serra de Monchique divide-se, em relação à altitude, em dois picos distintos: a Fóia, mais a ocidental e com uma altitude de 902 metros acima do mar e a Picota com 774 metros de altitude. A serra de Monchique apresenta uma diversidade vegetal e climatérica relacionada com a qualidade ambiental, reconhecida como o “*Jardim do Algarve*”.⁴⁹

CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO LOCAL	
TERRITÓRIO	
ÁREA	395,25KM2
NÚMERO DE FREGUESIAS	3

Gráfico 1. Fonte: Câmara Municipal de Monchique

Demografia

De acordo com o INE (censos 2011) e o *site* da Câmara Municipal de Monchique, a sua população é de 6 045 habitantes, sendo 50,39% do sexo masculino e 49,61 do sexo feminino. De acordo com o diagnóstico social do concelho de Monchique de 2004⁵⁰, a estrutura do povoamento do concelho caracteriza-se por ser do tipo disperso com apenas um polo moderado de dimensão, a sede do concelho, que conta com mais de metade da população residente.⁵¹

A restante população encontra-se distribuída pelas outras duas freguesias que compõem o concelho, Alferce e Marmelete. Segundo o diagnóstico Social do Concelho de Monchique, (2004 p. 5) “*recuando apenas 20 anos, é possível constatar o acentuado decréscimo da população concelhia. Uma tal situação resulta de fatores desincentivadores da fixação característicos da interioridade a vários níveis, atividade*

⁴⁹*Idem*

⁵⁰ União Europeia, Governo da República Portuguesa, Ministério da Segurança Social, Família e Criança (2004) . Diagnóstico Social Concelho de Monchique.

⁵¹ *Site* da Câmara Municipal de Monchique. In http://www.cm-monchique.pt/portal_autarquico/monchique/v_pt-PT [consultado a 15/02/2013]

económica incipiente, limitadas condições de acessibilidade interna, insuficiência de infraestruturas sociais, aos quais se acresce o poder de atração do litoral, dada a concentração de atividades que aí se regista”.

CARATERIZAÇÃO DA DEMOGRAFIA

DEMOGRAFIA	POPULAÇÃO
POPULAÇÃO (2011)	6 045 hab.
POPULAÇÃO (2001)	6 974 hab.
POPULAÇÃO (1991)	7 309 hab.

Gráfico 2. Fonte: Câmara Municipal de Monchique (adaptado)

Fauna, Flora, Geologia e Clima

O concelho apresenta um arbóreo denso, diversificado e com características naturais. Os solos são espessos e tem água das nascentes. O concelho possui uma paisagem agrária com múltiplas culturas dispersas em terraços escalonados, regados e explorados de forma intensiva durante todo o ano.

Podemos encontrar árvores de fruto entre as quais afiguram os citrinos, macieiras e oliveiras. Os topos existentes são de altitude considerável e os vales apresentam um significativo grau de encaixamento com linhas de água e a profusão de nascentes naturais.

A Serra de Monchique apresenta um conjunto montanhoso com características muito próprias, onde existem habitats particulares causados pela união dos diversos fatores biofísicos, o que permitiu o desenvolvimento de várias espécies.

O clima é caracterizado por apresentar no inverno uma elevada pluviosidade e temperaturas baixas. No verão a humidade é fraca e as temperaturas são elevadas, o que leva a destacar a existência de um misto de dois climas distintos, próprios de uma zona temperada nas cotas menos elevadas e de uma região subalpina já próxima dos picos

mais elevados. A proximidade do oceano e o relevo do concelho fomentam a frequência de nevoeiros e de granizo, assim como a possibilidade de quedas de neve ocasionais. Os valores de nebulosidade são muito altos, assim como os da humidade relativa e da pluviosidade. As temperaturas no inverno são amenas. A vegetação natural que cobre a serra constitui um bom indicador deste misto de microclimas resultantes de diversos fatores climáticos, da latitude, da altitude, da proximidade do mar e dos regimes de vento.⁵²

A área de florestas é de cerca de 85% da área do concelho. A maior parte do concelho está englobada na Rede Natura 2000. As zonas envolventes da Foz e da Picota estão classificadas como Espaço natural de Grau I e apresentam predominância de eucaliptos, sobreiros, pinheiros, medronheiros e matos (esteva e urze).⁵³

Principais atividades

A estrutura agrária do concelho é estruturada em explorações de pequena dimensão e de carácter familiar, revelando um importante papel na autossuficiência alimentar e financeira da população local. Destaca-se ainda a forte produção de pinheiros e eucaliptos. No concelho existe ainda castanheiros e sobreiros, mas já com um menor peso na economia local. As batatas, o milho e alguns hortícolas são produzidos em unidades diminutas, assim como os citrinos e o olival. No concelho existem atividades significativas para a economia familiar como a produção de enchidos, de artesanato, de mel e de aguardente de medronho. A suinicultura é intensiva e do tipo industrial, e também do tipo familiar, onde se criam mais de 50% dos suínos da região, a bovinocultura e ovinocultura de carne são também de produção extensiva.⁵⁴

Na Serra de Monchique a exploração florestal é predominante e a agricultura tem pouco peso. As explorações agrícolas ocupam meramente 13.391ha num concelho com uma área de 395,8km².⁵⁵ A mais importante forma de ocupação dos solos agrícolas são as pastagens permanentes, destinadas à pecuária extensiva, mas a sua relevância face à atividade florestal e à suinicultura é menor.

⁵²*Idem*

⁵³*Idem*

⁵⁴*Idem*

⁵⁵*Idem*

A Vila de Monchique é um concelho vocacionado para o turismo e foram vários os fatores que contribuíram para esta situação, nomeadamente os vestígios históricos das termas, pela antiguidade do Miradouro da Fóia, pelas características do microclima da floresta e da montanha entre o Alentejo e o Algarve, que atraem turistas e visitantes ao longo do ano.

O Concelho de Monchique também é conhecido pelas suas condições favoráveis à prática do turismo rural e do turismo de natureza, nomeadamente pelos seus passeios pedestres na serra, pelas suas feiras de promoção de produtos tradicionais (Feira dos Enchidos e a Feira do Presunto) pela gastronomia, pela doçaria, pela restauração, pelo artesanato e pelo comércio artesanal. (Idem)

Educação

No que se refere ao Ensino Pré-Escolar existem dois Jardins-de-Infância (Pré-Escolar de Monchique e Pré-Escolar de Marmeleite) e uma creche. Em relação ao ensino básico, o concelho é constituído por três escolas (E.B.1 Nº 1 Monchique, E.B. Nº 2 Monchique e E.B.1 de Marmeleite) e a Escola E.B 2, 3 de Monchique que permite formação dos alunos até ao 9º ano.

Em Monchique não existem escolas de ensino secundário, e por isso os jovens residentes têm que se deslocar para a Cidade de Portimão que fica a 30km² de distância para frequentar este grau de ensino. Segundo o Diagnóstico Social do Concelho de Monchique (2004, p. 13) “*esta situação leva a que muitos dos jovens não continuem a sua formação escolar. Ao nível superior, verifica-se a mesma situação, mas é parcialmente apaziguada pela existência de pólos da Universidade do Algarve e de um Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes em Portimão*”.

Atualmente ainda não existe qualquer alternativa acessível à formação escolar ou artística, existe apenas uma Escola Profissional em Odemira e outra em Portimão. Em relação às atividades de enriquecimento curricular no ensino básico, a Câmara Municipal de Monchique tem vindo a promover o serviço do Ensino de Inglês, Atividades Física e Desportiva e Ateliers de Expressão, em regime de complemento

educativo, de frequência gratuita, aos alunos dos estabelecimentos públicos onde seja ministrado o ensino básico.⁵⁶

A Câmara Municipal de Monchique apresenta ainda de um plano anual de atividades lúdico-pedagógico. Este plano de atividades propõe-se a complementar o trabalho pedagógico do agrupamento de escolas do concelho e a potenciar o acesso dos alunos a outras realidades e a outras experiências, contribuindo para uma melhor articulação entre os agentes educativos. Este plano integra também ações que a biblioteca municipal desenvolve para o público-escolar durante o ano letivo.⁵⁷

Oferta cultural

Os espaços culturais que podemos encontrar no concelho são os seguintes: a Biblioteca, a Galeria de St. António, o Núcleo de Arte Sacra de Monchique e o Pólo Museológico de Arte Sacra do Alferce. Em relação ao património natural, podemos ver no concelho árvores centenárias nomeadamente: os Plátanos, a Magnólia Araucária. Em Monchique podemos encontrar algumas árvores que foram classificadas como sendo de interesse público, devido à sua idade e ao seu porte, e por isso estas árvores são protegidas. Podemos encontrar ainda o Barranco dos Pisões, que é um espaço agradável, por onde passa uma ribeira. Este espaço é destinado para piqueniques e onde podemos encontrar um plátano classificado como árvore monumental de Portugal pela sua idade centenária. Neste local, encontra-se um moinho de água “Moinho do Poucochinho”, que foi recuperado pela junta de freguesia de Monchique.⁵⁸

No que diz respeito ao Património Arquitetónico podemos encontrar no concelho chaminés de saia que fazem parte da arquitetura algarvia tradicional, o Moinho do Poucachinho e o Sítio Arqueológico do Cerro do Castelo de Alferce. Este castelo foi construído no século X ou XI pelos muçulmanos e serviu de refúgio militar de apoio ao Castelo de Silves. Presentemente restam alguns muros e uma cisterna. O local onde se

⁵⁶*Idem*

⁵⁷*Idem*

⁵⁸*Idem*

encontra as ruínas do Castelo já foi alvo de escavações arqueológicas, com o intuito de proceder à datação do sítio arqueológico.⁵⁹

Neste momento decorre o processo de classificação legal de Património Cultural edificado junto do Instituto Português do Património Arquitetónico.

Ainda no que diz respeito ao Património Religioso podemos encontrar na vila a Capela de Santa Teresa nas Caldas de Monchique, a Capela do Pé da Cruz, o Convento de Nossa Senhora do Desterro, a Ermida de S. Sebastião, a Ermida de S. António em Marmelete, a Igreja da Misericórdia, a Igreja Matriz de S. Romão no Alferce, a Igreja da Nossa Senhora da Encarnação em Marmelete, a Igreja Matriz de Monchique e a Igreja do Senhor dos Passos.

Monchique é uma vila conhecida pelas suas tradições, pelas suas feiras, festas e romarias. As tradições mais importantes são a “Morte Porc” e a “Estila”. Este concelho é ainda caracterizado por abranger atividades que continuam a desenvolver em moldes tradicionais como o artesanato. O artesanato encontra-se direcionado para o turismo, assim como a produção de produtos da Serra de Monchique como o mel e a produção da aguardente de medronho. Estas atividades são passadas de geração em geração e refletem o modo de viver e de sentir da população e constituem um fator importante da identidade cultural da comunidade.

Feita a nossa apresentação sobre a Vila de Monchique, embora de forma resumida sobre o Concelho de Monchique, passamos a justificar a relevância do nosso estudo exploratório para a criação de um projeto pedagógico-didático para a Casa do Medronho.

⁵⁹*Idem*

3. JUSTIFICAÇÃO E RELEVÂNCIA DA PROPOSTA PEDAGÓGICO-DIDÁTICA

A realidade museológica do Algarve centra-se sobretudo em museus onde predominam as coleções arqueológicas, de arte sacra e etnográficas e conta com 16 membros.⁶⁰ No entanto, após a consulta no *site* da Rede de Museus do Algarve, verificamos que não existem museus na região com a temática ligada à tradição artesanal do fabrico da aguardente de medronho, sendo esta uma tradição cultural e artesanal predominante na região e com notoriedade na Serra de Monchique.⁶¹

Após este cenário museológico, ou seja, a não existência de um museu em toda a região com esta temática, torna-se necessário proceder à identificação, ao estudo e a salvaguarda desta tradição peculiar do concelho de Monchique. Um espaço museológico como a Casa do Medronho, pode para além das funções tradicionais dos museus, desempenhar também funções educativas direcionadas para as crianças e jovens do concelho.

Gonçalves (2009) também reconhece que os museus assumem-se como centros dinâmicos de representação e de conhecimento do património natural e cultural das regiões em que se integram, da sua história e das suas tradições.

Numa análise limitada ao concelho verificamos, que a oferta artística para as crianças e jovens, é frágil. Este cenário não se restringe apenas ao concelho de Monchique, mas como se estende a toda a região do Algarve. A oferta de programas, atividades, formações, seminários e *workshops* a nível da educação artística, é muito reduzida, assim como espaços destinados a esse efeito.

Neste sentido, resolvemos apresentar um projeto pedagógico-didático, com base no estudo exploratório que realizámos ao longo do ano, de forma, a responder às necessidades educacionais e artísticas do concelho Município.

Nesta etapa do estudo, deparamos-mos com um enorme desafio, conseguir integrar de forma coerente e equilibrada o projeto pedagógico-didático e as três atividades propostas para o futuro espaço museológico. O projeto deve-se enquadrar harmoniosamente com a comunidade local e com o tema da Casa do Medronho.

⁶⁰Fonte: Rede de Museus do Algarve, disponível em <http://museusdoalgarve.wordpress.com> [consultado a 13/11/2012]

⁶¹Direção Regional da Cultura do Algarve, disponível em <http://www.culturalg.pt/EspacosCulturais/> [consultado a 15/11/2012]

Chegamos à conclusão que os atores-chaves reconheceram a importância da educação nos museus, e que estes espaços são excelentes parceiros das escolas e das próprias comunidades onde se inserem, podendo desenvolver atividades dinâmicas associadas às expressões artísticas.

Um museu com uma temática relacionada com a história local faz a ponte entre diversas áreas do saber e contribuem, de forma positiva, para o desenvolvimento artístico das crianças, sendo por isso, necessário criar oportunidades para as crianças e jovens.

O tema do espaço museológico está relacionado com a produção da Aguardente de Medronho. A produção da bebida tem contribuído, de forma muito significativa, para a economia familiar. Esta atividade é uma das principais do concelho e faz parte da identidade cultural e gastronómica do concelho.

A produção da Aguardente de Medronho representa uma tradição secular, que tem vindo a passar de geração em geração, e desempenha ainda uma fonte importante de rentabilidade financeira e económica da comunidade. Face à sua importância a nível local e regional resolvemos explorar temas como o fruto, a árvore do medronho, a produção agrícola e os objetos utilizados na produção. Estes temas serviram de alicerce para o esboço das três atividades.

Ao analisarmos o concelho de Monchique, verificamos que este apresenta uma riqueza a nível da fauna e da flora e ainda uma diversidade cultural considerável. Ao termos acesso a estes dados, reconhecemos que estes dados podem servir de tema para as atividades. Esta situação tornou-nos conscientes da importância da educação ambiental para a região. Desta forma, incluímos numa das atividades propostas a educação ambiental, tendo como objetivo sensibilizar os mais jovens para as boas práticas ambientais e reforçar a importância da Serra de Monchique como fonte de rendimento e de riqueza ambiental.

Face a estes dados, desenvolvemos três atividades que incidiram sobre as seguintes áreas: artística, cultural e ambiental. As três atividades estão devidamente contextualizadas a nível cultural com a comunidade local e ligadas ao conteúdo da Casa do Medronho. As três propostas abordam, de forma dinâmica, um produto singular, que é a produção da bebida de aguardente de medronho, um produto típico e regional que provém de um fruto proveniente de uma árvore da Serra de Monchique. Ao

desenvolvermos estas atividades, estamos paralelamente a incutir o respeito por valores que fazem parte do património cultural e do património natural, a valorizar a cultura da região e a alertar as crianças para a consciencialização e prevenção em relação ao consumo de álcool.

CASA DO MEDRONHO



Fig. 2 Fruto do medronho

A Câmara Municipal de Monchique pretende ainda este ano avançar com o projeto da Casa do Medronho. A candidatura a verbas do QREN1 já foi apresentada e está previsto o investimento de um milhão de euros, segundo dados da autarquia.

A Casa do Medronho será um espaço que apresentará características e funções museológicas, nomeadamente a apresentação de uma coleção visitável relacionada com o processo de produção, que reunirá um conjunto de bens culturais conservados pela comunidade, exposto publicamente em instalações, especialmente desenhadas para esse fim.

Neste sentido, o enquadramento orgânico da Casa do Medronho será da responsabilidade da Câmara Municipal de Monchique, a quem caberá assegurar, em parceria ou não com outras instituições públicas ou privadas, o levantamento, classificação, manutenção, recuperação e divulgação do património cultural do município. Por outro lado, também será da responsabilidade da Câmara assegurar a gestão e as condições de funcionamento do espaço, integrada na Divisão Educação e Cultura, a par com os restantes núcleos museológicos do município.

Como já foi referido ao longo do estudo, o museu é um espaço para receber pessoas, transmitir conhecimentos e interagir, e está associado às funções tradicionais de conservar, estudar e apresentar coleções.

No âmbito das casas-museu, é importante que esta Casa do Medronho seja associada a áreas de serviços museológicos, possibilitando aos visitantes, desde crianças, jovens, grupos escolares, visitantes turistas e aos habitantes locais, a perceção e entendimento de todo o processo ligado à produção da aguardente de medronho na

região. Existem várias definições de casa-museu, mas neste contexto, torna-se importante destacar o valor histórico dos artefactos ou dos objetos da comunidade local com características muito próprias como o alambique, de origem árabe, utilizado na destilação de bebidas.

Em relação ao futuro espaço imóvel do projeto, não obtivemos informações concretas por parte da autarquia e por este motivo não podemos aprofundar este aspeto.

As estruturas como a receção, salas de exposições, espaços interpretativos e educativos entre outras, são fundamentais para a afirmação do serviço das casas-museu, valorizando-as como instituições essenciais para a transmissão de informações aos seus visitantes, em especial aos mais jovens.

Apesar de não ser este o nosso tema do projeto, torna-se inevitável refletir até que ponto a Casa do Medronho pode dar uma resposta positiva no campo da rentabilidade económica e ser um motor de desenvolvimento para a área geográfica onde se insere.

Será que a Casa-Museu da Medronho acrescentará algo à realidade cultural do Algarve?

E do ponto artístico, pode esta Casa do Medronho desenvolver atividades com o envolvimento das expressões artísticas às crianças do concelho?

Segundo Ponte, (2007) os museus são espaços de atividade cultural e podem incrementar e potencializar o desenvolvimento local. Os projetos culturais sejam eles museus ou casa-museu, são considerados fundamentais para a valorização do contexto local. A cultura de uma comunidade deve ser considerada como um objetivo de desenvolvimento essencial na formação dos indivíduos e da sociedade, começando primeiro pelos mais jovens, pelas crianças. Aqui destacamos a importância de vários fatores que podem ser articulados como o tempo livre dos jovens e crianças, bem como o nível de educação e a oferta cultural do concelho. É importante, também, salientar, que os museus são uma mais-valia para o turismo, provocando uma série de melhorias ao nível dos acessos, das redes de transporte, de serviços públicos, da hotelaria e podem ser fontes geradoras de emprego.

Segundo Ponte, (2007, pág. 15) *“Esta consciência vem (...) promovendo cada vez maior democratização da cultura e descentralização das decisões, articulando diferentes poderes públicos, autarquias, associações e sistemas de ensino”*.

Mas, como podemos desenvolver atividades lúdicas e educativas inseridas na história desta comunidade através das expressões artísticas?

Para a realização da proposta pedagógico-didático, tornou-se necessário analisar e compreender aspetos inerentes à dinâmica dos serviços educativos para que a proposta fosse adequada ao espaço museológico, aos públicos-alvo (crianças e jovens) e à comunidade local.

A publicação da Comissão de Museus e Galerias do Reino Unido, especializada na área da educação nos museus, é destinada a profissionais que desejam implementar e desenvolver e implementar nas suas instituições áreas educativas.

Segundo *Museums & Galleries Commission*⁶² (2001), existem um conjunto de fatores que devemos ter em conta quando se pretende implementar um determinado tipo de programa educativo num museu:

Quadro n.º 7 - MUSEU/CASA-MUSEU	
Tema e tipologia do museu	Tamanho do museu
Recursos financeiros	Tipo de acervo, de coleções
Quadro de pessoal	Tipo de públicos

Segundo *Museums & Galleries Commission* (2001), todos os diretores e responsáveis de instituições culturais ou museológicas devem em consideração algumas diretrizes.

Com base no quadro anterior, definimos as etapas a seguir no nosso projeto para a realização de uma proposta pedagógico-didática. Para que a proposta passe do papel para a ação, é necessário estruturar as atividades com o envolvimento das expressões artísticas. Há que pensar na função educativa da casa-museu e de que forma é que esta proposta pode ser posta em prática.

⁶²A publicação contém uma série de sugestões e orientações para a organização de planos de trabalho e de formulação de políticas educacionais, que os museus devem seguir, de forma, a enfrentarem os desafios contemporâneos e ainda no estabelecimento de novas relações com os públicos, na construção de uma cidadania consciente.

Vejamos alguns aspetos a ter em consideração: identificar os públicos-alvo; definir os objetivos pedagógicos, culturais e sociais; identificar as áreas de intervenção; fazer um levantamento dos recursos (humanos, financeiros, o tamanho do museu, recursos disponíveis); estruturar as atividades e a apresentação do projeto pedagógico-didático, colocar em ação o mesmo, e por último, avaliar o mesmo.

Após o nosso estudo exploratório, consideramos que as três atividades deviam incidir nos seguintes pontos: ser direcionada a crianças e jovens, assentar nos paradigmas da educação nos museus; desenvolver as três atividades relacionadas com o tema da Casa do Medronho; ponderar a tipologia e o tamanho do espaço; envolver as expressões artísticas, tendo atenção que as técnicas e materiais devem ser de acordo com as faixas etárias e contextualizar a proposta numa tentativa de envolver a comunidade através da história, das tradições e dos costumes.

4. OBJETIVOS PEDAGÓGICOS, CULTURAIS E SOCIAIS DO PROJETO PEDAGÓGICO-DIDÁTICO

Esta proposta é direcionada a todas as crianças e jovens, desde do ensino pré-escolar ao ensino secundário. Não se restringe apenas às escolas públicas e privadas do Município de Monchique, mas como a todas as escolas do Algarve.

A proposta pedagógico-didática é constituída por três atividades lúdicas, pedagógicas e artísticas. Passamos a indicar os objetivos e áreas gerais atividades no âmbito pedagógico, cultural e social, valorizando o “saber ser”, o “saber fazer” e o “saber”.

OBJETIVOS NO ÂMBITO PEDAGÓGICO

Quadro nº 8 – “O saber ser”

Desenvolver a autonomia, a participação e a colaboração

Desenvolver o civismo e o respeito pelos outros

Desenvolver o espírito crítico, a autoconfiança e a livre expressão de ideias e a criatividade

Estimular o desenvolvimento de referências éticas, de atitudes e de valores

Fomentar um ambiente de conhecimento sem discriminação, no respeito pelas diferenças culturais, físicas ou de outra natureza

Quadro nº 9 – “O saber fazer”

Trabalhar destrezas físicas, manuais, tecnológicas

Desenvolver trabalho experimental

Desenvolver a oralidade, (saber falar)

Desenvolver as capacidades operativas (habilidades ou destrezas)

Fomentar processos de metodologias “aprender a brincar”, “aprender a aprender”, “aprender a fazer”,
envolvimento global da criança com o meio

Quadro nº 10 – “O saber”

Desenvolver competências a nível cultural e artístico

Desenvolver a memorização, a compreensão, a aplicação, a síntese e a valorização

Promover informação para todos utilizando, quanto possível, metodologias diferenciadas de modo, a
respeitar os diversos ritmos de aprendizagens e faixas etárias

OBJETIVOS NO ÂMBITO CULTURAL E SOCIAL**Quadro nº 11 – Objetivos no âmbito cultural e social**

Alargar a ação cultural no campo da promoção da Casa-museu

Desenvolver conhecimentos da história e da cultura local

Promover a cultura, o lazer, a troca de experiências, a consciencialização para a prevenção do consumo do álcool, tendo isso, um impacto na qualidade de vida de cada criança

Promover a qualidade ambiental, incentivando atitudes de preservação da natureza, desenvolvendo consciência cívica para a sua sustentabilidade e o desenvolvimento de hábitos ecologicamente responsáveis

De uma forma geral, as três atividades que constituem o projeto pedagógico-didático no âmbito da educação não-formal, têm como pressuposto desenvolver a experiência pessoal do sujeito no seu todo, assim como as suas competências pessoais, de forma a evidenciar a criatividade de cada criança.

Quadro nº 12 – Áreas gerais

Competências Pessoais e Sociais	Conhecimento
Incorporar ideias e pensamentos	Consciencializar para o espaço museológico
Desenvolver um ambiente de cooperação coletiva e de grupo	Promover a receptividade de ideias
Desenvolver um grupo de trabalho autónomo e participativo	Permitir o sentido autocrítico e a valorização da diferença
Inovar metodologias de trabalho em contexto de aprendizagem em museus (educação não-formal)	Alargar conhecimentos
Sensibilizar o cumprir de regras em contextos de museus	Motivar o pensar, o estruturar e o concretizar
Desenvolver comportamentos autónomos	Criar momentos de reflexão individual e coletiva da aprendizagem
Expressões artísticas	Criatividade
Adquirir hábitos de observação visual e retentiva das linhas e formas dos objetos exposto na Casa-Museu	Estimular o sentido estético e promover atitudes criadoras e criativas
Observar e explorar diferentes formas, texturas, técnicas e materiais	Apreciar criativamente o que os materiais de reciclagem oferecem
Dinamizar potencialidades individuais, expressão de emoções, sensações e sentimentos	Promover a educação, de modo, a sensibilizar para as diferentes formas de expressão artística

5. APRESENTAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO-DIDÁTICO

O projeto pedagógico é constituído por três atividades a desenvolver no futuro espaço museológico, são as seguintes:

DECORAR A GARRAFA!	APRENDE A ROTULAR A GARRAFA!	JOGO DO MEDRONHITO, VEM DESCOBRIR A SERRA DE MONCHIQUE!
<p>EXPRESSÕES ARTÍSTICAS & CULTURAIS</p>  <p>Solicita-se a cada participante que decore a sua garrafa. Pintar, recortar e colar, tornando-a apelativa para que possa ser comercializada a garrafa.. Será uma visita, seguida da decoração da garrafa com materiais reaproveitados.</p>	<p>EXPRESSÕES ARTÍSTICAS & CULTURAIS</p>  <p>Construção de rótulos. Após observação de diferentes tipos de rótulos existentes nas garrafas expostas na Casa, solicita-se a cada participante que crie o seu próprio rótulo com criatividade. Será uma visita, seguida da decoração da garrafa com materiais reaproveitados.</p>	<p>CULTURAL & AMBIENTAL</p>  <p>Iniciação à descoberta das tradições culturais, das principais atividades económicas da Serra de Monchique. Jogo de grandes dimensões em que vence a equipa que chegar primeiro à meta final.</p>
 <p>Público-Alvo: Pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos</p>	 <p>Público-Alvo: 2º e 3º Ciclos e Ensino Secundário</p>	 <p>Público-Alvo: 1º, 2º e 3º Ciclos e Ensino Secundário⁶³</p>

Fig. 3 Projeto pedagógico-didático

Se seguida, passamos a descrever individualmente as três atividade da proposta pedagógica didática:

⁶³Vide o esqueleto do jogo no anexo nº VI – Atividade Nº 3 – Jogo do Medronhito

Quadro nº 13 – Atividade nº 1 – Vem decorar a garrafa!

Públicos-alvo	Objetivos	Resumo da Atividade	Calendarização & Duração
Pré-escolar 1º, 2º e 3º Ciclos Lotação máxima de 25 alunos	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a imaginação e a criatividade Promover atitudes criadoras e criativas Explorar vários materiais, incluindo materiais recicláveis Explorar diferentes formas, texturas e técnicas Estimular a memória Estimular o sentido estético Motivar o pensar e o concretizar 	<ul style="list-style-type: none"> Cores de cera, tintas, lápis de cor, canetas de feltro Cartolinas, tesoura, cola, pincéis, Papel, jornal, Molde em papel de uma garrafa Materiais recicláveis (jornais, plástico, garrafas de vidro) Tintas e verniz em spray, Guaches, pincéis 	Segunda a Sábado 10:30 às 12:30 90 m

Quadro nº 14 – Atividade nº 2 – Aprende a rotular a garrafa!

Públicos-alvo	Objetivos	Resumo da Atividade	Calendarização & Duração
2º e 3º Ciclos Ensino Secundário Lotação máxima de 25 alunos	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a imaginação e a criatividade Promover atitudes criadoras e criativas Explorar vários materiais Adquirir informação sobre os rótulos e as suas características Explorar o <i>design</i>, o formato, as letras e a informação dos rótulos Motivar o pensar, o estruturar e o concretizar 	<ul style="list-style-type: none"> Cores de cera, tintas, lápis de cor, canetas de feltro Cartolinas, tesoura, cola, cores pincéis, Carimbos Molde do rótulo em papel/cartolina 	Segunda a Sábado 10:30 às 12:30 90 m

Quadro nº 15 – Atividade nº 3 – Jogo do Medronhito – Vem descobrir a Serra de Monchique			
Públicos-alvo	Objetivos	Resumo da Atividade	Calendarização & Duração
1º, 2º e 3º Ciclos Ensino Secundário Lotação máxima de 24 alunos	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver a autonomia e a criatividade Aumentar a atenção, a concentração e a cooperação em grupo Utilizar ações em pensamento, tomar decisões e adquirir consciência que é capaz de usar a sua inteligência 	<ul style="list-style-type: none"> Jogo de grandes dimensões (tapete) 1 Dado de grandes dimensões 5 Piões em forma de garrafa Conjunto de cartões da sorte/azar Conjunto de cartões de perguntas 	Segunda a Sábado 10:30 às 12:30 90 m

A descrição pormenorizada das três atividades incluídas no projeto pedagógico-didático pode ser visualizada nos anexos IV, V e VI.

Relativamente aos recursos a utilizar nas atividades direcionadas para o espaço museológico, deve-se ter em consideração a diversidade, a quantidade e a qualidade de recursos, assim como a utilização de materiais, sendo o futuro espaço, o recurso mais central deste projeto. A estrutura funcional da proposta está relacionada com as características específicas de cada grupo, nomeadamente a faixa etária, as condições físicas e intelectuais específicas. De seguida, passamos a indicar os objetivos consoante o grupo no ensino.

Quadro nº 16 – Objetivos e públicos	
PÚBLICOS	DESCRIÇÃO
ENSINO PRÉ-ESCOLAR	Estimular as capacidades de cada criança e favorecer a sua aprendizagem e o desenvolvimento de todas as suas potencialidades
	Favorecer a observação e a compreensão do espaço museológico para melhor integração e participação da criança
	Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa e estimular a atividade lúdica e artística
ENSINO BÁSICO 1º, 2º e 3º CICLO	Favorecer a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com valores da solidariedade social no espaço museológico
	Valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas, estimulando aptidões nesse domínio
	Proporcionar às crianças experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócia afetiva, criando neles atitudes e hábitos de visitar espaços como os museus
	Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de crianças civicamente responsáveis e intervenientes na vida comunitária
ENSINO SECUNDÁRIO	Objetivos anteriormente mencionados são pontos basilares para o desenvolvimento desta faixa etária
	Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores caraterísticos da identidade, história e cultura do concelho, e se possível, utilizar novas tecnologias.
OUTROS Comunidade, turistas, estudantes seniores	Objetivos anteriormente mencionados
	Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores caraterísticos da identidade, história e cultura do concelho

As relações humanas podem ser diversas nesta proposta. Os intervenientes podem ser: colaboradores do museu, professores, animadores socioculturais, alunos, encarregados de educação, autarquia, turistas, mecenas, guias turísticos, estagiários, voluntários, formadores, comunidade local, entre outros.

O projeto pedagógico-didático visa desencadear a capacidade de se estabelecer parcerias locais, assim como a participação e a envolvimento de diferentes parceiros locais, isso será um sinal de tendência positiva ou não para as dinâmicas entre museu e a comunidade local.



Fig. 4 Casa-Museu do Medronho e parcerias

Acreditamos que este projeto será um instrumento de mudança e por essa razão, necessita de um processo avaliativo que nos permita ajuizar a sua coerência com os objetivos e, as finalidades da proposta com a pertinência das ações face às consequências desejadas, de forma a melhorar e se necessário corrigir algumas situações.

O espaço museológico encontra-se, em fase de desenvolvimento, e por isso, a proposta ainda não poderá ser posta em prática, nem avaliada, mas esperamos, assim que o projeto esteja concluído, que seja possível, colocá-la em prática.

Em nosso entender, a avaliação deverá contemplar duas áreas: a realização da própria proposta no futuro espaço museológico e a verificação dos objetivos alcançados com a sua implementação.

A avaliação do processo deverá ser realizada semestralmente e deverá fornecer informações, sob a forma de um relatório descritivo sobre a concretização dos objetivos propostos, assim como o número de atividades realizadas mensalmente.

Existirá um relatório anual pormenorizado realizado pelos técnicos que irão trabalhar no espaço museológico e realizado um inquérito anónimo para todos os que visitarem o espaço, realçando aspetos positivos e negativos, assim como sugestões.

Como tal devem ser focados, os seguintes aspetos no processo avaliativo a desenvolver, a realização das atividades previstas e não previstas, o número de participantes envolvidos e o grau de pertinência face aos objetivos da proposta didática, bem como o grau de consecução desses objetivos e a apresentação de sugestões para a próxima etapa de desenvolvimento do projeto nos anos seguintes.

A execução de uma proposta desta natureza, obriga à construção de um sistema de avaliação, com a definição de critérios e instrumentos específicos para a avaliação dos objetivos, bem como dos instrumentos de recolha de informação. Um processo avaliativo na nossa proposta permitirá rever e projetar os efeitos produzidos pelo mesmo.

O processo de avaliação refletirá a qualidade da proposta e do funcionamento do espaço museológico permitirá a recolha de informações que serão fundamentais para que se proceda a uma retroação e reformulação das atividades tendo como objetivo último a evolução e a melhoria dos serviços oferecidos pelo espaço museológico em causa.

Os indicadores de avaliação da proposta reunidos através dos seguintes instrumentos:

Quadro nº 17 - Instrumentos de avaliação	
Instrumentos	Observação mensal
	Entrevistas semestrais
	Relatórios mensais de avaliação por atividade
	Inquéritos às associações, instituições, escolas, juntas de freguesia e Câmara Municipal de Monchique
	Análise de críticas
	Livro de opiniões

As metas que gostaríamos de atingir com esta proposta didática a curto e a longo prazo consistiriam em desenvolver diversas parcerias com várias entidades tais com a Câmara Municipal de Portimão, a Câmara Municipal de Lagoa e de Lagos, Museu de Portimão, entidades ligadas ao turismo e à Direção Regional da Cultura, Unidades Hoteleiras e ainda desenvolver *workshops*, formações, seminários em diversas áreas, mas em particular com a envolvimento das expressões artísticas.

A nível pedagógico, as metas passam por disponibilizar oportunidades de aprendizagem artística e cultural às crianças e aos jovens do concelho e da região; promover o desenvolvimento integral dos mais jovens, fomentando e valorizando atitudes ativas e conscientes; otimizar os recursos materiais e sempre que possível utilizar materiais reaproveitados; consciencializar a comunidade escolar e local da importância do espaço museológico; criar gosto pela proteção e preservação do património cultural e ambiental, e por último, fomentar o intercâmbio cultural.

NOTAS CONCLUSIVAS

Depois de concretizada a parte teórica e o enquadramento metodológico em torno do nosso tema, neste ponto apresentámos o nosso trabalho empírico. Esta parte do projeto foi inteiramente dedicada à apresentação e fundamentação da proposta pedagógico-didática para a futura Casa do Medronho em Monchique. Esta proposta pretende acentuar o potencial educativo das artes nos museus e teve como principal objetivo proporcionar experiências artísticas às crianças num determinado contexto geográfico, cultural e social. Na elaboração da proposta, o nosso trabalho foi focado em atividades pedagógicas e didáticas, que potenciassem conhecimentos sobre a cultura e as tradições da comunidade local.

PARTE V
CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”

Paulo Freire

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a elaboração do estudo apresentamos agora algumas considerações que emergiram como resultado deste processo. Verificamos que, de fato, os museus evidenciam-se pelo conjunto de funções que desempenham e pelas oportunidades de aprendizagem que oferecem aos visitantes.

A educação é uma das principais funções dos museus. A gestão eficaz dos serviços educativos pode promover experiências significativas. Cada museu deve procurar maximizar a sua função educativa e todos os colaboradores devem contribuir para isso.

Os museus são espaços potencializadores de aprendizagens a vários níveis como: cognitivo, emocional e social-cultural. As oficinas educativas, os *ateliers*, as visitas de estudo dinâmicas e interativas, as exposições interativas são alguns exemplos de atividades que os responsáveis pelos museus devem fazer para atrair crianças e jovens, proporcionando experiências de carácter lúdico, didático e expressivo. As atividades devem ser planeadas, de forma, a elevar a capacidade criativa e artística de cada um.

Hoje em dia, a aprendizagem é vista como um processo dinâmico e ativo, em que as crianças e jovens já não são simples recetores passivos, mas sim ativos nas ações que realizam. Para isso, os responsáveis das áreas educativas dos museus devem não só estruturar bem as suas atividades, como concebê-las a partir de opções educativas e artísticas. Para definir os objetivos das atividades, ao selecionar os conteúdos que serão trabalhados, ao planear as estratégias e o tipo de atividades a usar durante e após a visita, estaremos a fazer opções que remetem para determinadas conceções educacionais a nível da educação não-formal.

Do ponto de vista da organização e estruturação das atividades nos museus, é importante que os educadores, incluindo neste grupo os mediadores e os diretores dos museus, façam opções conscientes sobre as suas práticas e tentar acompanhar os novos paradigmas e inovações nos museus.

Para tal, devem valorizar o *learning by doing*, o aprender a fazer, desenvolvendo atividades dinâmicas e interativas para que as crianças e jovens desenvolvam uma atitude crítica, ativa e autónoma, focada na descoberta, permitir à criança e ao jovem o

contato com os objetos ou a criação de algo, sem ser imposto, mas valorizando as motivações pessoais de cada um, o denominado *free-choise learning* (Dewey, 1934).

De facto, os responsáveis dos museus enfrentam grandes desafios. O projeto pedagógico-didático elaborado para a futura Casa-Museu em Monchique visa essencialmente colmatar uma lacuna em relação à oferta artística do concelho e fazer a ligação entre tradição, arte, cultura e comunidade.

Partindo do pressuposto que a educação é um processo que se realiza ao longo da vida e em vários espaços, consideramos que os espaços museológicos são favoráveis para a prática da educação não-formal como refere Chagas (1993) e Fronza-Martins (2006, p. 72) que reforça a ideia de que “*a educação não-formal, observada no âmbito dos museus, possui um eixo de atuação centrado nas atividades realizadas nestes sob a denominação de ação educativa.*”

Este tipo de educação é um recurso valioso na construção de futuros cidadãos ativos, com sentido ético e participativos. Acreditamos que deve existir uma articulação entre a educação não-formal, a educação informal e formal, de forma a permitir e a viabilizar mudanças na educação e na sociedade.

Confirmamos a posição de Silva (2011) ao afirmar que os museus não são instituições isoladas, estão inseridas num meio, numa comunidade ou numa região. Este aspeto também deve ser tomado em consideração na formulação das exposições e nas ações educativas a desenvolver. As práticas educacionais dos museus, seja qual for a sua tipologia, tema, tamanho, podem funcionar como formas de mediação com o público.

Para o desenvolvimento da nossa proposta pedagógico-didática partimos da análise de algumas opiniões sobre o tema da aprendizagem nos museus. Como Falk e Dierking (1992) consideramos que a aprendizagem decorre de uma junção que engloba componentes relativos ao que já se sabe, ao que se sente e está associado à informação visual e tátil.

Ainda segundo os mesmos autores, Falk e Dierking (1992) consideramos que as aprendizagens possíveis de serem desenvolvidas nos museus devem ser definidas e planeadas como um todo, englobando-as num processo, o da experiência museal. Segundo estes autores esta experiência resulta da intersecção de três contextos: o contexto pessoal, o contexto social e o contexto físico. É no âmbito deste espaço de intersecção que se constrói a proposta que definimos, potencializando a construção de

aprendizagens duradoras e importantes na vida dos jovens e crianças para quem foram desenhadas.

Tal como refere Ornelas (2009) as visitas guiadas, as fichas didáticas, os jogos, as pinturas, os desenhos, que propõem tarefas específicas e que têm como principal objetivo a consolidação de alguns conceitos abordados, são exemplos interessantes, daquilo que pode ser feito no sentido de envolver as crianças de forma mais dinâmica e crítica. Este tipo de atividades contribuem para desenvolver os domínios sensoriais e motores importantes no desenvolvimento cognitivo.

Desta forma, a informação é mais facilmente apreendida pelas crianças e a manipulação e o contato tátil com os objetos faz com que ganhem uma dimensão informativa e sensitiva e conseqüentemente aumentando a atração e a curiosidade da criança que experimenta, que mexe e que toca nos objetos com esse fim.

Hoje em dia, os museus já não são simplesmente determinados pelos objetos que apresentam nas suas exposições e verificam-se que estes podem ser explorados em diversas atividades, sejam elas, culturais, artísticas, pedagógicas, comunitárias e sociais.

O museu tornou-se num espaço de fomento e de desenvolvimento de novas ações de integração social e de inserção cultural (Amazonas, 2009).

Neste sentido, os espaços museológicos têm de ter em consideração que a criança está atenta e aberta às experiências e ao mundo, por isso tem em si a curiosidade para explorar tudo ao seu redor (Antonini, 2002). A proposta que apresentámos tenta suportar a ideia de que a educação através da arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico que, de certa forma, caracteriza um modo próprio, de dar sentido à experiência humana.

A análise das entrevistas realizadas permitiu-nos confirmar muitas destas considerações e partir para o desenho e uma proposta pedagógico-didática para um futuro espaço museológico no Concelho de Monchique. Tentámos que, nesta proposta conseguíssemos concretizar esta multiplicidade de funções, que no nosso estudo evidenciou, e que são associadas aos serviços educativos dos museus.

Sendo a Aguardente de Medronho parte integrante da identidade cultural da Vila de Monchique, consideramos que a oferta de atividades num futuro espaço museológico sobre este produto deverá corresponder à multiplicidade de funções que temos vindo a identificar ao longo do estudo. Ainda por mais, sendo o Algarve uma zona com poucas ofertas museológicas, é importante que o espaço educativo tenha em atenção o

desenvolvimento da criança e do jovem enquanto pessoa, enquanto membro da sociedade e membro de uma comunidade específica, que tem uma tradição e uma herança cultural marcante.

Acreditamos que este é um dos caminhos que a Casa do Medronho deve seguir, para atrair crianças e jovens ao espaço e inculcar o gosto pela educação artística.

Este projeto pedagógico-didático será um ponto de partida, para a mudança. Esperamos que, no futuro, seja possível a aplicação do projeto na Casa-Museu. É da nossa pretensão que este projeto desencadeie mais estudos e novos projetos.

O contato com as expressões artísticas é essencial, para que crianças e jovens do concelho conseguissem ter igualdade de oportunidades no futuro e que arte faça sentido nas suas vidas.

Procurámos desenvolver uma proposta que potenciase um conjunto de experiências artísticas e que contribuísse para o processo de aprendizagem das crianças. Procurámos, também, que estas experiências girassem em torno de um produto característico da serra de Monchique, proveniente dos antepassados e que faz parte integrante da identidade, da cultura, da rentabilidade económica e financeira da região e que atualmente se encontra em crescimento.

Consideramos que as três propostas abordam, de uma forma dinâmica, um conteúdo singular, o medronho, mas ao abordar este fruto, estamos paralelamente a inculcar o respeito por algo que faz parte do património cultural e natural, a valorizar a cultura da região, a alertar as crianças para a consciencialização e prevenção do consumo de álcool e a desenvolver futuros cidadãos mais conscientes e informados.

Finalmente quisemos que as experiências deste espaço particular potenciasessem experiências artísticas para crianças, que estimulem o conhecimento e a aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Akras, F.; Self, J. (1996). From the Process of Instruction to the Process of Learning: Constructivist Implications for the Design of Intelligent Learning Environments

Amazonas, A; Carmen L. (2009). Museus e Desenvolvimento Local: Território e Comunidade. Actas I do Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Volume 1, pp.93-102

Antonini, L (2002). Artigo: A influência da arte e da filosofia no aspecto cognitivo do processo de aprendizagem

Barriga, S. et al (2007). Serviços Educativos na Cultura, SETEPÉS, Coleção Públicos nº 2, Novembro

Barros, E. (2006). Abrir as portas dos Museus. Revista Noesis, Dossier as Artes na Educação, pp 27-34

Bogdan, R. Biklen, S. (1994) Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora

Bogdan, R.; Biklen, S. (1982). Qualitative Research for Education, Boston, Allyn and Bacon

Buck, L. (2005). When Artists Make Interactive Works of Art for Children: The Contemporary Center's UnMuseum

Cazelli et al (2003). Educação e Comunicação em Museus de Ciências: aspectos históricos, pesquisa e prática

Cazelli et al (2005). *Ciência, Cultura, Museus e Escolas. Quais as relações?* Rio de Janeiro

Chagas, I. (1993). *Aprendizagem não-formal/formal das ciências: relação entre museus de ciências e as escolas.* In *Revista de Educação*, Lisboa, 3, n. 1, p. 51-59. Lisboa: Departamento de Educação FCUL

Coletto, D. (2010). *A importância da Arte para a formação da criança.* *Revista Conteúdo, Capivari*, v. 1, nº3 (p. 137 – 152.), Jan/Jul – ISSN 1807-9539

Dean, D.; Edson G. (1994). *The Handbook for museums.* Routledge

Dewey, J. (1934). *Art as Experience.* New York. The Berkley Publishing Group

Diagnóstico Social, Educação, demográfico e Cultural do Concelho de Monchique. União Europeia, (2004).

Erickson, F. (1989). *Métodos Cualitativos de Investigación sobre la Enseñanza.* In M. Wittroch (ed), *La Investigación de la Enseñanza, II. Métodos Cualitativos y de Observación.* Madrid. Ediciones Padiós Ibérica, trabalho original em inglês

Falk, J et al (2007). *Living in a Learning Society: Museums and Free choice Learning.* Annapolis, USA, Institute Innovation

Falk, J.; Dierking, L. (1992). *The Museum Experience.* Washington, D.C., Whalesback Books

Falk, J; Dierking, L. (2000). *Learning from Museums: Visitor Experiences and the Making of Meaning .* Landam, New York, Oxford, Walnut Creek, Altamira Press

Fróis, J. et al. (2005). *As Artes Visuais na Educação: Perspectiva Histórica*. Tese de doutoramento em Ciências da Educação, especialização em história da Educação, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

Fronza-Martins, A. (2006). *Da magia à sedução: a importância das actividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte*, p. 71-75

Gardner, H. (1993). *Multiple Intelligences*, New Horizons, Basic Books, USA

Goetz, J. LeCompte, M. (1984). *Ethnography and qualitative design in educational research*. New York: Academic Press

Gohn, M. (2006). *Educação não-formal na pedagogia social*. In: Proceedings of the 1. Congresso Internacional de Pedagogia Social, São Paulo

Gonçalves, A. (2009). *Artigo. Museus e Turismo: que experiências?- Breve Reflexão*. In ICOM, Portugal. Informação ICOM.PT, Série II, Nº 4 (Mar-Maio, 2009)

Governo da Republica Portuguesa, Ministério da Segurança Social, Família e Criança.

Guzman, C.; Siqueira, V. (2007). *O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais*. In *Revista Eletrónica de Enseñanza de las Ciências*. Vol. 6, nº 2

Guzman, D.; Siqueira, V. (2007). *O papel educacional do Museu de las Ciências*, vol.6, nº 2.

Hein, G. (1998). *Learning in the museum*. New York, Routledge

Henriques, L (1996). A comunicação na escola e no museu. Cadernos de Sociomuseologia, v. 5, nº 5

Hooper-Greenhill (1994). Museums and their Visitors. Routledge, Taylors & Francis Group

Julião, L. et al (2008). Cadernos de diretrizes museológicas 2, Mediação em Museus, Curadorias, Exposições e Ação Educativa. Secretaria de Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte

Ketele, J.; Rogiers (1993). Metodologia de recolha de dados, Instituto Piaget, Lisboa

MacRae, M. (2005). Artigo, Getting Children to look. The Importance of Knowing our Audience on Object Choice and Installation Design. Interdisciplinary Arts Specialist, DuPage Children`s Museum

Marandino. M, et al (2009). Ministério da Educação do Brasil de Educação à Distância. Salto para o futuro. Museu e escola: educação formal e não-formal, Ano XIX-nº 3 – Maio/2009

Martins, A. (2002). Didática das Expressões. Lisboa: Universidade Aberta

McManus, P. (1992). Topics in Museums and science Education. Studies in science Education, v. 20

Museu de Portimão. Programa Educativo, Câmara Municipal de Portimão 2011/2012

Museums & Galleries Commission (2001). *Managing Museum and Gallery Education*, UK. Trad. *Educação em Museus*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae (Série Museologia, 3)

Oliveira, M. (2008). *Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências. Visita monitorizada a um museu de ciências: o que é possível aprender?* Universidade de São Paulo

Ornelas, M. (2009). *Motivar e explorar através da experimentação*, artigo. Faculdade das Belas-Artes da Universidade de Lisboa

Padilha, J. (1998). *Museus y centros de Ciência en México*. In 50ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Natal, Rio Grande do Norte

Piaget, J. (1979). *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos

Pinto, L. (2005). *Sobre Educação Não-formal*, Revista Formar, nº 54, 2006, pp 17-22, Publicações IIEFP

Ponte, A. (2007). *Casas-Museu em Portugal, Teorias e Práticas*. Mestrado de Museologia, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património

Quintanilha, A. (2003). *Aprender para lá do que nos ensinaram*. In “Conferência Internacional, Cruzamento de Saberes, Aprendizagens Sustentáveis”. In Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Quivy, R.; Campenhoudt, L. (2003). *Manual de investigação em ciências sociais*, 3ª edição. Lisboa: Gradiva

Ramos, F. et al (2008). Cadernos de diretrizes museológicas 2, Mediação em Museus, Curadorias, Exposições e Ação Educativa. De objetos a palavras. Reflexões sobre curadoria de exposições em Museus de História. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil

Ribeiro, M (1989). Avaliação da Aprendizagem, Texto Editora

Roteiro das Destilas do Medronho de Monchique (2012). Câmara Municipal de Monchique

Santos, P. (2007). Dissertação de Mestrado, Experimenta arte.pt. Proposta didáctica de educação estética e artística para crianças. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras

Silva, A. (2011). Ação Educativa: Uma Análise das Práticas do Museu Oceanográfico Professor Eliézer de Carvalho Rios e Centros Associados, Rio Grande-RS. Curso de Bacharelato em Museologia, Universal Federal de Pelotas, Brasil

Silva, S. (2006). “Museus e Públicos: estabelecer relações, construir saberes”. In Revista Turismo e Desenvolvimento, 5/2006, Universidade de Aveiro, Aveiro

Smith, M. (1996). Non formal education. In ínfed Org.

Studart, D. (2005). Artigo Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. Rio de Janeiro

Studart, D. (2006). Exposições participativas e educativas em museus. Cadernos Paulo Freire, Ceará, V. 8, Brasil

Studart, D. et al (2003). Educação e comunicação em Museus de Ciências: aspetos históricos e comunicação em Museus de Ciências, pesquisa e prática

UNESCO (2006). Roteiro para a Educação Artística. Desenvolver as Capacidades Criatividades para o século XXI

Vala, J. (2003). Análise de conteúdo. In Silva, A. S. & Pinto, J. M. (orgs). Metodologia das Ciências Sociais, 12º edição, Santa Maria da Feira, Edições Afrontamento

Vieira, H. (2006). Exposições, formas de Comunicar e Educar em Museus. Relatório de Estágio em História e Património, Variante Mediação Cultural, faculdade de Letras, Universidade do Porto

REFERÊNCIAS WEBGRÁFIAS

Amazonas, A; Carmen L. (2009). *Museus e Desenvolvimento Local: Território e Comunidade Actas I do Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e ESPANHOLA*, Volume 1, pp. 93-102. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/37378061/1%C2%BA-Seminario-de-Investigacao-em-Museologia-dos-Paises-de-Lingua-Portuguesa-e-Espanhola-vol-1>. Consultado: 24/01/2013

Antonini, L. (2002). *Psicopedagogia Online: Artigo: A influência da arte e da filosofia no aspecto cognitivo do processo de aprendizagem*. Disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos>. Consultado: 15/01/2013

Câmara Municipal de Monchique. Disponível em http://www.cm-monchique.pt/portal_autarquico/monchique/v_pt-PT. Consultado a 15/02/2013

Cloleto, D. (2010). *Artigo, A importância da arte para a formação da criança*. *Revista Conteúdo, Capivari*, v. 1, n.3, jan/jul. 2010 – ISSN 1807-9539. Disponível em <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/view/35/34>. Consultado: 14/01/2013

Dewey, J. (1934). *Art as Experience*. New York. The Berkley Publishing Group. Disponível em: <http://www.amazon.com/Art-as-Experience-John-Dewey/dp/0399531971>. Consultado: 08/01/2013

Direção Regional da Cultura do Algarve. Disponível em <http://www.cultalg.pt/EspacosCulturais/>. Consultado: 15/11/2012

DRE - Diário da República. Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/2006/01/018B00/06030608.pdf> Normativo n.º3/2006 do

Ministério da Cultura <http://dre.pt/pdf1sdip/2006/01/018B00/06030608.pdf>.
Consultado: 05/09/2012

Fronza-Martins, A. (2006). Da magia à sedução: a importância das actividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte. Disponível em <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPDF/71-74>. Consultado: 26-10-2012

Gardner, H. (1993). The Multiple Intelligences, New Horizons. Disponível em <http://communitylearningpartnership.org/share/docs/Gardner.Overview%20of%20Multiple%20Intelligences.pdf>. Consultado: 07/01/2013

Gohn, M. (2006) Educação não-formal na pedagogia social. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br>. Consultado: 28-11-2012

Governo de Portugal, Ministério da Educação e Ciência, Direção-Geral da Educação. Disponível em <http://www.dge.mec.pt>. Consultado: 20/01/2013

Henriques, L. (1996). A comunicação na escola e no museu. Cadernos de Sociomuseologia, v. 5, nº 5. Disponível em <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/253/162>. Consultado: 30-11-2012

ICOM – (International Council of Museums). Disponível em: <http://icom.museum>; <http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>. Consultado: 05/09/2012

ICOM - Portugal. Disponível em: <http://www.icomportugal.org/default.aspx>. Consultado: 05/09/2012

IMC – Instituto dos Museus da Conservação. Disponível em: http://www.imc-ip.pt/ptPT/rpm/ContentDetail.aspx/http://www.imcip.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_museus.pdf;

http://www.imc-ip.pt/pt-PT/iniciativas/actividades_edu/HighlightList.aspx

Consultado: 05/09/2012; 07/09/2012; 30/12/2012

INE – Instituto Nacional de Estatística. Disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main. Consultado: 15/02/2013

Jornal do Algarve. Disponível em www.jornaldoalgarve.pt. Consultado: 15/02/2013

Musée des Arts et Métiers. Disponível em <http://www.arts-et-metiers.net>. Consultado: 13-12-2012

Natural History Museum. Disponível em <http://www.nhm.ac.uk/>. Consultado: 13-12-2012

Pinto, L. (2005). Sobre Educação Não-formal, Revista Formar, nº 54, 2006, pp 17-22. Disponível em: http://www.iefp.pt/iefp/publicacoes/Formar/Documents/Formar%202006/FORMAR_54.pdf. Consultado: 28-11-2012

RMA – Rede de Museus do Algarve. Disponível em <http://museusdoalgarve.wordpress.com/category/actividades-educativas/>. Consultado: 30-12-2012

Smith, M. (1996). Non-formal education. In [índef org](http://www.infed.org). Disponível em <http://www.infed.org/biblio/b-nonfor.htm>. Consultado: 26-11-2012

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.
Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/culture/themes/creativity/arts-education>.
Consultado: 23/01/2013

ANEXOS

ANEXOS I

GUIÕES DAS ENTREVISTAS

1) Guião de entrevista

Presidente da Câmara Municipal de Monchique

Blocos	Objetivos	Questões
<p><u>Apresentação</u> Legitimação da entrevista e motivação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado acerca dos objetivos da investigação; • Sensibilizar o entrevistado para a importância do estudo; Assegurar a confidencialidade, transmitindo confiança ao entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Profissão - Experiência profissional
<p>A. Expectativas em relação à criação de um espaço cultural (museu ou casa-museu)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher as expectativas e opinião sobre a criação de um museu 	<ul style="list-style-type: none"> - No seu entender, considera importante a criação de um museu ou casa-museu na Vila de Monchique?
<p>B. Elementos e artefactos relevantes da produção artesanal da aguardente de medronho para integração do espólio</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer os elementos e artefactos relevantes 	<ul style="list-style-type: none"> - Os artefactos aliados à produção artesanal da aguardente, inseridos numa casa-museu, são importantes para a identificação e salvaguarda desta tradição? Porquê?
<p>C. Educação dos museus</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância do museu para a população local, principalmente para as crianças e jovens • Reconhecer o potencial educativo das artes num contexto não- formal de aprendizagem nos museus 	<ul style="list-style-type: none"> - No seu entender, considera que esta casa-museu será um espaço de lazer e de conhecimento para a população local? E para a população em geral? - Do seu ponto de vista, a criação de um espaço educativo na casa-museu, irá promover a criatividade artística das crianças do concelho?
<p>D. Museus do Algarve como instrumentos de inserção cultural e artística</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância do museu como instrumento de inserção cultural e artística 	<ul style="list-style-type: none"> - No seu entender, qual deve ser o papel dos museus enquanto instrumentos de inserção cultural e artística junto das comunidades locais?
<p>E. Papel dos museus e a relação com as comunidades locais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a relação museus-comunidades locais 	<ul style="list-style-type: none"> - Enquanto Presidente da Câmara Municipal de Monchique, de que forma, este futuro espaço museológico poderá contribuir para uma relação favorável entre museu e comunidade local?
<p><u>Conclusão</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a colaboração. Possibilitar a sugestão de aspetos pertinentes para o estudo. • Assegurar a possibilidade de voltar a entrevistar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Obrigado, uma vez mais. Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

2) Guião de entrevista

Professoras do 1º Ciclo do Ensino Básico

Blocos	Objetivos	Questões
<p><u>Apresentação</u> Legitimação da entrevista e motivação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado acerca dos objetivos da investigação; • Sensibilizar o entrevistado para a importância do estudo; • Assegurar a confidencialidade, transmitindo confiança ao entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Profissão - Experiência profissional
A. Educação dos museus	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a importância da educação nos museus 	<ul style="list-style-type: none"> - Como caracteriza a relação museu e educação? - Qual acha que deve ser o papel do museu no processo da aprendizagem das crianças e jovens?
B. Museus como fator de inserção cultural e artística	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância do museu como inserção cultural • Reconhecer a importância do museu para a população local, e principalmente para as crianças e jovens • Reconhecer o potencial educativo das artes num contexto não formal de aprendizagem, museus 	<p>Em relação à inserção cultural e artística? Acha que os museus conseguem responder a este tipo de inserção. E de que forma?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Do seu ponto de vista, de que forma é que atividades ocorridas nos museus, podem promover a criatividade artística nas crianças e jovens?
C. Os museus e as escolas	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a relação entre os museus e as escolas 	<ul style="list-style-type: none"> - Quando realiza uma visita a um museu com a sua turma, o que mais valoriza nesse encontro? - Considera que os museus são parceiros das escolas e devem trabalhar em conjunto? De que forma? - Que tipo de atividades acha mais interessantes a serem desenvolvidas nos museus? - Quantas visitas a museus faz por ano, em média? Acha que as visitas têm impacto positivo nas crianças? A que nível? - Quais as principais vantagens e constrangimentos que associa a estas visitas a espaços museológicos com os

		seus alunos? - O que acha que faz falta nesta região, em termos de espaços educativos em museus?
<u>Conclusão</u>	<ul style="list-style-type: none">• Agradecer a colaboração. Possibilitar a sugestão de aspetos pertinentes para o estudo.• Assegurar a possibilidade de voltar a entrevistar o entrevistado	- Obrigado, uma vez mais. Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

3) Guião de entrevista

Técnica do Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira

Blocos	Objetivos	Questões
<p><u>Apresentação</u> Legitimação da entrevista e motivação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado acerca dos objetivos da investigação; • Sensibilizar o entrevistado para a importância do estudo; • Assegurar a confidencialidade, transmitindo confiança ao entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Profissão - Experiência profissional
A. Educação dos museus	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a importância da educação nos museus 	<ul style="list-style-type: none"> - Como caracteriza a relação Museu e Educação? - Qual acha que deve ser o papel do Museu no processo da aprendizagem das crianças e jovens?
B. Museus como fator de inserção cultural e artística	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância do museu como inserção cultural • Reconhecer a importância do museu para a população local, e principalmente para as crianças e jovens • Reconhecer o potencial educativo das artes num contexto não formal de aprendizagem, museus 	<p>Em relação à inserção cultural? Acha que os museus conseguem responder a este tipo de inserção. E de que forma?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Do seu ponto de vista, de que forma é que atividades ocorridas nos museus, podem promover a criatividade artística nas crianças?
C. Papel dos museus e a relação com as comunidades	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a relação museus-comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> - No seu entender, de que forma é os museus podem atrair o interesse da população em geral? - O que devem fazer os responsáveis dos museus para criar uma relação entre museu e comunidade?
D. Os museus na região do Algarve	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre os museus do Algarve • Recolher a opinião sobre a oferta educativa dos museus do Algarve 	<ul style="list-style-type: none"> - De uma forma geral considera que a oferta educativa dos museus consegue responder às necessidades educativas e artísticas desta região? - Como se tem vindo a desenvolver o vosso trabalho com as escolas da região? - O que pode um museu fazer para cativar visitantes das faixas etárias mais jovens?

		<p>Oferecer que tipo de atividades?</p> <p>-De acordo com a sua experiência na área da museologia que tipos de atividades educativas são mais predominantes nos museus do Algarve?</p>
<u>Conclusão</u>	<ul style="list-style-type: none">• Agradecer a colaboração. Possibilitar a sugestão de aspetos pertinentes para o estudo.• Assegurar a possibilidade de voltar a entrevistar o entrevistado	<p>- Obrigado, uma vez mais. Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?</p>

4) Guião de entrevista

Diretor do Museu de Portimão

Blocos	Objetivos	Questões
<p><u>Apresentação</u> Legitimação da entrevista e motivação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado acerca dos objetivos da investigação; • Sensibilizar o entrevistado para a importância do estudo; • Assegurar a confidencialidade, transmitindo confiança ao entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Profissão - Experiência profissional
<p>A. Educação dos museus</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a importância da educação nos museus, com base no Museu de Portimão 	<ul style="list-style-type: none"> - Em sua opinião qual deve ser o papel educativo de um museu? - Como identifica a função educativa do seu museu? - O museu tem um plano de trabalho escrito, com objetivos a curto prazo e longo prazo para a educação? - Considera que há divulgação suficiente das atividades educativas? - Como se tem vindo a desenvolver o vosso trabalho com as escolas da região? - E com outras instituições ?
<p>B. Museus como fator de inserção cultural e artística</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância do museu como inserção cultural • Reconhecer o potencial educativo das artes num contexto não- formal de aprendizagem nos museus 	<ul style="list-style-type: none"> - Em sua opinião, qual deve ser o papel dos museus em termos de inserção cultural e artística das populações? - O que tem vindo a desenvolver o museu nesse sentido?
<p>C. Papel dos museus e a relação com as comunidades</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a relação museus-comunidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Enquanto responsável do museu, que medidas têm tomado nestes últimos anos para criar uma relação entre museu e a comunidade? - Qual tem sido a resposta da comunidade? Como tem reagido? - Acha que a comunidade se identifica com a missão do museu? - Este museu tem

		desenvolvido atividades específicas para o público mais jovem? Existe alguma preocupação especial com este público?
D. Os museus na região do Algarve	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a oferta educativa e artística dos museus do Algarve 	<p>- De uma forma geral considera que a oferta educativa dos museus consegue responder às necessidades educativas e artísticas desta região?</p> <p>Em relação ao Museu de Portimão consegue oferecer atividades artísticas aos visitantes mais novos?</p>
<u>Conclusão</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a colaboração. Possibilitar a sugestão de aspetos pertinentes para o estudo. • Assegurar a possibilidade de voltar a entrevistar o entrevistado 	<p>- Obrigado, uma vez mais. Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?</p>

5) Guião de entrevista

Vereadora da Cultura e Turismo da Câmara Municipal de Faro

Blocos	Objetivos	Questões
<p><u>Apresentação</u> Legitimação da entrevista e motivação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Informar o entrevistado acerca dos objetivos da investigação; • Sensibilizar o entrevistado para a importância do estudo; • Assegurar a confidencialidade, transmitindo confiança ao entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Profissão - Experiência profissional
<p>A. Museus do Algarve como instrumentos de inserção cultural e artística</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer a importância do museu como instrumento de inserção cultural e artística? 	<ul style="list-style-type: none"> - No seu entender, qual deve ser o papel dos museus enquanto instrumentos de inserção cultural e artística junto das comunidades locais?
<p>B. Papel dos museus e a relação com as comunidades locais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre a relação museus-comunidades locais 	<ul style="list-style-type: none"> - Enquanto Vereadora da Cultura e do Turismo da Câmara Municipal de Faro, como caracteriza a relação entre o Museu de Faro e a comunidade? - De que forma, os museus podem contribuir para um desenvolvimento local das comunidades? - Que características deve desenvolver um museu de forma a fomentar uma relação positiva com a comunidade em que se insere?
<p>C. Os museus na região do Algarve</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recolher a opinião sobre os museus do Algarve 	<ul style="list-style-type: none"> - De uma forma geral, o que têm a dizer sobre os museus do Algarve. Considera que estes têm contribuído para um desenvolvimento cultural da região?
<p><u>Conclusão</u></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a colaboração. Possibilitar a sugestão de aspetos pertinentes para o estudo. • Assegurar a possibilidade de voltar a entrevistar o entrevistado 	<ul style="list-style-type: none"> - Obrigado, uma vez mais. Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

ANEXOS II

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA Nº E1 – PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE MONCHIQUE

- No seu entender, considera importante a criação de um museu ou casa-museu na Vila de Monchique?

Hoje em dia, a questão da procura em termos turísticos, se calhar há uns anos atrás, o turista que nos procurava tinha um pouco um perfil diferente. Parece-me que hoje o turista que chega ao algarve, concretamente aos concelhos do algarve, e procura mais do que somente um destino de sol e praia, procura a genuinidade e autenticidade de um território e essa genuinidade desse território faz se também pela capacidade que temos de respeitar e mostrar aquilo que faz parte, ou seja o resultado e que é o resto do nosso património e da nossa história.

Por isso, parece-me que é sempre importante que se faça uma contextualização da realidade, portanto as pessoas chegam a um destino como Monchique e é importante as pessoas perceberem o que se passou aqui, que povos viveram aqui, que relação temos aqui com alguns aspetos do ponto vista até histórico no contexto regional, por isso julgo ser sempre importante haver esta contextualização. Muitas vezes, nós estamos habituados a ver alguns museus como espaços mortos e quando as pessoas chegam veem uma fotografia de um período da história e que não é mais do que isso. Acabam por nalguns casos ser desmotivante e por isso hoje, na nova ideia e na nova visão do turismo e do ponto vista museológico, o museu deve ser um espaço interativo, um espaço dinâmico, um espaço que convide as pessoas à descoberta, e isso sim, penso que é sempre importante e obviamente Monchique não tendo até agora um museu em si, tem apenas núcleos museológicos de Arte Sacra e um Moinho, acho que seria importante ter um projeto que explicasse algumas das nossas tradições e de algumas atividades económicas que temos no concelho.

- Os artefactos aliados à produção artesanal da aguardente, inseridos numa casa-museu, são importantes para a identificação e salvaguarda desta tradição? Porquê?

A questão do medronho é obviamente um dos produtos fundamentais do ponto de vista da continuidade de uma tradição secular, penso que a questão da destilação de frutos remonta ao período árabe, aliás os alambiques que temos conhecimento são desse período e neste momento essa tradição que é uma tradição de família, passou a ser uma importante atividade económica e até cultural.

Neste momento, temos cerca de 75 destilarias legalizadas em Monchique e com muitas marcas no mercado, perto 45 marcas no mercado e temos também algumas marcas de melosa, mas a verdade é que esta tradição é uma tradição que está no tempo e só que ocorre num determinado período do ano, ou seja é sazonal que por acaso não coincide com o período de maior visitas que é o verão, picos do turismo e então pensei que seria importante fazer uma casa do medronho, no sentido de poder por um lado, mostrar de fato esses artefactos, esse *know-how*, esses objetos, alguns deles com uma

carga estética também muito interessante. Por exemplo o alambique e ver outros objetos que também são utilizados, como as próprias pipas que são usados na produção do medronho, acaba por revelar um pouco da nossa história que também está ali.

Penso que hoje, depois de um esforço grande de todos, inclusive dos próprios produtores e também contando com o apoio da própria Câmara foi possível que esta tradição não tenha sofrido grandes danos quando os grandes burocráticos europeus quiseram destiná-la a uma atividade industrial. Portanto, há uns anos atrás, a europa decidiu que as destilarias de medronho teriam que ser equiparadas por exemplo a uma grande produção de *whisky*, e nessa altura eu próprio... ah, hoje tenho uma ideia diferente fui um pouco cético em relação a isso, fui contra porque pensei nessa altura seria o fim do medronho em Monchique porque as pessoas teriam, ... imagine “obrigar” a um idoso, uma pessoa com oitenta e tal anos ou noventa anos que continuava a produzir a sua aguardente, de repente a ser um produtor industrial a fazer registos diários da sua colheita, de temperaturas, transformar a sua adega tradicional em taipa numa moderna com casa rebocada com cimento e azulejos, com casa de banho com água, onde às vezes em certos sítios não havia agua, não há agua corrente, água potável e então pensei ... é o fim do medronho! Nessa altura fiquei um pouco cético, mas finalmente as pessoas souberam reagir. Perceberam que era importante continuar com essa tradição, e “arregaçaram as mangas” e começaram a transformar essas antigas destilarias, algumas delas abandonadas no meio dos terrenos florestais e agrícolas e começaram a incrementar ali riqueza, transformado, melhorando, criando melhores condições e talvez foi essa a solução, e foi esse o clique para que hoje continuemos com esta grande produção do medronho e com esta grande atividade. Porquê? Porque as pessoas ao fazerem investimento na sua adega antiga, ao ter uma marca no mercado, com a fotografia do produtor e com o nome da família acabaram por transferir para a geração seguinte um interesse muito grande na produção e na atividade. Parece-me que desta forma consegue-se por um lado aderir os mais jovens, mas por outro lado, também conseguir-se incrementar a produção do medronhal que é importante, contrariando o monopólio do eucalipto e do pinheiro. O medronhal acaba por ser uma planta interessante do ponto de vista do fruto, mas também acaba por ser em termos de proteção civil e importante na proteção de fogos, porque é uma planta que permite uma contenção do fogo. Obviamente que esta história é importante ser contada às pessoas, é importante que as pessoas ao visitarem Monchique tenham oportunidade de ver isto e perceber a importância do medronho a vários níveis.

Felizmente já temos um espaço de venda ao público, que é a Loja do Medronho, mas as pessoas acabam por comprar, veem umas imagens e percebem algumas coisas, mas o ideal, e nós no ano passado lançamos, o Roteiro das Destilarias do Medronho de Monchique, é importante que as pessoas percebam o que está por detrás daquela garrafa de medronho, a história, a carga estética, a carga tradicional, a carga emocional até, que está por detrás, de uma simples garrafa de medronho.

As pessoas podem chegar ao mercado e pensar uma garrafa de medronho custa muito dinheiro, mas não percebem todo o processo e o conhecimento que levou à produção daquela garrafa. E por isso, esse processo e essa tradição contados num museu é fundamental para a salvaguarda da tradição porque faz com que haja um conhecimento desta atividade tão importante.

- No seu entender, considera que esta casa-museu será um espaço de lazer e de conhecimento para a população local? E para a população em geral?

Vamos lá ver! A questão da educação ... ah ... nós temos um défice, penso que a nível nacional, mas a nível regional e também local, que é o me preocupa mais. Há um grande problema, está relacionado com o fato das novas gerações não assumirem este potencial que estas atividades económicas que decorrem no concelho. Há poucos jovens formados nestas áreas, há pouca aposta dos jovens e acabam por não procurar esta área.

Posso dizer dos cursos que temos desde o 25 de Abril, que foi aquele “boom” e bem, bem de formação e que começou haver mais pessoas mais formadas! Parece-me que nessa altura, ninguém ou muito poucos em Monchique tirou um curso na área da floresta, na área da agricultura, ninguém tirou um curso de engenheiro agro-florestal, ninguém tirou um curso de engenheiro agrónomo, de produção de animal, de proteção florestal, agroalimentar, ora quer dizer o quê? Parece-me que nós estamos aqui com um (...) entre um importante património que hoje está consolidado com uma importante atividade económica e depois temos as novas gerações, por um lado alguns estão a dar seguimento, mas por outro penso que em termos pedagógicos essa mensagem não está a ser passada. As próprias escolas devem assumir este património, este legado histórico que nós temos e que é essencial transmitir às crianças esta informação para que um dia mais tarde quando forem jovens serão confrontados com a opção de tirar um curso superior e optem por tirar um curso nestas áreas. Esta valorização que se faz de recursos, de património que temos, da matéria-prima que temos no local é fundamental. E ela faz-se logo de origem, o facto de existir um casa-museu ou museu em Monchique relacionado com a produção e com os produtos e a forma de produzir, vai criar aqui uma rede de interesses, vai criar um despertar para uma situação que até agora não tem sido feito. Por isso, nesse aspeto no envolvimento da população principalmente das crianças e dos jovens é importante haver essa transmissão. Antigamente havia famílias... por exemplo a minha ainda é felizmente constituída desde o avô à neta, e acaba por haver aqui três gerações, onde há transmissão de conhecimento e de valores. Hoje cada vez mais, as famílias não são assim, não são constituídas por este leque de gerações. Cada vez mais os idosos são empurrados para os lares, cada vez mais as pessoas (...) e acabam por haver pouco tempo de convívio e aquele conhecimento, aquela aprendizagem que se fazia em contexto familiar muitas vezes, e cada vez mais, acaba por ser relegado para escola e neste caso, a formação escolar também é importante ser consolidada e reforçada com o conhecimento e a participação da vida comunitária dos locais. Então, a visita, a participação, o trabalho sobre matérias locais, produtos locais é sempre obviamente é um caminho para esta formação de pessoas, de conhecimentos e valores relacionados com o património que me parece fundamental. Pretendo que a Casa do Medronho seja isso mesmo, um espaço que por um lado mostre à população residente e aos nossos visitantes a nossa tradição em termos históricos e culturais, mas também em termos da Natureza, da parte ambiental e ainda a produção, o que representa para Monchique o medronho, o volume do negócio, qual a quantidade que produz. Tem essas três vertentes e partir dali será um espaço dinâmico em que há uma interação com as pessoas para perceber como é que é isto da destilação. A destilação para nós que estamos habituados a ver, é um processo simples, é um líquido ou um composto submetido a uma fonte de calor, passa por uma fase de calor, que depois se transforma a vapor, que depois de arrefecido numa zona de frio, que neste caso é o pilão com água, acaba por se transformar novamente ou passar à fase líquida, o que origina o nosso

precioso líquido, que é o nosso ouro da Serra de Monchique, que é o nosso medronho. Agora, para nós isto é fácil de perceber, mas para uma pessoa que nunca viu ou para uma criança é fundamental ver, e isso está previsto num dos espaços na Casa do Medronho, ser um espaço de percepção desta transformação. Hoje em dia, os museus devem ter uma vertente pedagógica muito interessante, nós aqui temos que ter um cuidado redobrado, visto tratar-se de uma bebida alcoólica, ou seja a produção de álcool, e obviamente que não colocaremos a criança em contacto com esta bebida como o provar a bebida, mas existe a possibilidade de explorar outros conteúdos como os aromas, o cheiro, a questão sensitiva do objeto, o medronho, que é fruto que tem uma textura muito rugosa que acaba também por ser interessante explorar esse ponto de vista, a cor do fruto e a sua transformação, ou seja há aqui uma série de aprendizagens que se podem fazer no contexto da produção desta bebida, o próprio cobre utilizado no alambique, como se faz o cobre? Como se transforma uma folha de cobre num alambique? O processo de transformação? A própria transformação das pipas, antigamente havia aqui em Monchique alguns, recordo o Delores que já faleceu e que morava perto de mim, construía as pipas, era o Calafate. Toda esta parte da produção associada ao medronho diretamente ou diretamente, o próprio fruto, a própria folha, árvore em si, tudo isto são aprendizagens, não se centram unicamente no produto final, mas que podem ser motivo de uma oficina pedagógica em que as crianças podem aprender todas estas coisas.

- Do seu ponto de vista, a criação de um espaço educativo na casa-museu, irá promover a criatividade artística das crianças do concelho?

Sim, é sempre importante numa visita a um museu conseguir isso! Eu sou dessa área, sou também Professor do ensino artístico. É fundamental... para já, a parte da criatividade estar associado à formação de valores também porque hoje infelizmente cada vez dá-se menos importância à parte artística, à música, da expressão plástica, educação física, mas a verdade é que ela é fundamental para formação do indivíduo, da criança. A parte da criatividade, estimular a criatividade faz com que as crianças, uma vez adultos, sejam pessoas mais conscienciosas, com espírito mais crítico e criativo, perante a mediocridade, perante a rotina, perante o dia-a-dia e isso é importante. Uma boa formação artística e na área da criatividade faz com que os jovens sejam mais felizes. A criatividade já é explorada na escola em determinadas disciplinas como educação visual e tecnológica, mas cada vez que se vai a um museu ou quando vamos visitar algo, se no fim da visita ou durante a visita for proporcionado uma atividade criativa, há sempre uma gravação, uma memória, uma assunção dessa atividade na criança. Se isso não acontecer, a criança acaba por levar só a memória visual ou alguma coisa que ouviu. Se a criança for convidada e se lhe for proporcionado a produção de qualquer objeto, qualquer grafismo relacionado daquilo que viu, acaba por fazer uma interpretação do que viu e já está com aquilo assumido. A criatividade, o envolvimento das crianças nisto é ... é fundamental, por outro lado é sempre importante as crianças darem um colorido especial às coisas e inclusive temos exemplos muito bons em que se podem mexer nas coisas. Lembro-me, por exemplo, no Museu Miró em Espanha e no Museu Picasso, que quando uma pessoa chega lá tem uma barreira e não se pode aproximar, não se pode tocar, porquê? Porque é uma escultura, um quadro, uma pintura e hoje cada vez mais há uma tendência para tocar nos objetos, não há problema nenhum

os objetos também têm história! Um objeto que é envernizado no tempo, que pára no seu tempo, acaba por perder o seu interesse, o objeto também é o uso que tem. Por isso, quando se fala em artefactos do medronho, eles têm de ser objetos mexidos. Estes objetos se não forem usados, se não forem trabalhados acabam por oxidar, convém que se mexa para sentir o frio, por exemplo um tubo de cobre, se a ponta estiver quente e ao lume, e se eu pegar a uns 2 metros de distância, ainda está quente ainda... porquê? Porque o cobre é um transmissor de calor, por outro lado até se podia fazer esta experiência química, colocar um tubo de inox e perceber que o tubo de inox está também dentro do fogo e está na mesma incandescente na ponta, mas que nesse lado está frio para também as crianças perceberem. Este tipo de experiências ajudam as crianças aprender a mexer, o mexer é muito importante.

- No seu entender, qual deve ser o papel dos museus enquanto instrumentos de inserção cultural e artística junto das comunidades locais?

Todos os museus têm que assumir esta componente. Uma vez, um museu estático como já falamos, um museu estático ou um museu parado acaba por ser só uma reprodução ou uma fotografia de um determinado período ou de uma determinada atividade acaba por não ser interessante do ponto vista de uma visita. As pessoas vão lá uma vez e nunca mais voltam! Se o museu for um espaço dinâmico, um espaço com atividades e um espaço que promova a criatividade e a cultura, é sempre interessante e as pessoas locais assumem-no como uma parte de si, como um património seu e acabam por desta forma terem um papel fundamental! Por um lado, na consolidação e na transmissão de uma tradição, de um conhecimento de uma geração, mas por outro também acaba por ser um marco importante no concelho. Os museus são espaços com dignidade, são espaços nobres e podem constituir-se como a regeneração de um edifício antigo por exemplo. Acabam por serem importantes pólos importantes de informação cultural, de informação científica, independente do seu objeto da sua amostra, acabam também por ser importantes pólos culturais, artísticos, se assumirem, desde então essa componente. Por isso, julgo que os museus são sempre uma peça interessante na cultura local.

- Enquanto Presidente da Câmara Municipal de Monchique, de que forma, este futuro espaço museológico poderá contribuir para uma relação favorável entre museu e comunidade local?

Este produto, o medronho de Monchique é um produto único no mundo, é genuíno e ninguém faz medronho como em Monchique, aqui próximo no sotavento também se produz medronho, mas é um medronho um pouco diferente, tem métodos de fabrico diferente, usam desde já a serpentina e Monchique tem de fato, outros produtos, mas este é de facto único! O nosso ouro da Serra de Monchique! Até costume dizer aos produtores que eles estão a vender ouro no saco de plástico porquê? Porque a carga estética, a carga emocional deste produto tem que ser pago e muitas vezes acabamos por vende-lo como um produto qualquer como se vende água ou um saco de laranjas ou de peras. É importante criar valor num produto, esse criar valor passa por dignifica-lo e ao dignificá-lo é por exemplo criar esta relação, a junção da importância dessa parte da

nossa cultura que é a produção do medronho, do ponto vista florestal, do ponto vista económico e do ponto vista cultural. Por isso, se um museu conseguir reunir toda esta informação e a pessoas da comunidade local sentirem que têm ali uma parte do seu património, uma parte de si, acaba por ser um casamento perfeito, acaba por ser uma relação importante e penso que poderá ser até benéfico e um incentivo à continuidade da atividade, é este o objetivo.

Um museu não deve ser encarado como um fim. Havia uma atividade vamos musealizar, acontecia às vezes e em Monchique aconteceu isso, até posso dar um exemplo, o Moinho que foi adquirido e foi transformado num espaço museológico. Um moinho que até podia ser um espaço vivo por exemplo. Há cidades na europa que fazem o quê?! Em vez de adquirem um determinado espaço que funciona e transformá-lo ou musealizar preferem criar um quadro de apoios e incentivos à população para que continuem a produzir e isso transporta-nos para outro tipo de museu, que é um museu vivo. Monchique pode ser na sua totalidade um museu vivo, porque num concelho onde ainda temos as destilarias nos locais, as pessoas produzem medronho, temos sapateiros, temos uma série de atividades interessantes que noutros concelhos tem vindo a perder fulgor. Nós aqui podemos obviamente criando um pólo de informação que é esta Casa do Medronho, a partir daqui o nosso museu é todo o concelho, onde vivem pessoas o ano todo, onde temos uma feliz convivência com a tradição e também com a modernidade, temos hotéis do topo em saúde e bem-estar como as termas de Monchique, quer dizer nós temos a história a conviver com a realidade e com futuro! Penso que é importante, é criarem-se pólos de informação. Por exemplo, no caso da Caldas de Monchique, as termas e as propriedades terapêuticas locais destas águas são reconhecidas desde o período romano, temos conhecimento devido aos objetos que foram encontrados e remontam até esse período. Hoje em dia, a utilização das termas são consideradas como luxos, assim como os spas, em tempos já utilizado mais como espaço social. Hoje chegamos às termas e acabamos por usufruir da água termal, dos banhos, tratamentos contra algumas doenças, mas a verdade é que fundamental que haja, nem que seja uma pequena sala ou um pequeno espaço, um sítio onde se perceba a memória, o que aconteceu naquele espaço, que pessoas passaram por ali, que objetos eram utilizados antigamente. Essa parte histórica, enquanto cidadãos ou pessoas somos muitas vezes chamados ao nosso passado, à nossa família (...) e ninguém tem presente sem ter passado e muito menos um futuro, por isso é importante. Hoje os museus têm a grande responsabilidade de fazer esta transição, esta geração atual tem uma grande responsabilidade de não deixar perder uma série de tradições e de atividades que haviam! Nós somos do tempo das tecnologias, somos do tempo em que um simples telemóvel consegue gravar uma conversa ou fazer um filme, por isso, seremos os grandes culpados se deixarmos perder uma série de atividades, seremos os grandes culpados se não transmitirmos para as gerações que vêm a seguir muito daquilo que herdamos das gerações anteriores, mas por outro lado, também somos os grandes responsáveis por sermos da geração das tecnologias, do crescimento e do desenvolvimento, de perceber que algumas tradições, não temos que carregá-las com elas por serem tradições, temos que entender que o mundo muda, as pessoas mudam, as realidades mudam, é preciso refuncionalizar os objetos e as atividades e por isso o grande desafio é esse! É não deixar perder em termos de informação e por outro lado sermos capazes de renacionalizar as atividades do ponto de vista da sustentabilidade futura, em termos de emprego, de riqueza, e de sustentabilidade dos territórios. Parece-me que os museus são isso mesmo, são esse fiel da balança, são esse ponto que informa

o que eramos e o que hoje somos, porquê que somos outra coisa? Porque evoluímos e passamos por este processo. Por isso, é importante que os museus favoreçam este conhecimento. É também a nossa consciência que está ali no museu, é a consciência de uma comunidade!

- Obrigado, uma vez mais. Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

É importante referir que esta atividade não se encerra na produção do medronho, vá lá! Portanto, posso dizer que neste momento, penso que até é possível e era útil ter um espaço museológico que estivesse associado e próximo à produção da aguardente de medronho. Nós temos um potencial grande, este produto muito bom do ponto de vista do mercado e do ponto de vista da qualidade do produto. Acho que seria interessante junto da comunidade ligada à parte museológica que houvesse uma pequena destilaria comunitária onde as pessoas pudessem produzir porque há muita gente que tem destilarias legalizadas, mas também há muitas pessoas que não têm e depois quer produzir e não consegue! Isto também era um grande desafio para o que deve ser este espaço! Do ponto de vista pedagógico, acho que é fundamental envolver as crianças e principalmente as escolas na realidade locais, não só nesta atividade da produção do medronho como temos estado a falar, como na educação ambiental, proteção florestal e ambiental. Nós vivemos num cenário e todas estas atividades que estamos a falar como o medronho, os enchidos, o mel, a gastronomia, os produtos agrícolas, e tudo isto funciona num cenário que é a nossa floresta e quando nós não percebemos e a quando a escola não tem capacidade de fazer chegar às crianças esta realidade onde vivem, e ela também se apercebem e valorizam os recursos de onde provém a fonte de receita dos seus pais e que dá emprego à sua família e quando não fazemos isso, acabamos por ter aqui um vazio. É isso que nós todos, inclusive a escola têm de fazer. Eu lembro me quando era mais novo que diziam assim: Se não tiveres boas notas na escola ou se te portares mal vais trabalhar para a madeira ... ah ... porque a madeira era um castigo! Nós víamos os familiares, os pais ... as crianças vêm os pais chegarem a casa cansados de um dia inteiro de trabalho com motosserra, sujeitos a levar com uma árvore em cima ou a ficar sem uma perna... E nestes anos todos acabamos por ter uma visão negativa do trabalho da floresta. E acaba por ser hoje um entrave muito grande e difícil de ultrapassar porque as pessoas e os jovens não veem a floresta como uma floresta de produção e multifuncional. Hoje, o turismo da natureza, a ligação à natureza é fundamental, o turismo saúde e bem-estar, a floresta que produz madeira, mel, plantas aromáticas, produz um leque de coisas fundamentais e que por isso mesmo tem que envolver esta comunidade. Até entendo que num concelho que não tenha esta realidade isto possa passar um pouco ao lado dos programas educativos, mas no caso de Monchique, o plano educativo do agrupamento das escolas do concelho tem que ter obrigatoriamente esta vertente. As crianças têm que ser conhecedoras das normas e das regras de viverem dentro numa floresta ... já não se consegue ensinar aos mais idosos estas regras porque estes já têm maneiras de operar e já estão habituados a operar de uma determinada forma. Mas, as crianças sim! Podem começar a perceber esta realidade, este *know-how*, esta forma de trabalhar a matéria-prima como fonte de emprego e riqueza, para que posteriormente possam transmitir essa preocupação ambiental às gerações futuras, mas isto tem de começar na escola, primeiro com os

próprios professores na sala de aula trabalhando e incentivando ao conhecimento, por outro percebendo a realidade local e finalmente e muito importante, envolvendo e participando na comunidade através de equipamentos como o museu que mostra às crianças esta realidade que é bastante enriquecedora, não havendo a possibilidade de ir aos locais porque sim... esses são os grandes museus!

ENTREVISTA Nº E 2 – PROFESSORA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

- Eu queria começar por perguntar como caracteriza a relação museu e educação?

Bem, considero que pode ser vista como uma relação de parceria e complementaridade. Quando nos referimos ao museu o conceito de educação está implícito e de forma abrangente, pois um museu transmite conceitos de distintas áreas e todas levam ao desenvolvimento do ser humano nos vários domínios, como cognitivo, social, emocional e pessoal.

- Qual acha que deve ser o papel do museu no processo da aprendizagem das crianças e jovens?

De forma geral, a missão dos museus é essencialmente educativa. Porém, os museus têm potencial que vai além da complementaridade do currículo escolar. Penso que o museu visa ampliar as potencialidades pedagógicas, acentuando o espírito crítico do aluno.

Do meu ponto de vista, o museu pode ser visto como um complemento aos conteúdos abordados em sala de aula, uma forma de consolidação desses conteúdos ou como um ponto de partida para a introdução de um novo conteúdo.

Isto tudo depende da temática, do perfil da turma e do método educativo subjacente e também da oferta do museu a ser visitado...Ahh, a meu ver, o museu, é assim, de utilidade bastante abrangente quando falamos em educação/aprendizagem.

- Em relação à inserção cultural e artística? Acha que os museus conseguem responder a este tipo de inserção. E de que forma?

Considero que sim... pois os museus têm a possibilidade de mostrar à sociedade toda a diversidade que a constitui, e através dessa divulgação será possível analisar, refletir e valorizar e é assim acontece a inserção.

- Do seu ponto de vista, de que forma é que atividades ocorridas nos museus, podem promover a criatividade artística nas crianças e jovens?

Através das oficinas didáticas e com dinamizadores com formação adequada quer à temática como ao público-alvo! Desta forma, será possível fomentar a sensibilidade nos alunos, tornando-os mais reflexivos e críticos e ... deste modo, mais criativos, isto porque a criatividade precisa de ser alimentada através da observação e experimentação.

- Quando realiza uma visita a um museu com a sua turma, o que mais valoriza nesse encontro?

O que mais valorizo é a forma como os alunos são acompanhados e orientados pelos monitores no decurso da visita... Considero que o museu deve organizar a receção aos alunos tendo em conta a sua idade e o contexto social em que estão inseridos, para que possa promover aprendizagem.

Penso que deve ser estabelecida uma breve conversação, à priori, aquando da marcação da visita, entre o museu e o professor, digamos, ...para que a planificação da visita tenha em conta algumas especificidades, de acordo com o grupo em questão!

- Considera que os museus são parceiros das escolas e devem trabalhar em conjunto? De que forma?

Os museus podem ser parceiros da escola e devem trabalhar em conjunto, pois só assim poderá existir a complementaridade que tão enriquecedora é no processo de ensino/aprendizagem... Esta parceria consegue-se através do desenvolvimento de trabalho cooperativo entre museu-escola.

- Que tipo de atividades acha mais interessantes a serem desenvolvidas nos museus?

Considero que devem ser desenvolvidas atividades lúdico-didáticas devidamente contextualizadas, pois são motivantes para os alunos e são um elemento facilitador da aprendizagem global, ora bem... isto porque proporcionam o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e pessoal do aluno.

- Quanta visitas a museus faz por ano, em média?

As visitas são, em norma, agendadas no início do ano letivo e têm em conta os conteúdos que vão ser abordados, os projetos a nível de turma e escola, e as verbas existentes...

Se existir na localidade um museu com interesse para a temática abordada ao longo do ano será feita uma visita, mesmo assim dependente da disponibilidade de transporte caso seja necessário. Fora da localidade mais difícil será, mas também ocorrem. Resumindo, em média será uma visita por ano.

- Acha que as visitas têm impacto positivo nas crianças? A que nível?

Sim! As visitas têm um impacto deveras positivo... elas são geradoras de motivação, curiosidade e questionamento por parte dos alunos, logo posso salientar que esse impacto além de ser positivo é abrangente, pois revela-se tanto a nível cognitivo como emocional.

- Quais as principais vantagens e constrangimentos que associa a estas visitas a espaços museológicos com os seus alunos?

De forma geral, as vantagens estão relacionadas com as potencialidades que os museus representam ao nível da aprendizagem dos alunos.

Já, os constrangimentos ... prendem-se com as dificuldades em efetuar essas visitas por falta de verbas e sensibilidade das entidades que podem tornar essas visitas mais frequentes.

- O que acha que faz falta nesta região, em termos de espaços educativos em museus?

Bem ... temos alguns bons espaços educativos e bem dinamizados. O importante mesmo é proporcionar a nível regional um acesso mais facilitado para que mais escolas e mais alunos possam visitá-los e beneficiar com as suas potencialidades.

As maiores dificuldades prendem-se com questões económicas, mas também é de salientar que os professores devem sempre manter uma postura ativa e sensível para estas questões para fazer face a todos estes condicionalismos que tanto dificultam o acesso aos museus.

Obrigado, uma vez mais.

De nada!

- Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Não considero pertinente, dado a abrangência das questões levantadas!

ENTREVISTA Nº E 3 – PROFESSORA DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

- Como caracteriza a relação museu e educação?

Ora bem, do meu ponto de vista é que museu e educação estão interligados. O museu permite desenvolver a formação e a educação de quem o visita.

- Qual acha que deve ser o papel do museu no processo da aprendizagem das crianças e jovens?

Vejamos, o papel do museu no processo ensino aprendizagem é permitir desenvolver mais conhecimentos científicos e culturais às crianças e jovens.

- Em relação à inserção cultural e artística? Acha que os museus conseguem responder a este tipo de inserção. E de que forma?

Sem dúvida que os museus são pontos culturais e artísticos ... fazem a ponte entre diversas áreas do saber. A forma de inserção aplicada aos museus serão oficinas práticas com temáticas específicas com exemplificação no local, eventos pontuais com temáticas específicas, etc.

- Do seu ponto de vista, de que forma é que atividades ocorridas nos museus, podem promover a criatividade artística nas crianças e jovens?

Do meu ponto de vista, os museus contribuem imenso para a criatividade artística, através ... por exemplo, de oficinas específicas.

- Quando realiza uma visita a um museu com a sua turma, o que mais valoriza nesse encontro?

Bem, o que mais valorizo numa visita a um museu com uma das minhas turmas, é constatar que os conhecimentos são transmitidos, principalmente a postura dentro de os museus, as regras específicas de frequentar um museu.

- Considera que os museus são parceiros das escolas e devem trabalhar em conjunto? De que forma?

Sim, sem dúvida... as escolas e os museus devem trabalhar em parceria. Julgo que a forma ideal... ahh... seria desenvolver determinados conteúdos dentro do próprio museu.

- Que tipo de atividades acha mais interessantes a serem desenvolvidas nos museus?

Acho que todo o tipo de atividades podem ser desenvolvidas dentro do museu, desde de jogos tradicionais, dramatizações, trabalhos plásticos e artísticos, etc.. As oficinas nos museus são muito importantes porque permitem, através de atividades, contribuir para uma aprendizagem em contexto de museu.

- Quantas visitas a museus faz por ano, em média?

Cerca de 5 vezes por ano.

- Acha que as visitas têm impacto positivo nas crianças? A que nível?

Sim tem grande impacto. As crianças fixam melhor tudo o que lhes é dito. Ao sair do contexto “escola” aprendem melhor determinados assuntos.

- Quais as principais vantagens e constrangimentos que associa a estas visitas a espaços museológicos com os seus alunos?

Constrangimentos... apenas os relacionados com o comportamento dentro do museu, acho que os alunos ainda não sabem “estar” num museu, o que reflete que não visitam estes locais. As vantagens, digamos, ... que são imensas e todas relacionadas com a cultura e a arte permitem desenvolver e “abrir” as mentes. Dar a oportunidade de conhecer aspetos novos da nossa sociedade, principalmente aos mais jovens.

- O que acha que faz falta nesta região, em termos de espaços educativos em museus?

Ah... podíamos ter mais espaços ou aproveitar os que temos para ensinar o percurso da humanidade na nossa região, os nossos costumes e valores. Adequar isso às faixas etárias mais novas com atividades lúdicas, artísticas e desportivas.

Acho que nos meios mais pequenos e rurais também deviam ter espaços educativos de forma a educação dos museus chegar a todos. Até porque todos locais tem uma história para contar.

- Obrigado, uma vez mais.

De nada!

- Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Não, está tudo dito.

ENTREVISTA Nº E4 – TÉCNICA DO MUSEU MUNICIPAL DE ARQUEOLOGIA DE ALBUFEIRA

- Como caracteriza a relação Museu e Educação?

Portanto, o museu é um espaço de educação por excelência, apesar de ser um espaço não-formal, não é... um espaço educativo como uma escola, mas permite uma abordagem educacional a vários níveis e de várias perspectivas, ah... para várias etapas e fases da vida inclusivamente naquela perspectiva da aprendizagem ao longo da vida, que atualmente está muito na voga, sobretudo na Grã-Bretanha e no Reino Unido, mas é sem dúvida, é um espaço de educação porque tem informação, tem conhecimentos científicos e desde da sua história enquanto instituição sempre tive essa preocupação de transmitir alguma coisa, dar a conhecer, mesmo quando era mesmo quando era um gabinete, havia aquele coisa de ser exótico espantado, sempre teve essa vocação.

- Qual acha que deve ser o papel do Museu no processo da aprendizagem das crianças e jovens?

Eu acho o museu tem um papel não só na aprendizagem das crianças e jovens ...ah... Acho que o museu tem um papel ativo no processo da aprendizagem ao longo da vida, não só das crianças e dos jovens, mas também depois na idade adulta, dos mais velhos, mas, sem dúvida nas crianças é importante porque é um início a algo, criação de hábitos, de cultura, o sair da escola, do contexto normal, é uma mais-valia, claro que aí, depende muito do tipo de museu, do tipo de experiência museal que se pretende com a de visita ou com a atividade ou com oficina, ou o que seja. Os jovens são o público mais difícil de captar, portanto, eles vem ao museu integrados em grupos escolares, sem dúvida, mas é visto quase como que um frete, não é uma coisa que eles gostam muito, portanto, que depois disso, é muito difícil ter jovens individualmente ou em grupo, mas por iniciativa própria que venham ao museu, geralmente voltam ou regressam já em idade adulta noutro contexto.

- Em relação à inserção cultural? Acha que os museus conseguem responder a este tipo de inserção. E de que forma?

Cada vez mais fala-se no papel do museu como elemento integrador, quando se fala de democratização do acesso à cultura e aos próprios museus, mas eu acho que o museu ainda é um espaço elitista, acho que apesar de tudo, ainda há muito trabalho a percorrer pela inserção cultural das pessoas, sobretudo das pessoas que vivem na envolvente do museu, acho que ainda há uma certa separação.

Aqui em Albufeira, posso dizer que de facto ainda há uma separação, portanto, as pessoas não se sentem representadas neste museu, falta qualquer coisa, falta um elo, em termos de inserção cultural, acho há uma falha grande, há uma lacuna... que deve ser trabalhada com programas específicos para esses públicos e com necessidades que esses públicos têm, portanto, é preciso conhecer essas pessoas minimamente e só assim haverá essa inserção.

- Do seu ponto de vista, de que forma é que atividades ocorridas nos museus, podem promover a criatividade artística nas crianças?

É assim, as atividades nos museus, muitas delas são estímulos a essa capacidade de criatividade, com o tipo de atividades que são realizadas. Acho que grande parte dos museus tenta desenvolver atividades ligadas, não só a coisas muito impositivas não é, que como uma determinada tarefa que tem de ser feita de uma determinada forma, mas que permitiam uma maior liberdade, ação, movimento, de envolvimento, a tal teoria de *hands-on, push-botton, minds-on*, portanto, desenvolvem envolvem completamente a criança e isso acho que fomenta ou estimula a criatividade, também artística, porque mesmo num museu como o de arqueologia como é este o caso, nós podemos ter aqui atividades relacionadas com a artes. Portanto, pode ser, acho que ainda é pouco explorado ou quando é ou são feitas essas oficinas, *ateliers* ou atividades, talvez quem oferece não tem real consciência da dimensão que isso poderá ter, porque às vezes, basta uma pequena atividade ou uma experiência diferente no museu e aquelas crianças vão ficar com aquela experiência, vai ser uma coisa marcante e vai ser uma experiência significativa, é a partir dessas experiências, que se cria a aprendizagem, no fundo essas coisas estão relacionadas, e por vezes fazemos os nossos programas e não pensamos bem nas consequências que isso poderá ter, fazemos isso para o imediato, para termos muitas pessoas ou muitas inscrições e descuramos um bocado essa parte.

- No seu entender, de que forma é os museus podem atrair o interesse da população em geral?

É assim, os museus têm de pensar, sempre em atividades específicas para públicos específicos, portanto isso, população geral, ou público em geral, são sempre coisas muito vagas não é, no sentido, temos de definir os nossos públicos-alvo e depois trabalhar conforme esse público-alvo. Claro que há atividades que atraí um número maior de pessoas, depende do tipo de iniciativa... ah... portanto, aí tem a haver também um pouco com a posição do próprio museu, o que pretende, até que ponto consegue e pode e ir, quer ir, porque por vezes há espetáculos e há iniciativas que atraí muita gente, mas depois podem não estar diretamente relacionadas com a missão ou com os propósitos do próprio museu e então acaba-se por perder um pouco a leitura, e perceber se, o fato das pessoas irem a uma iniciativa ou visita pontual, se as pessoas voltam, se ficam fidelizadas, ou se podemos considerar um público ou se foi um visitante accidental.

- O que devem fazer os responsáveis dos museus para criar uma relação entre museu e comunidade?

Pois, eu acho que esse é o grande desafio, é criar essa relação. Se calhar, nos últimos surgiram muitos museus e que se diziam ao serviço da comunidade ou que eram museus que representavam o património dessa comunidade, mas esqueceram-se do diálogo e da relação direta com a comunidade. E não é fácil! De facto, acho que não é uma tarefa fácil, acho que é um trabalho que exige alguma continuidade, que exige uma atenção, exige as pessoas do museu, os técnicos, toda a gente ter a noção que é preciso

sair do museu e ir ter com as pessoas, falar de igual para igual, ganhar essa confiança e depois trazê-los para dentro do museu, mas pedindo o seu contributo, a sua participação, portanto, as pessoas tem de participar, tem de se sentir envolvidas e isto é preciso aqui perceber a dimensão, perceber a disponibilidade, não se pode começar uma iniciativa deste género e depois simplesmente deixar a meio ou nunca mais andar para a frente, portanto que de haver aqui uma relação de reciprocidade que exige ser alimentada.

- De uma forma geral considera que a oferta educativa dos museus consegue responder às necessidades educativas e artísticas desta região?

Eu acho que não, apesar de tudo! Apesar de já haver alguns museus que têm programas educativos definidos para os anos letivos, para férias, para datas pontuais e que há uma preocupação de ter uma programação.. ah, acho que mesmo assim não, acho ainda há uma preocupação em adaptar os conteúdos das atividades aos próprios programas escolares, e acho que o museu pode ser muito mais que isso, em termos de educação artística sobretudo, nós na escola já temos uma disciplina ou duas portanto, já não é uma parte muito estimulada na escola normal, digamos ensino formal, portanto os museus nesse sentido são uma mais valia, que poderiam explorar mais essa vertente não é, e acho que ainda há muito trabalho por fazer nessa área.

- Como se tem vindo a desenvolver o vosso trabalho com as escolas da região?

A nossa relação mais direta com as escolas, em primeiro lugar são com as escolas do concelho até porque somos um museu tutelado pela Câmara Municipal daí a ligação direta ao concelho. Temos outras visitas para escolas da região, de outros sítios que nos pedem visitas orientadas e que nós fazemos, mas a nossa preocupação é com as escolas do concelho, é tentar ao máximo potenciar o nosso museu junto das escolas e vice-versa, queremos que os professores tirem partido daquilo que nós podemos oferecer, não só da coleção do museu, como da envolvente, como da história da própria cidade e até do Castelo de Paderne, que atualmente também é da gestão conjunta da Câmara, tentamos adequar a nossa oferta ao que os professores pretende trabalhar, não sobrecarrega-los e porque eles já têm muita parte burocrática, e se nós começamos com projetos que não lhes dizem muito, aí acabamos por não conseguir conquistá-los portanto, a nossa aproximação tem sido essa, embora no início tivemos feito um esforço para criar um programa destinado mesmo ao público escolar chegamos à conclusão que fazia mais sentido trabalhar em conjunto em projetos que eles já estivessem envolvidos.

- O que pode um museu fazer para cativar visitantes das faixas etárias mais jovens? Oferecer que tipo de atividades?

Bem, há imensas atividades que se podem fazer para públicos mais jovens é preciso realmente ver as faixas etárias. Nós aqui já tivemos algumas experiências com o pré-escolar, aí tem de ser uma coisa completamente diferente não é, portanto temos sempre que adaptar às faixas etárias. Depois, há outras faixas que apesar de, por exemplo, o 1º ciclo, nós temos um quadro de crianças dos 6 aos 9, 10 anos não é, mas há uma grande

diferença entre as crianças quem tem 6 anos que ainda não sabem ler nem escrever e aquelas que já estão acabar o 4º ano. Portanto, também misturar 1º ciclo num grupo também às vezes é perigoso porque depois as atividades ou são muito infantis para os mais velhos ou são muito difíceis para os mais novos, portanto já nos aconteceu trabalhar com grupos assim, sobretudo no verão, na colónia de férias do verão, outra divisão da câmara e tentar fazer que com que haja equipas com elementos mais jovens outros um bocadinho mais velhos, para haver interajuda entre os elementos mas acho que sim, devem ser atividades ... de acordo com as idades, entretanto não infantilizar demais, porque há coisas que são muitas atividades que realizam jogos e coisas assim, eles gostam estar mais atentos para participar para estarem dinâmicos, e sem ter de infantilizar tudo e tornar tudo “Era uma vez...” e acho que os miúdos não gostam de ser tratados como crianças. Criar desafios para todos para todos estarem envolvidos e integrados.

-De acordo com a sua experiência na área da museologia que tipos de atividades educativas são mais predominantes nos museus do Algarve?

Eu acho que são oficinas, a ideia que eu tenho são, por exemplo o Museu de Loulé chegou a fazer algumas oficinas tipo a oficina da Páscoa, a de férias ou temáticas, também havia a oficina de arqueologia, acho que são mais oficinas é a ideia que tenho. Depois há, por exemplo no Museu de Faro que faz uma vez por mês as atividades em família, que é uma linha muito interessante, de estimular o convívio entre as várias gerações ah. Mas, acho que essencialmente são esse tipo de atividades ateliers e oficinas educativas.

- Obrigado, uma vez mais pela sua colaboração!

Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Não, acho que é um bom sinal, é um ótimo sinal. Acho ainda há muito por fazer nesta área, acho que ainda se têm uma conceção muito errada do que é o serviço educativo porque as pessoas pensam automaticamente nas crianças e não é assim, e portanto o serviço educativo é muito mais do que isso, e acho que agora nas últimas linhas e se quisermos, as últimas tendências dessa áreas tem a ver com a relação com a comunidade, e o serviço educativo como é a parte mais visível e que faz sempre a mediação e as pontes entre os públicos e o museu, acho que tem responsabilidade acrescidas nestas matérias portanto, também deve ser envolvido nas equipas que trabalhem com as recolhas de património imaterial, que requiere um contacto mais direto com a população, porque é importante nós pedirmos o contributo das pessoas, mas também dar qualquer coisa em troca, então fazermos as coisas, uma atividade com alguma dinâmica, faz mais sentido para toda a gente e é mais interessante, mesmo para quem não participe.

ENTREVISTA Nº E 5 – DIRETOR DO MUSEU DE PORTIMÃO

- Em sua opinião qual deve ser o papel educativo de um museu?

Uma das grandes áreas dos museus é sem dúvida a educação, a divulgação e o conhecimento, na qual se incluem as estratégias e metodologias de abordagem, apropriação e produção desse mesmo conhecimento. No entanto enquanto entidade educadora e importante recurso pedagógico que também é, o museu não pode nem deve ser confundido como sendo apenas mais uma repetição da escola, mas seguramente como espaço formador, de afirmação cultural e cívica. A educação é pois uma das grandes funções dos museus, para além da investigação, da conservação, do restauro, da exposição e da gestão e valorização do património cultural. Um museu que não promova qualquer tipo de informação, fruição, conhecimento, como disse, não cumprirá o seu papel e sem uma área ligada à educação não terão razão de ser. Não se criam museus para se transformarem em armazéns, armários ou vitrinas, criam-se museus sim para as pessoas e para as sociedades, para todos! Os museus são entidades com uma missão e uma visão geral e universal, mas terão sempre que colocar como prioridade um grande cuidado e ênfase, na estruturação e programação dos seus conteúdos educativos.

- Como identifica a função educativa do seu museu?

Desde logo, nós podemos considerar o museu de Portimão muito ligado às gentes deste município e da sua envolvente territorial. É um museu que tem características próximas de muitos museus de cidade, de sociedade e de identidade das comunidades, que aqui evoluíram ao longo dos anos, num percurso histórico milenar de grande particularismo e cujo carácter diferenciador merece ser assim interpretado e definido. A nossa função educativa é facilitar e permitir uma aproximação ao conhecimento dessa evolução e da sua síntese histórica. Portanto, nós temos muito essa visão de museu próximo da história social, da identidade cultural e do território humanizado, que são afinal os três grandes pilares, nos quais que baseia o nosso trabalho museológico e onde obviamente se baliza a função educativa deste museu.

- O museu tem um plano de trabalho escrito, com objetivos a curto prazo e longo prazo para a educação?

Para a educação e para o todo o conjunto do nosso trabalho. Nós elaboramos um programa museológico, antes de suscitar o projeto arquitetónico. Um projeto arquitetónico aliás, sem ser antecedido de um programa museológico não me parece uma opção credível ou que possa ter um grande sucesso. Nós elaboramos um programa museológico apresentado previamente aos arquitetos, não só para a conceção dos espaços, mas também e sobretudo para toda uma orgânica funcional capaz de dar conteúdo a esses mesmos espaços. Quando se planeia um museu, esse museu tem que ter uma organização espacial e funcional perfeitamente articulada em termos de áreas, serviços internos e externos com o seu programa museológico. Por exemplo: nós

podíamos não ter previsto uma oficina educativa, um espaço definido, poderíamos apenas ficarmo-nos pelas salas de exposições e pouco mais.

Podíamos não ter optado por identificar ou localizar no conjunto dos espaços do museu, uma função educativa própria, mas ao fazer isso estaríamos a introduzir um fator redutor na capacidade funcional do museu, relativamente à oferta e desenvolvimentos das suas atividades pedagógicas e educativas. Portanto, tudo isto emerge de um programa museológico pré-estabelecido no qual são definidas a longo prazo as grandes atividades e as grandes valências que depois vão se servir no futuro, quer a sua estruturação espacial, quer a sua aplicação funcional.

- Considera que há divulgação suficiente das atividades educativas?

Há sempre formas de melhorar é evidente, mas estamos satisfeitos porque temos uma calendarização anual praticamente preenchido e tem havido por vezes, dificuldade de atendimento, em períodos mais específicos.

Mas nós somos igualmente afetados pontualmente por circunstâncias externas, das quais o museu não tem qualquer responsabilidade, como por exemplo a dificuldade de obtenção de autocarro ou outros serviços de deslocação e transporte de grupos escolares. Nós estamos abertos de segunda a sexta à comunidade educativa, de forma gratuita por proposta nossa e decisão municipal, o que desde logo constitui uma atitude facilitadora na relação entre as várias estruturas no terreno. Ainda relativamente à divulgação, eu creio que já estamos cultivamos ativamente a interação com as escolas e professores, procurando fazer sempre essa ligação, não só em articulação com o gabinete de Relações Públicas do Município, mas também através da nossa própria dinâmica e meios, nos quais se incluem as redes sociais, como o “facebook” entre outros.

- Como se tem vindo a desenvolver o vosso trabalho com as escolas da região?

A partir do programa anual que é distribuído às escolas, quer de forma eletrónica quer impressa, a comunidade educativa tem conhecimento das nossas propostas de atividades no início de cada ano letivo. As escolas locais já nos conhecem e portanto o trabalho já está facilitado e estamos ainda a desenvolver este ano um novo projeto “O museu vai à escola”. E aqui normalmente o grande público mais predestinado é o escolar, não há dúvida. O programa educativo vai no fundo corresponder e responder ao período do ano letivo, tanto para as escolas do município como de todo o território nacional. Esta programação no essencial procura fazer a ponte entre os níveis etários e as capacidades cognitivas dos diferentes utentes escolares e os conteúdos das exposições. Ou seja, a educação é dirigida mais numa perspetiva de descoberta, de aprendizagem, de fazer e responder criativamente aos desafios colocados pelas histórias em exibição.

“Os sábados em família” que iniciamos por volta de dezembro, destina-se a um outro tipo de público que como o próprio nome indica ou sugere, pretende um encontro de tipo familiar, entre pais e filhos.

- E com outras instituições?

Sim, nós trabalhamos muito em Rede. Nós pertencemos à Rede Portuguesa dos Museus e à Rede de Museus do Algarve e isso dá uma ideia do desenvolvimento e da possibilidade do aproveitamento de sinergias, na divisão de tecnologias, no intercâmbio de pessoas, ideias, informação, meios e também de partilha de projetos e exposições temporárias, bem como de outras iniciativas designadamente com a Direção Regional de Cultura do Algarve. Esta situação é muito útil e produtiva, e é bom que esta ideia das redes e dos grupos de trabalho em articulação, possa continuar e evitando o isolamento das estruturas museológicas.

- Em sua opinião, qual deve ser o papel dos museus em termos de inserção cultural e artística das populações?

Os museus tal como as bibliotecas e arquivos são as estruturas por excelência mais indicadas, em qualquer sociedade, para a conservação das suas memórias e a continuidade do registo das suas narrativas históricas. Portanto um museu quando abre as suas portas tem que se assumir como um local de encontro das comunidades consigo próprias, ao longo do ano, no espaço do museu. Os museus para além da sua produção específica, têm também serviços que pode acolher ideias e projetos de outros grupos.

O que tem vindo a desenvolver o museu nesse sentido?

São diversas as atividades e propostas dentro do museu e na parte exterior ao museu, também realizar atividades nas estruturas arqueológicas e patrimoniais no nosso território.

Enquanto responsável do museu, que medidas têm tomado nestes últimos anos para criar uma relação entre museu e a comunidade?

Nós desenvolvemos um projeto designado “O museu bate à porta da nossa história”, de proximidade com a nossa envolvente humana e com os grupos sociais ligados a nossa história recente, como é o caso da indústria conserveira, a construção naval, a pesca, o turismo, facto que nos permite construir e manter um conjunto de relações e de contactos, decisivos no registo e relatos dos testemunhos orais e histórias de vida da nossa memória e identidade coletivas. E estes, aos quais foi atribuído o chamado cartão de amigo e colaborador do museu, são desde logo os primeiros convidados para as nossas diversas iniciativas, fortalecendo deste modos os laços de proximidade e intercâmbio com a comunidade local.

Muita gente não esperava que a indústria conserveira fosse ela própria objeto de destaque na narrativa do museu, talvez não considerasse essa atividade uma história relevante para ser contada num museu, mas ao fazermos isso reforçamos também a autoestima da nossa comunidade e, não menos importante, provamos que são

exatamente os particularismos históricos e os aspetos diferenciadores locais que mais força, dinâmica e novidade transmitem aos museus, aos seus visitantes e utentes.

- Qual tem sido a resposta da comunidade? Como tem reagido?

A resposta da comunidade tem sido bastante positiva e diversificada. Ainda há pouco, antes desta entrevista, por coincidência e como nota curiosa, recebi a visita de um cidadão, que veio fazer uma doação ao museu de cinco garrafas de vinho, da antiga Adega Cooperativa de Portimão encerrada e desativada há muitos anos. Isto porque nós lançamos uma iniciativa designada “Uma peça, uma história” visando dar a conhecer, numa vitrina especialmente dedicada para esse efeito na entrada principal do museu, algumas ofertas e doações de diversas peças, por parte da nossa comunidade, as quais acabam por despertar interesse e motivar mais elementos da população a seguir esse mesmo exemplo.

No fundo, o museu de Portimão já é hoje sentido por grande parte dos nossos cidadãos, como o local ideal para o depósito simbólico dessa memória, como lugar seguro dessa entrega e transmissão de um património cultural pessoal ou coletivo, potenciador de uma futura divulgação ou de um íntimo contar de histórias a partir desses objetos.

- Acha que a comunidade se identifica com a missão do museu?

Não tenho qualquer dúvida acerca disso. Pelo menos é a uma reação que nós sentimos, quer nos contactos que temos e anteriormente referidos, quer pelos registos que podemos constatar no nosso livro de opiniões, quer no “facebook”, aspetos indiciadores dessa mesma adesão e identificação com este trabalho do museu.

- Este museu tem desenvolvido atividades específicas para o público mais jovem? Existe alguma preocupação especial com este público?

Sim claro e disso são prova os programas educativos, os Sábados em Família, as Férias do Museu, os dias da pré-história em Alcalar, entre outras iniciativas. Férias do Museu por exemplo constituem de facto, uma resposta adequada à ocupação temporária dos jovens, na criação de projetos que tem a ver com a nossa realidade e missão, desde cinema de animação a atividades de expressão criativa. Realizamos um filme de animação “À conversa com Manuel Teixeira Gomes” que inclusivamente foi premiado no Festival Internacional de Filmes de Turismo do Brasil. O filme foi criado na Oficina Educativa do Museu de Portimão, durante o programa Férias no Museu, na Páscoa de 2010 e contou com a participação de 22 jovens dos 7 aos 12 anos. Estas atividades evoluem uma perspetiva de criar algo e de fato temos tido uma reação muito positiva, as crianças perguntam muitas vezes quando há atividades de férias e o rápido esgotamento das vagas existentes, são um bom indicador do êxito da iniciativa. Depois, existem os ateliês da pré-história, a caça, tecelagem, cerâmica, adornos, etc., no Centro Interpretativo de Alcalar. Nós estamos sempre a apostar e a inovar nestas valências para os mais novos, tendo para isso constituído um grupo de técnicos, na nossa Oficina Educativa, dedicado a esse tipo de atividades, especificamente para o público mais jovem.

- De uma forma geral considera que a oferta educativa dos museus consegue responder às necessidades educativas e artísticas desta região?

Bem, essas necessidades não podem ficar apenas à responsabilidade dos museus. Isso é um objetivo transversal aos museus, às escolas, às instituições, às universidades, às organizações, entidades locais e regionais e à própria sociedade civil. Quanto mais propostas e respostas complementares a essas questões houver melhor, e se os museus conseguirem arranjar soluções para o desenvolvimento dessas necessidades, promovendo o empenhamento dos seus autores e destinatários, na produção e formação artística e educativa, cedendo espaços, materiais e formas de divulgação dos resultados creio que será um excelente contributo. Quero pensar e acreditar que de uma forma geral os museus tem essa preocupação assumida, existindo eventualmente alguns museus que estarão melhor estruturados para uma resposta mais adequada a essa problemática do que outros.

Em relação ao Museu de Portimão consegue oferecer atividades artísticas aos visitantes mais novos?

Vamos lá ver, falar das atividades artísticas pressupõem à partida, uma certa ideia de arte que pode não ser compatível e compaginada com a idade e com nível etário dos mais novos. É evidente que se conseguirmos propor e fortalecer, nesse tipo de visitantes mais novos como refere, apetências, capacidades, competências, hábitos de iniciação e utilização continuada do vocabulário artístico e de desenvolvimento das formas de expressão e de criatividade, como creio que o fazemos, estaremos no bom caminho para essa oferta. O que define arte, muitas vezes, é justamente a capacidade humana de conceber esteticamente e criativamente, algo novo e divergente. Um jovem possivelmente que tenha sido estimulado através de um maior contacto com a experiência artística, a partir de um nível etário mais precoce, conseguirá com mais facilidade responder a esse tipo de desafio. Portanto o que nós fazemos é tentar que esse público mais novo conceba e trabalhe com criatividade, que não se limite a exercícios de pura cópia, ou a imitar a visão do mundo dos adultos, mas que sejam mais autênticos e originais em relação à sua idade, evitando inculcarmos ideias estereotipadas, ou respostas normalizadas e iguais para todos.

Outro aspeto muito importante prende-se com o contacto direto e o manuseamento de materiais e objetos reais, a duas e três dimensões, como por exemplo modelar o barro utilizando as tintas, a colagem, moldar em plasticina ou gravar as placas, associando à atividade cerebral a ação motora, a expressão corporal à capacidade criativa, ligando a mão, corpo e cérebro. É muito importante, evitar que os jovens sejam hoje exclusivamente detentores de um saber-fazer muito mais virtual do que real, muito dependente do uso do computador e reféns apenas da atual expressão eletrónica. Só através da diversidade das experiências e das situações serão cidadãos mais completos e independentes.

Obrigado, uma vez mais. Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Fundamentalmente, penso que os museus devem constituir-se como estruturas polivalentes com equipas permanentes, para motivar e promover a perceção criativa da realidade junto dos mais novos, desenvolver uma educação não-formal que seja complementar do seu universo educativo, adicionando mais autonomia, criatividade e liberdade, motivando, valorizando e respeitando o resultado da ação produtiva dos jovens criadores e frequentadores dos museus.

ENTREVISTA Nº 6 VEREADORA DA CULTURA E TURISMO DA
CÂMARA MUNICIPAL DE FARO

- No seu entender, qual deve ser o papel dos museus enquanto instrumentos de inserção cultural e artística junto das comunidades locais?

Ora bem, em regra os museus definem como os seus objetivos prioritários a preservação, a salvaguarda, a conservação e aí também tem um papel junto da comunidade porque são eles quem detém esses bens à sua guarda, os bens principais da história daquela comunidade e que depois tem a responsabilidade, para além disso, de os comunicar e expor a população, comunidade, isto agora, cada vez mais a definição de comunidade está muito alargado. Portanto, uma coisa que deve fazer no seu trabalho é definir o que é Comunidade, porque por exemplo, numa região como o Algarve, para mim a comunidade inclui visitantes exteriores, pode ser um turista, um excursionista, portanto todos esses, mas creio no que está no âmbito do seu estudo, será sobretudo uma comunidade mais local, será aquela comunidade que reside, que está permanentemente naquele território, portanto aí o museu é realmente um educador, como me diz e muito bem, é um difusor, é um promotor e um integrador dessa comunidade e nessas vocações tem que estar a aquilo que é a vocação artística e a vocação cultural.

Para além de mostrar o que é do passado, em termos da cultura e da arte desse local, mostrar e dar a conhecer, como eu disse, comunicar com essa comunidade aquilo que tem no espólio, ele deve também estar aberto a que essa comunidade venha e se desenvolva atividades em torno, não deve ser só... um agente passivo, ele deve ser um agente ativo. Deve estabelecer comunicação com a sua comunidade, portanto não chega estar aberto ou fechado, e os visitantes da comunidade local virem até ele, tem de desenvolver atividades em torno desse património que lá têm na sua coleção.

Resumindo, tem toda a importância porque ele é o principal elemento de contacto, sobretudo daquilo que faz parte da nossa parte da nossa história, do nosso passado em termos culturais e artísticos, agora também deve estar aberto aquilo que se faz na contemporaneidade, no momento atual... e aí é onde eu sou mais crítica, é que por vezes, a preocupação centra-se muito na salvaguarda, na preservação das coleções e esquecem um pouco os novos objetos, as novas artes, as novas manifestações, que em regra faz essa dinamização através das tais atividades, como exposições temporárias, como ateliers, como conversas e palestras, visitas, e outro tipo de atividades que também deviam estar mais presentes.

- Enquanto Vereadora da Cultura e do Turismo da Câmara Municipal de Faro, como caracteriza a relação do Museu de Faro e a comunidade?

Como eu dizia, numa comunidade mais residente, o museu tem desde de 2006/2007 um programa de intervenção comunitária, ou seja, tem uma série de protocolos e parcerias estabelecidas com associações, instituições de solidariedade social, que com grande frequência visita o museu e desenvolvem atividades e ateliers e por isso, creio que é um museu muito interativo com a sua comunidade, inclusive temos vindo nos últimos 3 anos, este vai ser o quarto, no dia da Cidade, a promover no dia do Município,

a desenvolver exposições temporárias em torno da história local. Para quê? Para valorizar e ajudar a valorizar a identidade local porque um dos problemas no caso concreto de Faro é a falta de conhecimento sobre o seu património, sobre as suas personalidades e sobre aquilo que faz parte do seu lugar histórico e cultural e aí o museu tem sido realmente o principal ponto, quer da investigação, quer da dinamização dessa identidade local.

- De que forma, os museus podem contribuir para um desenvolvimento local das comunidades?

Portanto, desta forma que acabei de referir, sendo o museu elemento ativo desta promoção desta história, cultura local desenvolvendo atividades em torno deste património, até fora do próprio museu, que é o que nós fazemos com as visitas orientadas ao centro histórico, e portanto, aí abrimos um pouco as portas do museu a outras visitas a outros monumentos, damos inclusive auxílio no restauro e na conservação de muitas peças que estão nas igrejas e noutros locais fora do próprio museu, portanto é um museu que procura interagir bastante com a Universidade do Algarve e nesse sentido, creio que se dá um contributo principal para o desenvolvimento local da comunidade.

- Que características deve desenvolver um museu de forma a fomentar uma relação positiva com a comunidade em que se insere?

Sobretudo centrar-se no visitante, ou seja, a gestão dos museus tradicionais ditos tinham a ênfase como eu disse no início, muito centrada na conservação, salvaguarda, guarda e preservação das suas peças, hoje espera-se que os museus sejam efetivos agentes de mudança, que sejam elementos também proporcionadores de novas discussões, de novas mentalidades, de novos patrimónios, portanto não chega já cingir-se ao património histórico, tem que de pensar nos outros patrimónios, nas outras realidades fora de portas e ser realmente um elemento ativo de dinamização da cultura local. Eu creio que aí tem vindo a ser, como no caso do Museu de Faro e no Museu de Portimão, são museus muito ativos nessa relação com a comunidade local.

- De uma forma geral, o que têm a dizer sobre os museus do Algarve. Considera que estes têm contribuído para um desenvolvimento cultural da região?

Em termos gerais podemos dizer que sim. Agora, se formos analisar caso a caso, pois conheço relativamente bem os quatro museus da Rede Portuguesa dos Museus que são o Museu Municipal de Faro, Museu de Tavira, Museu Municipal de Arqueologia de Albufeira e o Museu de Portimão. Os outros não conheço tão bem, mas tenho algum conhecimento deste panorama museológico regional, nestes quatro museus as equipas são variáveis, portanto o fato de nós termos uma equipa mais estável com elementos de várias áreas disciplinares, como é o caso do Museu de Faro tem cerca de 22 elementos na equipa, tem gente com formação na área da educação, na história da arte, portanto tem uma diversidade na sua equipa que lhes permite também ser os tais agentes

dinamizadores da cultura local. Nos outros museus as equipas são muito mais reduzidas, portanto a sua capacidade de intervenção, também depende disso, no entanto, não deixam de tentar fazer um trabalho meritório e muito interessante.

Estou a lembrar-me do Museu do Traje em São Brás de Alportel que depende da Santa Casa da Misericórdia e não deixa de ter uma relação muito forte com o turista residente, tem inclusive um grupo de amigos do museu que faz a dinamização de uma série de atividades durante todo o ano, e que de fato, é um agente de integração dessa comunidade turística residente, com algumas críticas por parte da comunidade local porque acaba por ter uma programação muito baseada nesse grupo de amigos, que são sobretudo estrangeiros residentes, mas eu creio que ... tem a ver também com a própria comunidade de São Brás que tem muitos turistas residentes.

Acho que cada museu deve-se adaptar à sua comunidade, mas também deve ter sempre em vista a resposta aos visitantes e para isso é preciso conhecer quem nos visita, acho que isso é um elemento fundamental.

Há falta de maior conhecimento sobre quem visita os nossos museus, todavia já há algumas coisas a fazer e a Rede Portuguesa dos Museus tem dado um grande contributo para projetos que acabam por fazer a ligação entre todos os museus do Algarve quase, novas exposições, novos estudos, novas investigações que são exemplo até nível nacional. Portanto, não sendo muitos os museus, não tendo equipas numerosas, nem recursos extraordinários, creio que conseguem marcar a diferença aqui em termos culturais na região, uns mais outros menos, outros mais recentes e portanto com introdução de audiovisuais e interativos, outros mais antigos em edifícios com questões de conservação e de preservação dos próprios edifícios, mas à sua maneira têm conseguido encontrar um espaço e serem verdadeiros agentes de mudança das comunidades locais. Acho que sim!

- Obrigado, uma vez mais.

Gostaria de fazer sugestões sobre aspetos que não tenham aqui sido abordados e que lhe pareçam pertinentes para este estudo?

Há sempre uma questão falta quem estuda a área da educação nos museus, é que de facto, os programas educativos são muito centrados na escola, no meio escolar e sobretudo no 1º Ciclo. Por vezes, ficam um pouco esquecidos os jovens dos 10 aos 15 anos que se não forem com os pais raramente irão ao museu. Talvez fosse interessante trabalhar mais os programas educativos para as famílias, eu creio que aí se conseguisse abranger alguma desta juventude que veem o museu ainda o como um espaço muito entediante, sem grande interesse para passar o seu tempo livre. Ah. Também creio que isto é cultural da nossa sociedade portuguesa, nós não temos o hábito ao final do dia ir aos museus. Ainda há dias via no facebook, alguém colocou um post num blog em que se comparava os museus em Madrid com os museus em Lisboa. Em Madrid as pessoas depois de saírem do trabalho tem um grande hábito de visitar estes espaços de convívio até dentro dos próprios museus. Nós aqui fechamos os museus por volta das 18h porque ninguém lá vai! Porquê? Porque não se justifica estarmos a abrir porque depois não temos visitantes e temos dificuldades em conseguir garantir os museus abertos porque isso significa mais recursos humanos. Agora, temos realmente de repensar, não só nos museus, como em quase toda a cultura porque temos que arranjar públicos e visitantes

para estes espaços que realmente tem uma grande riqueza cultural e histórica e que precisam de pessoas lá dentro. É isto que gostava de partilhar consigo.

ANEXOS III

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

QUADRO ANÁLISE CATEGORIAL
ENTREVISTA Nº 2 – PROFESSORA DE ENSINO BÁSICO

Estudo exploratório para a construção de um projeto pedagógico-didático para a futura Casa-Museu do Medronho

OBJETIVOS	TEMAS	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	RECORTES DA ENTREVISTA
<p>A. Compreensão da relação educação e museus</p>	<p>Educação dos museus</p> <p>Espaço museológico e criatividade artística das crianças e jovens do concelho</p>	<p>Educação não-formal</p> <p>Criatividade artística das crianças e jovens do concelho</p>	<p>Relação</p> <p>Contributo</p> <p>Relação</p>	<p>“ ... pode ser vista como uma relação de parceria e complementaridade. Quando nos referimos ao museu o conceito de educação está implícito e de forma abrangente, pois um museu transmite conceitos de distintas áreas e todas levam ao desenvolvimento do ser humano nos vários domínios, como cognitivo, social, emocional e pessoal.”</p> <p>“... a missão dos museus é essencialmente educativa. Porém, os museus têm potencial que vai além da complementaridade do currículo escolar. Penso que o museu visa ampliar as potencialidades pedagógicas, acentuando o espírito crítico do aluno.”</p> <p>“os museus podem ser parceiros da escola e devem trabalhar em conjunto, pois só assim poderá existir a complementaridade que tão enriquecedora é no processo de ensino/aprendizagem...Esta parceria consegue-se através do desenvolvimento de trabalho cooperativo entre museu-escola.”</p> <p>“... o museu pode ser visto como um complemento aos conteúdos abordados em sala de aula, uma forma de consolidação desses conteúdos ou como um ponto de partida para a introdução de um novo conteúdo. Isto tudo depende da temática, do perfil da turma e do método educativo subjacente e também da oferta do museu a ser visitado ...”</p>
<p>B. Compreensão dos serviços educativos nos museus</p>	<p>Os museus e as escolas</p> <p>Atividade</p>	<p>Atividades nos museus</p> <p>Serviços Educativos</p> <p>Experiência</p>	<p>Papel</p> <p>Contributo</p> <p>Importância</p>	<p>“... através das oficinas didáticas e com dinamizadores com formação adequada quer à temática como ao público-alvo! Desta forma, será possível fomentar a sensibilidade nos alunos, tornando-os mais reflexivos e críticos e ... deste modo, mais criativos, isto porque a criatividade precisa de ser alimentada através da observação e experimentação”</p>

<p>C. Identificação dos museus como fator de inserção cultural e artística</p> <p>D. Compreensão da relação do espaço museológico com a comunidade local (Monchique)</p>	<p>es nos museus para crianças e jovens</p> <p>Serviços educativos</p> <p>Museus como fator de inserção cultural e artística</p> <p>Relação do futuro espaço museológico com a comunidade local</p> <p>Oferta artística para as crianças e</p>	<p>artística como processo de aprendizagem fundamental</p> <p>Expressões artísticas como processo de inserção cultural</p> <p>Contributo do espaço museológico para a criatividade artística das crianças e jovens do concelho</p>	<p>Expressões artísticas</p> <p>Inserção cultural</p> <p>Experiência artística como processo de aprendizagem</p> <p>Reconhecimento da importância da casa-museu</p> <p>Contributo</p>	<p><i>“... devem ser desenvolvidas atividades lúdico-didáticas devidamente contextualizadas, pois são motivantes para os alunos e são um elemento facilitador da aprendizagem global, ora bem isto porque proporcionam o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e pessoal do aluno.”</i></p> <p><i>“... os museus têm a possibilidade de mostrar à sociedade toda a diversidade que a constitui, e através dessa divulgação será possível analisar, refletir e valorizar e é assim acontece a inserção”</i></p> <p><i>“... os museus têm a possibilidade de mostrar à sociedade toda a diversidade que a constitui, e através dessa divulgação será possível analisar, refletir e valorizar e é assim acontece a inserção.”</i></p> <p><i>“Considero que o museu deve organizar a receção aos alunos tendo em conta a sua idade e o contexto social em que estão inseridos, para que possa promover aprendizagem.”</i></p> <p><i>“... o importante mesmo é proporcionar a nível regional um acesso mais facilitado para que mais escolas e mais alunos possam visitá-los e beneficiar com as suas potencialidades ...”</i></p> <p><i>“... se existir na localidade um museu com interesse para a temática abordada ao longo do ano será feita uma visita.”</i></p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXOS IV
ATIVIDADE Nº 1 – VEM DECORAR A
GARRAFA!

VEM DECORAR A GARRAFA!

ATIVIDADE I

As artes são formas de saber que unem a imaginação, a razão e a emoção. O contato com as expressões artísticas influencia o modo como a criança aprende, como comunica e como interpreta os objetos.

A arte pode ser utilizada na formação da criança porque pode ajudar a estimular a sensibilidade, incentivando-a a pensar, sentir, agir, por meio de expressões artísticas.

A criança olha, cheira, toca, ouve, experimenta, sente, pensa, e ao interagir com o espaço e com os materiais, está a construir o conhecimento e a fazer as suas descobertas.

O conhecimento dá-se a partir das relações significativas, das percepções pessoais e sensoriais, das cores, movimentos, cheiros, sons e texturas.

Esta atividade consiste em colocar a criança como sujeito principal no processo de aprendizagem. A criança terá a oportunidade de utilizar diversos materiais, explorar cores, texturas, e produzir ações como escrita, pintura, recorte, colagem e desenho.

As crianças decoram as garrafas, tornando-as apelativas para que as possam levar para casa.

As técnicas e os materiais serão adequados à idade dos participantes.

A decoração da garrafa será realizada num molde, em papel cartolina.

No final da visita, as crianças levam para casa a garrafa decorada como produto final da atividade realizada.

As crianças e jovens têm a oportunidade de desenvolver a sua criatividade através das expressões artísticas, associada ao tema do museu.

Máximo 25 participantes

DURAÇÃO DA ATIVIDADE: (visita acompanhada e atividade), duração de 90 minutos

Destinatários: Pré-escolar, 1º, 2º e 3º Ciclos

VEM DECORAR A GARRAFA!

MATERIAIS:

Cores de cera, tintas, lápis de cor, canetas de feltro

Cartolinas, tesoura, cola, cores, pincéis

Papel, Carimbos

Molde em papel de uma garrafa (pré-escolar, 1º e 2º Ciclo)

Materiais recicláveis (papel, jornais, plástico e vidro)

Tintas acrílicas para artesanato

Verniz acrílico em spray

Guaches, pincéis, tintas

OBJETIVOS

Motivar o pensar, o estruturar e o concretizar

Estimular a memória

Estimular o sentido estético

Desenvolver a imaginação e a criatividade

Promover atitudes criadoras e criativas

Explorar vários materiais, incluindo materiais recicláveis

Explorar diferentes formas, texturas e técnicas

PREPARAÇÃO

Colocar os vários materiais nas mesas, e os respetivos moldes da garrafa

Indicar os lugares para as crianças procederem à decoração da sua garrafa

Proceder à construção do molde de papel em garrafa

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Depois da visita à exposição, é seguida a decoração da garrafa com diversos materiais. O grupo será conduzido para uma sala, onde as crianças decoram a garrafa, individualmente, utilizando a criatividade e a imaginação.

ANEXOS V
ATIVIDADE Nº 2 – APRENDE A ROTULAR A
GARRAFA!

APRENDE A ROTULAR A GARRAFA!

ATIVIDADE II

Redondos, quadrados, pequenos, grandes, bonitos, originais, coloridos, são milhões os rótulos em todo o mundo. E desde, sempre, tiveram ligados aos mercados das bebidas.

A rotulagem é uma indústria recente, surgiu na segunda metade do século XIX, mas só depois da Segunda Guerra é que se consagrou. A importância do rótulo liga-se a aspetos da evolução social, económica e industrial.

Os rótulos são fundamentais no contato visual entre a garrafa e o consumidor. O *design* dos rótulos continua a evoluir, na inovação e estética, havendo rótulos de bebidas desenhados por artistas conhecidos.

Com a ajuda dos computadores e das novas tecnologias de impressão, os rótulos são um dos segredos da imagem do sucesso ou insucesso das bebidas no mercado, cada vez mais conhecedor e exigente.

As crianças e jovens terão a oportunidade de utilizar diversos materiais, explorar cores e materiais, criar um nome e um logótipo para o rótulo da sua garrafa.

Os jovens criam os rótulos das garrafas, de forma a serem comercializadas.

Aprendem a importância dos rótulos, as informações que devem ter, o formato, a beleza, o *design* inovador e o tamanho das letras.

As crianças e jovens têm a oportunidade de desenvolver a sua criatividade e originalidade através das expressões artísticas. Esta atividade pode ser aplicada às novas técnicas de informação, no âmbito dos computadores, em programas específicos de *design* de rótulos de bebidas.

Máximo 25 participantes

Destinatários: 2º e 3º Ciclos e Ensino Secundário

DURAÇÃO DA ATIVIDADE: (visita acompanhada e atividade), duração de 90 minutos

APRENDE A ROTULAR A GARRAFA!

MATERIAIS:

Cores de cera, tintas, lápis de cor, canetas de feltro
Cartolinas, tesoura, cola, cores, pincéis
Papel
Carimbos
Molde do rótulo
Materiais recicláveis (papel, jornais, plástico e vidro)
Cola
Guaches, pincéis, tintas

OBJETIVOS

Desenvolver a imaginação, originalidade e a criatividade
Promover atitudes criadoras e criativas
Explorar vários materiais
Adquirir informação sobre a importância dos rótulos e as suas características
Explorar *designs*, tipos de letra, logótipos dos rótulos das bebidas
Explorar diferentes formas, texturas e técnicas
Estimular a memória
Aprender a importância dos rótulos e a informação que deve conter um rótulo
Motivar o pensar, o estruturar e o concretizar

PREPARAÇÃO

Colocar os vários materiais nas mesas, e os respetivos moldes dos rótulos
Indicar os lugares para as crianças/jovens procederem à elaboração do rótulo
Proceder à elaboração do rótulo

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Após observação de diferentes tipos de rótulos existentes nas garrafas expostas, solicita-se a cada participante que crie o seu próprio rótulo, individualmente.

ANEXOS VI
ATIVIDADE Nº 3 – JOGO DO MEDRONHITO

JOGO DE MEDRONHITO

ATIVIDADE III

REGRAS

Por meio do jogo a criança consegue expressar a sua curiosidade, desenvolver o sentimento de pertença e conhecer o outro.

Adquire hábitos e atitudes importantes para o convívio social e para o seu crescimento intelectual. Jogar exige troca de pontos de vista, o que favorece um maior avanço na organização do pensamento.

Os jogos devem ser usados como forma de incentivar a autonomia das crianças, principalmente porque envolvem regras. A regra é uma característica do jogo.

Jogar no museu é prazeroso e divertido. Jogar com a equipa, onde o monitor pode observar o desempenho das crianças e jovens, percebendo quais as estratégias a serem utilizadas pelos jogadores.

Enquanto joga, a criança amplia a sua capacidade corporal, sua consciência do outro, a percepção de si mesma como ser social, a percepção do espaço do museu e de como é possível explorá-lo.

Brincando, jogando, interagindo, a criança imita gestos e atitudes dos adultos, descobrindo o mundo a partir da vivência e da experimentação.

Utilizar atividades lúdicas como um jogo num museu, ajuda a tornar a visita mais significativa.

Por meio da brincadeira e do jogo, em a criança interage com o outro e com a cultura, a criança desenvolve o lado cognitivo, social, afetivo e psicomotor. Nesta perspectiva, o jogo é um importante componente na prática pedagógica e deve ser entendida como conhecimento e produtor de conhecimento.

Os jogos são excelentes para trabalhar a atenção, a interação, a concentração, a cooperação, despertar a curiosidade e a imaginação, além de, possibilitar ao jogador conhecer a cultura, a história, as tradições, os costumes, as principais atividades económicas, a fauna e flora do concelho de Monchique, seja qual for a idade e a escolaridade do jogador.

INSTRUÇÕES

O jogo do Medronhito é um jogo simples e fácil de jogar. O jogo, de grandes dimensões em forma de puzzle, como se fosse um tapete, para ser colocado no chão.

O tapete apresenta ilustrações relacionadas com o concelho de Monchique. As figuras possibilitam à equipa avançar algumas casas, recuar casas, ou ficar sem jogar uma vez.

Máximo 24 participantes, (visita acompanhada e atividade), duração de 90 minutos

4 Equipas – 6 jogadores cada equipa

Destinatários: 1º, 2º e 3º Ciclos e Ensino Secundário

JOGO DE MEDRONHITO

COMPONENTES:

- 1 Jogo dimensão: 4mx4m,
- 1 Dado dimensão: 30cmX30cm
- 4 Piões, em formato de garrafa dimensão 25 cm
- Cartões da sorte e do azar e cartões de perguntas

Nota: Existem 3 tipos de cartões de pergunta, em que o tipo de pergunta e o grau de dificuldade, está adequado à faixa etária e ao ano de escolaridade dos jogadores.

NÍVEL I – 1º ciclo (6-10 anos)

NÍVEL II – 2º ciclo (10-12 anos)

NÍVEL III – 3º ciclo e ensino secundário (13-19 anos)

OBJETIVO

Ser a primeira equipa a chegar à reta final

PREPARAÇÃO

1. Montar o puzzle e colocá-lo no chão
2. Colocar os cartões do azar e da sorte e os cartões das perguntas, de acordo com o grau de ensino e faixa etária dos jogadores, viradas para baixo
3. Formar as quatro equipas
4. Atribuir o pião a cada equipa

COMO JOGAR

- A equipa que tirar o maior número no dado será a primeira a jogar. A próxima equipa a jogar será a equipa que tirar o segundo número mais alto e, assim sucessivamente.
- Após jogar o dado cada jogador de cada equipa andará com o pião, casa a casa, o número de vezes sorteado.
- Quando o pião coincidir com a casa do azar ou da sorte, o jogador deverá executar a ação indicada.
- Quando o pião coincidir na casa da pergunta, o jogador deverá responder à pergunta. Se acertar avança 1 casa, se não acertar na resposta, recua 1 casa
- Podem ocupar uma casa mais do que um pião

VENCEDOR

- A primeira equipa que chegar à última casa do jogo

JOGO DE MEDRONHITO

CARTÕES PERGUNTA - Cartões Nível I - 1º ciclo (6-10 anos)

Se acertar na pergunta, avança 1 casa, se não acertar recua 1 casa

Como se chama o ponto mais alto da Serra de Monchique?

- a) Fóia
- b) Picota
- c) Caldeirão

Como se chama a árvore que dá o medronho?

- a) Figueira
- b) Amendoeira
- c) Medronheiro

Monchique é ...

- a) Cidade
- b) Vila
- c) Aldeia

Quantas freguesias têm o concelho de Monchique?

- a) 1
- b) 2
- c) 3

O Medronho é ...

- a) Árvore
- b) Flor
- c) Fruto

Em Monchique é possível encontrar árvores, com mais de 100 anos?

- a) Sim
- b) Não

Quando fazes um piquenique deves sempre ...

- a) Jogar o lixo no chão
- b) Colocar o lixo nos recipientes próprios

As árvores são importantes porque ...

- a) Produzem oxigénio para respirámos
- b) Produzem água
- c) Produzem calor

A Vila de Monchique tem um Castelo?

- a) Sim
- b) Não

Como se chama o Moinho de água em que existe em Monchique?

- a) Moinho de Marmelete
- b) Moinho da Fóia
- c) Moinho do Poucochinho

JOGO DE MEDRONHITO

CARTÕES PERGUNTA - Nível II - 2º ciclo (10-12 anos)

Se acertar na pergunta, avança 1 casa, se não acertar na pergunta recua 1 casa.

Monchique é ...

- a) Cidade
- b) Vila
- c) Aldeia

Como se chama a árvore que dá o medronho?

- a) Figueira
- b) Amendoeira
- c) Medronheiro

Como se chama o ponto mais alto da Serra de Monchique?

- a) Fóia
- b) Picota
- c) Caldeirão

Quais as principais tradições do concelho de Monchique?

- a) Morte Porc, Estila e Produção da Aguardente de Medronho
- b) Agricultura e Turismo

O Medronho é ...

- a) Árvore
- b) Flor
- c) Fruto

Em Monchique é possível encontrar árvores, com mais de 100 anos?

- c) Sim
- d) Não

O alambique utilizado na produção da aguardente de medronho é de que origem?

- a) Americana
- b) Árabe
- c) Portuguesa

Escolhe afirmação correta. Quando há um incêndio numa floresta devemos sempre :

- a) avisar um familiar e pedir para ligar para as autoridades 112 ou 117
- b) Ignorar

Em que ano Monchique recebeu o estatuto de Vila...

- a) 1530
- b) 1773
- c) 2012

Qual é a melhor altura do ano para a apanha do Medronho?

- a) Outubro
- b) Agosto
- c) Maio

Quantos metros de altitude tem o ponto mais alto da Fóia?

- a) 639 metros
- B) 774 metros
- c) 902 metros

Como se chama o Moinho de água em que existe em Monchique?

- a) Moinho de Marmelete
- b) Moinho da Fóia
- c) Moinho do Poucochinho

JOGO DE MEDRONHITO

CARTÕES PERGUNTA - Nível III - 3º ciclo (13-17 anos)

Se acertar na pergunta, avança 1 casa, se não acertar na pergunta recua 1 casa.

Monchique é ...

- a) Cidade
- b) Vila
- c) Aldeia

Como se chama a árvore que dá o medronho?

- a) Figueira
- b) Amendoeira
- c) Medronheiro

Como se chama os pontos mais altos da Serra de Monchique?

- a) Fóia e Picota
- b) Picota e Caldeirão
- c) Caldeirão e Fóia

As Caldas de Monchique foram marcadas pela presença de um povo antigo atraído pelo poder curativo das suas águas. Indica qual?

- a) Franceses
- b) Romanos
- c) Ingleses

O Medronho é ...

- a) Árvore
- b) Flor
- c) Fruto

Em Monchique é possível encontrar árvores centenárias?

- a) Sim
- b) Não

O alambique utilizado na produção da aguardente de medronho é de que origem?

- a) Árabe
- b) Céltica
- c) Germânica

Indicam como os romanos designaram as águas das termas de Monchique:

- a) águas puras
- b) águas romanas
- c) águas sagradas

Em que ano Monchique recebeu o estatuto de Vila...

- a) 1530
- b) 1773
- c) 2012

A área de florestas do Concelho de Monchique é ...

- a) 35% de área
- b) 75% de área
- c) 85% de área

Quantos metros de altitude tem a Fóia?

- a) 639 metros
- b) 774 metros
- c) 902 metros

Na Serra de Monchique predominam

- a) Eucaliptos, medronheiros e pinheiros
- b) Figueiras, cerejeiras e amendoeiras
- c) Oliveiras, cerejeiras e sobreiros

CARTÕES DA SORTE E DO AZAR – A equipa deve realizar a ação do cartão

FICAS SEM JOGAR 1 VEZ

**RETIRA 1 CARTÃO DAS
PERGUNTAS**

RECUA UMA CASA

**RETIRA 2 CARTÕES DAS
PERGUNTAS E RESPONDE**

RECUA DUAS CASAS

AVANÇA 1 CASA

RECUA TRÊS CASAS

AVANÇA 2 CASAS

JOGAR 2 VEZES

AVANÇA 3 CASAS

